



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

ANDRÉS RAFAEL DE ABREU CATANHO

O ESCUTISMO CATÓLICO E A FORMAÇÃO CRISTÃ DOS JOVENS HOJE

Dissertação Final

sob orientação de:

Doutor Paulo Fernando de Oliveira Fontes

Lisboa

2020

Resumo

Iniciado na ilha de Brownsea em 1907 em Inglaterra, com Robert Paden-Powell, o escutismo rapidamente se desenvolveu e espalhou pelo mundo. Em 1923 o arcebispo de Braga deu início ao escutismo católico em Portugal, por acreditar que se tratava dum válido instrumento para a formação humana e cristã das novas gerações. A dissertação visa seguir este movimento, dando particular atenção ao magistério da Igreja, para iluminar não só o presente, mas sobretudo o futuro do escutismo católico em Portugal.

Palavras-Chave

Escutismo, pedagogia, juventude, catolicismo, magistério

Summary

Begun on the island of Brownsea in 1907 in England with Robert Paden-Powell, scouting quickly developed and spread throughout the world. In 1923 the Archbishop of Braga began Catholic scouting in Portugal, believing it to be a valid instrument for the human and Christian formation of new generations. The dissertation aims to follow this movement, giving particular attention to the magisterium of the Church, in order to enlighten not only the present but above all the future of Catholic scouting in Portugal.

Keywords

Scouting, pedagogy, youth, Catholicism, magisterium

Introdução

Comecei a minha participação no CNE no ano 2010-2011, integrando a primeira secção, no agrupamento 412 Alfragide. No ano seguinte, 2011-12, estive com os Pioneiros e durante esse ano fiz o CI (Curso de Iniciação), no núcleo da Barra. No ano seguinte, 2012-13, fui para os Exploradores, participei no curso para ser Chefe, o XIIIº Curso de Iniciação Pedagógica (CIP), que concluí com êxito, tendo feito a promessa de Chefe no dia 16 de Novembro de 2013.

Nos dois anos seguintes, 2013-2015, estive em missão em Angola. Aí colaborei com os Exploradores do Agrupamento 139 S. Carlos Lwamga, núcleo 11, da paróquia de Nossa Senhora do Rosário, Km 9, em Viana, nos arredores de Luanda, onde permaneci até Dezembro de 2014, com a secção dos Exploradores. Nesse ano de 2014, em Dezembro, fui colocado na missão dehoniana no Luau a cerca de 1300 Km de Luanda e cerca de 12 Km da República Democrática do Congo. Nos meses em que lá trabalhei, fui um dos fundadores do Agrupamento 358 Santa Teresinha do Menino Jesus.

Em 2015 regressei a Portugal, e retomei a minha actividade no Agrupamento 412 Alfragide. Em 2015-2016 fui Chefe dos Pioneiros; em 2016-17 fui Chefe dos Caminheiros, a pedido do chefe de Agrupamento; em 2017-18 fui Áquelá dos Lobitos. Em 2018-2019, fui assistente adjunto de dois agrupamentos, do Forte da Casa, Agrupamento 1008 e da Póvoa de Santa Iria, Agrupamento 773, além de ser chefe de unidade da IV secção ou seja, do clã dos Caminheiros. Neste ano corrente sou chefe da quarta Secção e assistente adjunto do Agrupamento 163 Santa Cruz, Coimbra.

Este apontamento sobre a minha história no escutismo é para justificar a decisão em trabalhar o *escutismo* na dissertação de MIT, para cuja realização vou seguir o *método escutista*. Explico-me: o termo «escutismo» deriva do inglês «scouting», que significa «Explorador». Inspirado na vida militar em que era muito importante para o

reconhecimento do campo a ocupar ou atacar enviar «Exploradores» à frente para o reconhecerem, o termo foi importado por B. Baden Powell para designar o jogo dos rapazes, treinando-os para seguirem «trilhos», reconhecerem sinais, pistas, e assim adquirirem a capacidade de se orientarem de um modo autónomo da vida, que é o verdadeiro campo a explorar e a dominar. Assim, a dissertação tem um carácter «exploratório», da pista do escutismo, tal como foi pensado pelo Fundador, R. Baden Powell, acolhido pela Igreja como método de «exploração» das virtualidades dos rapazes para serem autênticos e responsáveis membros da cidade de Deus e da cidade dos homens, isto é, bons cidadãos e bons católicos, e a sua concretização no escutismo Católico em Portugal e como foi explorando o seu trilho, o seu caminho, entre os vários movimentos juvenis, procurando «explorar» e reconhecer o seu lugar próprio.

Está assim indicado o método «exploratório» da minha dissertação, o trilho a explorar, «escutando» as vozes autorizadas dos que foram desbravando o caminho do escutismo como escola e pedagogia de formação dos «jovens». Assim, a dissertação está organizado em três capítulos.

No primeiro capítulo, vou explorar o primeiro «trilho», percorrido por R. Baden Powell, procurando escutar atentamente a sua voz, descobrir os sinais que estão na origem do escutismo. Tem como título *No rasto do Fundador*, em que *rasto* tem o significado mesmo escutista, em que o Explorador vai seguindo os *sinais* que ele deixou à sua passagem, para alcançar o lugar onde seja possível *acampar*.

No segundo capítulo, vou seguir a primeira bifurcação do caminho trilhado por Baden Powell, pois o escutismo, ao ser assumido pela Igreja Católica, sofreu a primeira mudança de rumo, numa certa continuidade, é certo, mas adquirindo outros sentidos e valências. Este capítulo tem como título *O escutismo Católico*. Procuro orientar-me

escutando as vozes do Magistério da Igreja, que assumiu o método *exploratório* do escutismo, para o colocar ao ervíço da solicitude pastoral da Igreja pela juventude.

No terceiro capítulo, intitulado *O Escutismo católico em Portugal*, sigo a segunda bifurcação no trilho do escutismo, ou seja, a sua concretização em Portugal, em que muito cedo se implantou, começando pela arquidiocese de Braga, e depois para todo o território nacional, e como encontrou o seu campo próprio, no quadro dos diversos movimentos juvenis em Portugal, tanto da sociedade civil como eclesial. Aqui será a ocasião de observar a evolução, do ponto de vista sociológico, da sua implantação em Portugal, através de gráficos que nos dão uma ideia muito aproximada de como o escutismo estabeleceu o seu acampamento em Portugal.

O método que seguido, de tipo exploratório – os «Exploradores», como fase da pedagogia escutista – permite quase apenas uma aproximação descritiva, em que a preocupação é essencialmente de «escutar», de «registar» os elementos para o entendimento do perfil, da forma do escutismo, e não o seu conteúdo, por exemplo, no que diz respeito aos dois elementos essenciais, da cidadania e da espiritualidade. Não quer dizer que estejam ausentes; só que também aqui será feita apenas uma «aproximação» deixando para trabalhos futuros, se os puder realizar, a tarefa de fazer um tratamento sistemático. Mas um aceno, indicativo de novos trilhos, de novas pistas, será feito na conclusão.

No final da nossa dissertação apresentamos um conjunto de documentos, onde reunimos textos fundamentais nos quais o Escutismo se inspira: o Anexo 1, a Lei e os Princípios; o Anexo 2, a Carta do Escutismo Católico. Apresentamos também um conjunto de Gráficos que documentam a presença e a expansão do escutismo católico em Portugal.

CAP. I - NO RASTO DO FUNDADOR

Este primeiro capítulo está organizado em dois pontos. No primeiro, vamos apresentar o fundador do escutismo e como amadureceu em si este projecto. No segundo, vamos analisar as três obras principais de Baden-Powell sobre o escutismo, ou seja: “*Escutismo para Rapazes*”, “*A Caminho do Triunfo*” e “*Auxiliar do Chefe Escuta*”.

1. Baden-Powell e o escutismo¹

Robert Stephenson Smyth Baden-Powell nasceu em Londres, a 22 de fevereiro de 1857. Era o quinto de sete irmãos, filhos do pastor e professor catedrático de Oxford, Baden-Powell, e de Henriqueta G. Smyth, filha, por sua vez, do almirante inglês W. T. Smyth. Órfão de pai aos três anos de idade, teve todavia uma infância bastante viva e divertida, na companhia dos irmãos. Desde criança, aprendeu a cuidar de si através de caminhadas e excursões ao ar livre. A sua educação foi de certo modo espartana como narra um dos seus biógrafos, numa das obras traduzida em português².

Desde muito novo, Baden-Powell aprendeu a treinar o seu espírito de observação, sendo esta uma das principais características que cultivou ao longo da sua vida e que se tornaria uma das marcas do escutismo. O escutismo é uma escola de formação para a responsabilidade, para o cultivo do espírito de observação, para a criatividade e a auto-sustentação, de tal modo que, na vida adulta, o homem possa ser verdadeiramente criativo, responsável e feliz.

¹ Para este capítulo, vamos basear-nos especialmente em duas obras: R. BASTIN, *Baden-Powell, cidadão do mundo*, editada pelo CNE em 1980, e A. S. MÜLLER, *A Pista do Tesouro. Baden-Powell e o escutismo*, editada no Porto, em 1975.

² Cf. R. BASTIN, *Baden Powell. Cidadão do mundo*, Lisboa, CNE, 1980², 1-11.

Órfão de pai muito novo, Baden-Powell foi educado pela mãe com muito sentido de responsabilidade e de uma curiosidade que o lançava para a aventura, alimentando assim um desejo e paixão pela natureza, o que virá a constituir outra característica do escutismo: escuteiro é aquele que *explora* as possibilidades da vida ao ar livre e em contacto com a natureza.

Baden-Powell apercebeu-se, desde tenra idade, das suas capacidades de sobrevivência no meio das dificuldades da vida. Dois exemplos confirmam-no. O primeiro foi o empenho que revelou no cultivo de uma horta que foi entregue aos seus cuidados e onde aprendeu a extrair dela alimentos para a família. O outro exemplo temo-lo numa aventura por que passou, atravessando de barco o rio Tamisa com os irmãos, quando uma imprevista intempérie pôs o grupo em perigo de naufrágio, perigo esse enfrentado e superado pela coragem e perícia do jovem Baden-Powell. O escutismo, que ele fundará no final da sua longa vida de notáveis feitos militares, brotará espontaneamente dessa sua experiência de vida, que partilhará com os jovens, para que nessa escola aprendam a ser pessoas corajosas e valentes, no trilho que leva à felicidade.

Na sua formação liceal, foi muito importante para o jovem Baden-Powell o tempo em que frequentou o colégio da Charterhouse, em Londres. Aí exercitou a sua capacidade de representação e de improvisação, em peças de teatro e em momentos de entretenimento da escola. Depois da mudança das instalações para uma zona mais rural, onde à volta da escola havia uma mata extensa, pôde desenvolver a sua capacidade de exploração, descobrindo pistas de coelhos e de lebres aos quais punha armadilhas com a astúcia de verdadeiro caçador. Pode dizer-se que foi aí, na mata de Charterhouse, que Baden-Powell «encontrou a sua alma»³.

³ R. BASTIN, *Bem Powell Cidadão do mundo*, 21.

Terminados os estudos liceais, Baden-Powell ingressou no exército. Não se dando, nesse tempo, muita importância à exploração ou reconhecimento prévio do terreno, Baden-Powell contribuirá para fazer compreender a importância desse factor, de que depende em grande parte o desfecho favorável de uma batalha. É sua a célebre comparação que fez, nesse sentido, do oficial inglês: «tão ignorante da ciência de Explorador como um chimpanzé na da patinagem»⁴. Para o efeito, organizou cursos e exercícios e deu o exemplo. Dando continuidade ao que já fizera na escola de Charterhouse, fez da «exploração» não só uma técnica militar, mas também uma regra de vida. Tomava nota de tudo e com o abundante material recolhido escreveu os seus dois primeiros livros: “*Manual para instrução de cavalaria*” e “*Subsídios para a exploração*”, publicados respetivamente em 1884 e 1885⁵.

Em *Subsídios para a exploração* cingia-se a uma metodologia simples, que consiste em agrupar os homens em pequenas unidades de seis e utilizar o jogo como forma de desenvolver as suas faculdades. Com esse método, consegue desenvolver o carácter, com meios práticos, entendendo por carácter a coragem, a segurança, a confiança em si próprio e a sagacidade, que são os fundamentos da personalidade do Explorador. O livro teve um sucesso enorme, despertando o interesse entre os educadores, que o aplicaram aos jovens. Daí surgiria o escutismo⁶.

Da carreira militar de Baden-Powell, sobressai um facto memorável, quando, na guerra do Transval em 1889, comandou a guarnição de Mafeting⁷. Tendo poucos soldados, treinou civis capazes de empunhar uma arma, organizando um grupo de jovens cadetes, os adolescentes da cidade, aos quais confiou as tarefas de apoio, como cozinha,

⁴ R. BASTIN, *Baden Powell cidadão do mundo*, 47.

⁵ R. BASTIN, *Baden Powell cidadão do mundo*, 48.

⁶ R. BASTIN, *Baden Powell cidadão do mundo*, 152-153.

⁷ R. BASTIN, *Baden Powell cidadão do mundo*, 154-170.

comunicações, primeiros socorros, etc. Graças a esses recursos, à inteligência e coragem do seu comandante, foi possível a cidade resistir a forças superiores até chegarem reforços. O modo como os jovens desempenharam as suas tarefas, os seus exemplos de dedicação, lealdade, coragem e responsabilidade causaram grande impressão em Baden-Powell e foi assim que aquele acontecimento teve uma grande influência na criação do escutismo.

Durante uma viagem à Inglaterra, Baden-Powell teve conhecimento do sucesso da sua obra *Subsídios para a exploração* nas escolas e em organizações juvenis, um texto que na sua origem se destinava aos militares. Sugerem-lhe que faça uma adaptação de modo que sirva não só aos soldados, mas também à juventude masculina em geral. Assim, começa ele a redigir, por fascículos, a sua obra *Exploração para rapazes*, cujo primeiro fascículo aparece em junho de 1906. O objetivo é «desenvolver nos rapazes o poder de sentir com os outros, o espírito de sacrifício e de civismo e, em geral, prepará-los para se tornarem bons cidadãos. O método sugerido para isso é tornar os rapazes observadores do pormenor, desenvolver-lhes o poder de raciocínio e propor-lhes, ao mesmo tempo, «o espírito de renúncia e a fidelidade ao dever»⁸. Baden-Powell queria fazer algo por esses dois milhões de rapazes fracos e amorfos que viviam em Londres, ajudando-os a formarem o carácter para porem a sua personalidade ao serviço da pátria e dos jovens.

Nessa perspetiva, fez uma significativa experiência na ilha de Brownsea, na costa sul da Inglaterra. De 15 de julho a 9 de agosto de 1907, fez um primeiro acampamento, com vinte rapazes dos 12 aos 16 anos de idade, onde pôs em prática o seu método pedagógico: observação e dedução, que são basilares no escutismo⁹.

⁸ R. BASTIN, *Baden Powell cidadão do mundo*, 180.

⁹ R. BASTIN, *Baden Powell cidadão do mundo*, 192.

Encorajado pelos bons resultados desse acampamento, Baden-Powell começou a escrever o livro “*Escutismo para Rapazes*”¹⁰, que publicou no ano seguinte, em 1908. O livro é constituído por 25 palestras, organizadas em 9 capítulos: a arte do Explorador, as atividades da campanha, a vida de campo, o seguimento de pistas, a história natural, a resistência do escuteiro, a fidalguia dos cavaleiros, os salvamentos e os deveres de cidadãos.

Deste manual, gostaria de destacar o cuidado em educar os rapazes a cultivar o espírito de cavaleiros, no sentido de *cavalheirismo*, de *gentleman*, que distingue pela virtude e a boa educação o verdadeiro cidadão. O escutismo apresenta-se, assim, como uma escola de civismo e cidadania.

No desenvolvimento do escutismo na vida de Baden-Powell, merece destaque o *lobitismo*. Nasceu este «do encontro de um poeta da palavra com um poeta da ação»¹¹, ou seja, do encontro de Baden-Powell (poeta da acção) com Rudyard Kipling (poeta da palavra), autor do “*Livro da Selva*”¹², publicado em Nova York em 1894. Este livro narra a linda história de um menino, *Mowgli*, que cresce entre os animais, um urso (Baloo), uma Pantera (Bagheera), um lobo chefe da alcateia (Akela) e o terrível Tigre (Shere Khan). Nesta linda alegoria, em que Mowgli, pelos caminhos da selva, vai descobrindo a sua personalidade e colocando a sua coragem e força ao serviço da comunidade, é proposto um modelo de educação do carácter dos jovens, mesmo de tenra idade, que são convidados a encontrar o seu caminho no meio da selva, que representa, de certo modo, a aventura da vida. Foi no livro da selva que Baden-Powell colheu a inspiração para os *Lobitos*: «Do Livro da Selva sairá o quadro do seu *lobitismo*, a parábola educadora, com

¹⁰ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes. Manual de educação cívica pela vida ao ar livre*, Lisboa, CNE, 1918.

¹¹ R.BASTIN, *Baden Powell cidadão do mundo*, 219.

¹² R. KIPLING, *O livro da Selva*, Porto Editora, 2016.

a qual ensinará os benjamins a pôr a sua vida de crianças ao serviço dos outros, a viver, por seu turno, a bela aventura de *Mowgli*»¹³.

Os *Lobitos* eram os irmãos mais novos (dos 6 aos 11 anos) dos *Exploradores* (dos 12 aos 15 anos). Faltava agora propor um ideal para os jovens de 16 anos. Foi assim que surgiu a etapa dos *Caminheiros*, dos jovens a partir dos 16 anos, aos quais era necessário propor objetivos determinados. Era o terceiro grau da educação do escuta, a quem se propunha o *serviço*, que fazia dele, do Caminheiro, um bom cidadão. Para ajudar os jovens Caminheiros Baden-Powell compôs o seu melhor livro, “*A Caminho do Triunfo*”¹⁴, que publicou em 1922, e dedicava «aos jovens para conduzirem a sua vida como um desporto viril»¹⁵. A vida é vista como um jogo em equipa, onde se luta por um objetivo, que é triunfar na vida. Isso depende, porém, da formação do carácter, temperado na superação corajosa das dificuldades e em ultrapassar os «escolhos», em que é possível naufragar. Esses escolhos eram os cavalos, o vinho, as mulheres, os cucos e impostores e a irreligião.

No “*Escutismo para Rapazes*” eram dadas aos jovens indicações de como se deveriam desenrascar, treinando o espírito de observação e de exploração das pistas de orientação. Em “*A Caminho do Triunfo*” é proposto um ideal de vida através da formação do carácter numa vida rude e sã na natureza: «um carácter só pode forjá-lo o jovem por uma vida rude e sã na natureza, um desejo constante de perfeição, um dom generoso de si próprio aos outros, um sentido positivo do humor e noção clara do que Deus espera dele. Ser um jogador na equipa de Deus é um grito exultante para um coração de vinte anos»¹⁶.

¹³ R. BASTIN, *Baden Powell cidadão do mundo*, 220.

¹⁴ R. BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo. A Vida é um jogo – Livro para Jovens*, Lisboa, CNE 2018.

¹⁵ R. BASTIN, *Baden Powell cidadão do mundo*, 241.

¹⁶ R. BASTIN, *Baden-Powell cidadão do mundo*, 243.

2. O escutismo segundo R. Baden-Powell

2.1. *O gosto de viver ao ar livre e a vida como um jogo*

O livro “*Escutismo para Rapazes*” tem como subtítulo «manual de educação cívica pela vida ao ar livre». Trata-se de um manual de instruções para cultivar a vida ao ar livre. O escutismo é apresentado como um jogo que se faz em contacto com a natureza, portanto, na forma de *acampamento*.

O *Prefácio* é um texto precioso de Baden-Powell, escrito muito depois da primeira edição, pois fala já da existência de cerca de três milhões de escuteiros em todo o mundo. É uma espécie de *memória*, oferecida aos escuteiros que vão ler o livro. Começa por recordar a todos que também ele já foi rapaz – *também já fui rapaz* -, e partilha com o escuteiro o que foi a sua vida de gosto pela aventura: com os seus irmãos, nas suas explorações marítimas num barco à vela que possuíam; nas horas vagas dos trabalhos escolares, as suas explorações nos bosques, a apanhar coelhos e a cozinhá-los, e a observar os pássaros e a seguir pistas de animais; na vida militar, como se divertia a mais não poder dedicando-se à caça grossa nas selvas da Índia e da África. Foram essas experiências extremamente agradáveis que o levaram a partilhá-las com os rapazes da metrópole, para que também os contagiasse, pois sabia que todo o rapaz genuíno, de sangue nas veias, suspira por aventuras e pela vida ao ar livre. Quis, com esse livro, mostrar-lhes como deviam proceder, se quisessem fazer a mesma experiência de liberdade.

O livro contém sugestões que os rapazes podem seguir mesmo sem professor. Mas não foi só para os rapazes se divertirem que Baden-Powell escreveu o livro; esperava que, divertindo-se, os rapazes formassem o carácter e se preparassem para serem úteis aos outros e à pátria, sendo capazes de correr riscos e superá-los:

«um escuteiro genuíno», diz Baden-Powell, «é tido pelos outros rapazes e pelos adultos por pessoa em quem se pode confiar, pessoa que não deixará de cumprir o seu dever, por muito arriscado e perigoso que seja, pessoa que se mostra alegre e bem disposta, por maiores que sejam as dificuldades que se lhe apresentem». Este livro, conclui o autor, «inclui tudo quanto é preciso para fazer de vós bons escuteiros deste género»¹⁷.

O “*Escutismo para Rapazes*” será o manual nas mãos do escuta para viver o ideal nele proposto. É composto de nove grandes capítulos, que descrevem todo o arco da atividade escutista, desde a *entrada para o escutismo* até ao fim, perfazendo um total de 26 palestras. Todos os capítulos, à exceção do primeiro e do último, são constituídos de três palestras *bivaque*.

Capítulo Primeiro: A arte do Explorador

O tema deste primeiro capítulo é a “*arte do explorador*”. Consta ele de quatro *palestras bivaque*.

A *primeira palestra bivaque* é dedicada aos «serviços dos exploradores». Baden-Powell começa por afirmar que «não há rapaz que não queira servir a sua Pátria de uma forma ou doutra»¹⁸. Nos exércitos, são muito importantes os soldados que fazem o reconhecimento do campo. São esses os Exploradores que dão informações preciosas ao exército. São treinados para conseguirem, em situações extremas, correr riscos. Mas não é apenas em situações de guerra que são úteis os Exploradores; também o são em situações de paz. Daí que haja duas espécies de Exploradores: os Exploradores na guerra e os Exploradores na paz. Ambos são necessários para a pátria. O que Baden-Powell pretende é formar os rapazes para serem sobretudo Exploradores na paz. No fundo, o escutismo será precisamente isso, o que se compreenderá melhor desde o princípio, se se tiver em conta que a palavra *scout* em inglês significa *explorador*.

¹⁷ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 12.

¹⁸ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 19.

Para ilustrar a sua tese, Baden-Powell conta duas histórias: uma literária, *As aventuras de Kim*, de Rudyard Kipling, e outra que é uma história verídica, dos rapazes de Mafeting, cidade que ficou cercada durante a guerra sul-africana em 1899-1900. Essas duas histórias ilustram como o treino, a atenção aos pormenores, que são o essencial da arte da exploração, são úteis em qualquer situação de emergência, e é isso que ele pretende que sejam os escutas, Exploradores pacíficos, como o Kim de Kipling e os cadetes de Mafeting: «um explorador de paz tem muito que fazer, em qualquer ocasião e em qualquer lugar onde se encontre»¹⁹.

A *segunda palestra bivaque* trata do que «os escuteiros poderão fazer». Para isso, para que sejam bons Exploradores, é preciso que o escuteiro conheça as matérias que são o requisito fundamental:

«Em primeiro lugar, o escuteiro deve gostar de *viver ao ar livre*, pois a parte mais agradável da vida do explorador é o acampar. Viver ao ar livre, sob o olhar de Deus, no meio das colinas e das árvores e das aves e dos matos, do mar e dos rios – ou seja, viver com a natureza, cada um em seu pequeno abrigo de lona, cozinhando e explorando por sua conta – tudo isto dá saúde e alegria tais como se não podem experimentar entre os tijolos e o fumo da cidade»²⁰.

Para isso, o escuteiro deve ter conhecimentos da *história natural*, tudo o que diz respeito aos animais, para seguir os seus trilhos, não propriamente para matar, «pois todo o interesse da caça está na habilidade de seguir os animais e não de os matar»²¹, embora isso possa vir a ser necessário, quando precisar da carne para comer. Deve conhecer as plantas, as ervas, para saber quais são comestíveis e quais as que são úteis para efeitos de cura. O escuteiro deve também cultivar a capacidade de interpretar os sinais que encontra na natureza, pegadas dos animais, de homens, de modo que saiba quem por lá passou, o

¹⁹ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 27.

²⁰ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 29.

²¹ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 30.

que pode ser útil em muitas circunstâncias, nomeadamente quando terá de ir socorrer um necessitado. A propósito dessa capacidade de observação, diz Baden-Powell que «é vergonha para um escuteiro, quando acompanhado, que outros notem qualquer coisa, pequena ou grande, próxima ou distante, alta ou baixa, sem que ele a tenha notado primeiro»²².

Em segundo lugar, o escuteiro deve conhecer a *cavalaria*, pois a Lei do escuteiro²³ inspira-se nos ideais dos antigos cavaleiros medievais. Como para o antigo cavaleiro, também para o escuta a sua *honra* deve ser algo de muito sagrado:

«eram incapazes de praticar uma acção desonrosa, como mentir ou roubar. Preferiam morrer a fazê-lo. Estavam sempre prontos a combater e a morrer em defesa do rei, da religião e da honra. Cada cavaleiro tinha um pequeno séquito formado por um escudeiro e alguns homens de armas, precisamente como o nosso Guia de patrulha tem o seu Sub-Guia e quatro ou cinco escudeiros»²⁴.

Do código de conduta dos cavaleiros medievais fazia parte a sua honra, a sua lealdade a Deus, ao rei e à pátria, a cortesia para com as mulheres, as crianças e os fracos, e o prestar um serviço todos os dias. Assim devem ser os escuteiros: inspirar-se nos antigos cavaleiros e serem autênticos *cavalheiros*, cortesês e delicados, praticando todos os dias uma boa acção, como mínimo. Por isso, diz Baden-Powell: «façamos um nó no lenço para nos lembrarmos dela. Se alguma vez nos esquecermos de fazer a boa acção, façamos duas no dia seguinte. Lembremo-nos de que, pela Promessa Escutista²⁵, estamos *pela nossa honra* obrigados a proceder assim»²⁶.

Em terceiro lugar, os escuteiros devem estar preparados para fazer *salvamentos*, em situações de algum desastre, e por isso estarem preparados para os primeiros socorros.

²² R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 31.

²³ Cf. ANEXO 1, PAG. 102.

²⁴ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 32.

²⁵ Cf. ANEXO 1, 103.

²⁶ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 33.

Para desempenhar todos estes deveres, o escuteiro deve ter *resistência* física, uma saúde forte. Deve dormir frequentemente ao ar livre, habituar-se a dormir sempre com a janela aberta, tanto no inverno como no verão, respirar pelo nariz e não pela boca, tomar um banho diário, mesmo com água fria.

Finalmente, o escuteiro deve cultivar e ter um grande *amor à Pátria* e estar sempre disposto a colaborar pelo bem comum: «em tudo o que fizerdes, pensai na vossa Pátria. Não gasteis todo o vosso tempo e dinheiro apenas em vos divertirdes, mas pensai primeiro como podereis contribuir para o bem comum»²⁷.

A *terceira palestra bivaque* explica como se dá a *entrada para o escutismo*. O processo da entrada no escutismo começa com a inscrição numa patrulha e por fazer a «prova da terceira classe» que visa mostrar que o rapaz «vale alguma coisa e que está disposto a perseverar»²⁸. Baden-Powell passa depois a tratar dos temas que são importantes e que o rapaz que é admitido deve aprender: a lei do escuteiro, a promessa, a divisa, o distintivo escutista, a saudação e o sinal escutista – quando é feito e o que significa –, a investidura, o progresso no escutismo, o uniforme e como se usa e a vara do escuteiro.

São de realçar, pelo seu significado, a divisa e o distintivo do escutista. A divisa é «Sempre pronto» ou «Alerta», que significa que o escuteiro há-de estar sempre física e mentalmente pronto para cumprir o seu dever²⁹. O distintivo, por sua vez, é a flor-de-lis, que, num mapa ou numa bússola, indica o Norte: «É o distintivo do escuteiro, porque aponta a direcção própria e para o alto. Mostra-te a maneira de cumprires o teu dever e auxiliares os outros. As três pontas fazem lembrar as três partes da Promessa»³⁰.

²⁷ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 35.

²⁸ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 41.

²⁹ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 42.

³⁰ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 42.

A *quarta palestra de bivaque* trata das «patrulhas de escuteiros»:

«Cada Grupo de escuteiros consta de duas ou mais patrulhas de seis ou oito rapazes. O fim principal do sistema de patrulhas é atribuir verdadeira responsabilidade a tantos rapazes quantos for possível. O sistema mostra a cada rapaz a sua responsabilidade pessoal no bem da patrulha e leva cada patrulha a reconhecer que tem responsabilidade bem definida no progresso de todo o Grupo. Por meio do sistema de patrulhas, os escuteiros vêm a reconhecer que têm voz activa em tudo quanto o seu Grupo faz»³¹.

Cada patrulha tem um *guia* que é «responsável pela eficiência e aprumo da patrulha»³² e fazer com que cada um dos rapazes que lhe são confiados seja um «homem bom»³³, o que conseguirá se der o exemplo de cumprir aquilo que manda:

«Em todos os misteres se precisa de jovens a quem se possam confiar responsabilidade e funções de mando. Por isso, o Guia que dirigiu a sua patrulha tem muita probabilidade de alcançar êxitos na vida, quando entrar no mundo da actividade. A maior parte das actividades da patrulha consta de jogos e de práticas pelas quais os escuteiros alcançam experiência»³⁴.

A palestra trata, em seguida³⁵, dos conselhos de guias, dos nomes e símbolos das patrulhas, das respetivas divisas e gritos, dos sinais de pista e dos animais da patrulha. O escuteiro deve conhecer bem o que diz respeito ao animal da sua patrulha, como forma de se iniciar na história natural. A palestra trata também das actividades de patrulha, dos jogos, dos debates, dos simulacros de julgamento, de dramas que se devem improvisar, das canções e das danças guerreiras, das actividades que se podem realizar ao ar livre ou à abrigada e também prevê as actividades para o inverno nos países do norte.

Capítulo Segundo: Actividade de campanha

Fazem parte deste segundo capítulo as palestras bivaque 5, 6 e 7.

³¹ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 51.

³² R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 51.

³³ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 52.

³⁴ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 52.

³⁵ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 52-65.

A palestra bivaque n° 5 baseia-se na vida ao ar livre e aborda sucessivamente os seguintes temas: exploração, montanhismo, serviço de patrulha, trabalhos noturnos, orientação e conhecimento do tempo.

Baden-Powell introduz a palestra contando o que se passa na tribo dos Zulus, no rito de iniciação dos rapazes, que inspira tudo o que diz respeito à técnica e à pedagogia escutista. Vale a pena reproduzir extensamente a referência ao pormenor:

«Na África do Sul a melhor das tribos era a dos Zulus. Todos os homens eram bons guerreiros e bons exploradores, porque tinham aprendido a exploração em rapazes. Quando um rapaz atingia a idade de guerreiro, despojavam-no do vestuário e pintavam-no todo de branco. Davam-lhe um escudo para se defender e uma azagaia ou pequena lança para matar os animais ou os inimigos. Depois levavam-no para o mato e soltavam-no.

Se alguém o visse enquanto andava ainda branco, persegui-lo-ia e matava-o. E a tinta branca levava cerca dum mês a desaparecer e não era possível tirá-la com lavagens.

Por isso durante um mês o rapaz tinha de se esconder na selva e viver como pudesse. Tinha de seguir o rasto do veado e arrastar-se até perto do animal para o poder matar com a lança e alimentar-se e vestir-se. Precisava de fazer lume para cozinhar friccionando dois paus um contra o outro. Tinha de ter muito cuidado com o lume para que não fizesse muito fumo e não o denunciasse aos exploradores que lhe andavam na peugada para lhe darem caça.

Precisa de estar apto a percorrer grandes distâncias, subir às árvores e atravessar os rios a nado para escapar aos seus perseguidores. Tinha de ser valente para se defrontar com um leão ou qualquer outro animal feroz que o atacasse. Tinha de conhecer as plantas que eram boas para comer e as que eram venenosas. Tinha de construir para si uma cabana bem escondida para nela se abrigar.

Para onde quer que fosse, tinha de se acautelar em não deixar pegadas pelas quais o pudessem seguir. Durante um mês tinha de viver esta vida, ora com calor abrasador, ora ao frio e à chuva.

Quando, por fim, a pintura tivesse desaparecido, podia regressar à aldeia. Era então recebido com grande alegria e autorizado a tomar lugar entre os jovens guerreiros da tribo. Provava que já era capaz de tomar conta de si mesmo. Na América do Sul os rapazes da tribo lagane – lá para as regiões frias e chuvosas da Patagónia – antes de lhes ser permitido considerarem-se homens, também se submetem a uma prova de coragem que consiste em cravarem uma lança profundamente na coxa sem deixarem de sorrir apesar da dor.

É prova cruel que mostra bem como estes selvagens compreendem a necessidade de os rapazes aprenderem a ser viris em lugar de os deixarem transformar-se noutros parasitas que do trabalho só sabem contemplar o dos outros.

Os antigos rapazes britânicos recebiam criação semelhante antes de serem considerados homens.

Se todos os rapazes se aplicarem diligentemente à arte da exploração, terão, no fim de certo tempo, direito a chamarem-se exploradores e homens e reconhecerão que não terão dificuldade nenhuma em olhar por si próprios»³⁶.

³⁶ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 67-69

Esta história serve a Baden-Powell para motivar os escuteiros a serem autônomos, a cuidarem de si e dos outros, tal como o rapaz da tribo dos Zulus. Daí a importância que tem para um escuteiro saber ler uma carta topográfica e os mapas geodésicos; fazer expedições no campo, se os membros da patrulha são da cidade ou na cidade, se os membros da patrulha são do campo; praticar montanhismo, para o que é necessário saber manejar cordas nas escaladas das montanhas. Para não se perder, o escuteiro deve levar uma bússola e saber usá-la, mas também deve ser capaz de se orientar pelo sol e pelas estrelas; deve ser capaz de reconhecer os sinais do tempo: se fará sol ou haverá chuva, pelo que deve saber interpretar um barómetro. Daí que sejam importantes os jogos de orientação. Tudo isso é importante para que o rapaz seja corajoso, tenha espírito de sacrifício, possa ir em ajuda de quem tiver necessidade, seja útil aos outros e, por conseguinte, à Pátria; seja capaz de responsabilidade, quando tiver uma profissão, e não seja mole, um «pata-tenra». Diz Baden-Powell que:

«os homens que são criado em país civilizado não têm preparação nenhuma para enfrentar a vida do sertão, do mato ou da selva. Em consequência disso, quando se instalam num país selvagem, sentem-se durante muito tempo totalmente desorientados e passam muitas privações e incómodos que evitariam, se tivessem aprendido na mocidade a olhar por si no campo. Não passam de ‘patas-tenras’»³⁷.

A palestra bivaque n.º 6 trata dos escuteiros do mar e do ar. É uma palestra muito breve. Baden-Powell explica a importância de saber nadar, não só para a própria sobrevivência, mas também para estar pronto a ajudar a salvar alguém em necessidade. Os que vivem à beira da água devem saber manobrar um barco. É uma «prática excelente para uma patrulha pegar num barco e explorar um rio ou fazer uma excursão através do país»³⁸ como ele fez uma vez com dois dos seus irmãos; mas, para isso é condição

³⁷ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 70-71.

³⁸ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 95.

fundamental que todos saibam nadar. E o que se diz dos *escuteiros do mar* também se pode dizer dos *escuteiros do ar*:

«os escuteiros do ar fazem agora parte da nossa organização escutista em muitos países. Mas precisamente como os escuteiros do mar, têm de estar também preparados, como todos os outros escuteiros, para o Escutismo geral em terra, pois todos precisam de ser observadores e expeditos»³⁹.

A *palestra bivaque n.º 7* trata dos sinais e vozes de comando.

Baden-Powell começa essa palestra afirmando que «os escuteiros precisam de ser hábeis em transmitir secretamente notícias de um lugar para o outro ou em sinalizar uns para os outros»⁴⁰. Recorda a sua experiência durante o cerco de Mafeting, em que recebeu uma mensagem secreta de um amigo desconhecido, do Transval, e que lhe chegou numa carta muito pequena, enrolada em bolinha do tamanho de uma pílula e colocada num minúsculo orifício duma bengala. Esta e outras situações servem para Baden-Powell afirmar que os escuteiros também devem ser capazes de comunicar entre si de modo que os outros não percebam. Precisam, por isso, de aprender a sinalética, servir-se de sinais do fogo, utilizar sinais sonoros, aprender Morse: «todo o escuteiro deve aprender o código de sinalização Morse»⁴¹. Além disso, deve aprender as vozes de comando, os sinais do apito, que todo o escuteiro traz consigo e os sinais de mão com bandeirolas. Para isso, propõe vários exercícios, entre os quais o de corrida de estafetas, como forma de transmissão rápida de mensagens.

O terceiro capítulo: vida de campo

Constituem o terceiro capítulo as palestras de bivaque 8, 9 e 10.

³⁹ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 98.

⁴⁰ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 101.

⁴¹ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 105.

A *palestra bivaque n.º 8* trata do *pioneirismo*, ou seja, a arte de fazer nós, construir cabanas, abater árvores, construir pontes, fazer medições pessoais e de cálculo de alturas e distâncias. Todos estes temas são importantes, porque «os pioneiros são homens que vão à frente a abrir caminho na selva ou noutra terreno, para os que vêm atrás»⁴². Nela recorda Baden-Powell:

«Quando eu servia na costa ocidental de África comandava um numeroso grupo de exploradores indígenas e, como todos os exploradores, procurávamos por todas as formas ser úteis ao grosso do exército que nos seguia. Não só procurávamos o inimigo para lhe observar os movimentos, mas fazíamos também o possível para melhorar o caminho seguido pelo nosso exército, que não passava de um carreiro através de espessas brenhas e de pântanos. Por isso fazíamos de pioneiros, bem como de exploradores. No decorrer da marcha construimos quase duzentas pontes sobre os cursos de água com postes amarrados uns aos outros. Mas de primeira vez que pus os homens a fazer este trabalho importante verifiquei que, de mil homens, uma grande parte deles não sabia servir-se do machado para derrubar árvores; e, à exceção duma companhia de uns sessenta homens, ninguém sabia fazer um nó, nem sequer um nó mal feito»⁴³.

Esta história pessoal e outra de uma situação nas cataratas do Niágara, em que três pessoas morrerem, porque – disse alguém – «se houvesse lá escuteiros teriam achado meio de salvar aquela gente»⁴⁴, dão o tom a esta palestra, que procura ensinar como fazer nós, como construir cabanas, como usar o machado, como abater árvores, como construir pontes; como fazer medições pessoais úteis, usando as dimensões dos dedos, dos braços, dos passos; como calcular distâncias, a largura dum rio, a altura de uma casa, de uma árvore ou de uma torre; como avaliar pesos e números, por exemplo, calcular rapidamente o número de pessoas que se encontram num grupo. Tudo isso são conhecimentos muito úteis, que todo o escuteiro tem de saber.

⁴² R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 113.

⁴³ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 113-114.

⁴⁴ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 115.

A *palestra bivaque n° 9* trata do *campismo*. Nela oferecem-se indicações sobre a montagem do campo, sobre o terreno e o material da montagem, a construção de fogueiras e a limpeza do campo. Dão-se indicações precisas sobre a instalação das tendas, o abastecimento de água, a cozinha. Têm a sua importância as latrinas, a escala dos serviços no acampamento, os banhos e a natação, as camas da campanha, a construção de um colchão, inclusive as maneiras de estar de cócoras, as fogueiras e a sua disposição, a limpeza do terreno, o modo de enxugar a roupa, o alinho, os fogos de conselho, a limpeza do terreno e das únicas coisas que os escuteiros deixam atrás quando levantam o acampamento: «Lembraí-vos de que as duas únicas coisas que deixais atrás de vós, ao levantar o campo, são 1. Nada e 2. Os agradecimentos ao proprietário do terreno»⁴⁵.

A *palestra bivaque n° 10* trata da *culinária de campo*.

Porque «todo o escuteiro precisa de saber cozinhar carne e hortaliças e fazer pão, sem utilizar os utensílios usuais», esta palestra ensina como é que se há de cozinhar carne, aves e peixes, como montar a cozinha de campo, como fazer pão num forno apropriado para o efeito. Em nome da divisa «O escuteiro é limpo», é recomendado que se cuide particularmente.

quarto capítulo: seguimento de pistas

O quarto capítulo consta de três palestras, as *palestras bivaque* são a 11, 12 e 13.

A *palestra bivaque n° 11* é dedicada à *observação dos sinais*.

Explica Baden-Powell que:

«sinais é a palavra que os exploradores empregam para designar vestígios como pegadas, ramos quebrados, erva pisada, restos de comida, uma gota de sangue, um cabelo, etc., que sirvam de indício para se obter a informação desejada»⁴⁶, pois «uma das coisas mais importantes que um escuteiro tem de aprender, quer seja escuteiro de

⁴⁵ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 152.

⁴⁶ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 163.

guerra ou caçador, quer seja escuteiro de paz, é que nada escape à sua atenção»⁴⁷.

Segundo Baden-Powell, «é grande vergonha para um escuteiro que um estranho descubra, perto ou longe, qualquer coisa que ele não visse primeiro»⁴⁸.

Posto isso como princípio, a palestra passa a chamar a atenção para o facto de ser fundamental treinar a atenção para se descobrirem as particularidades das pessoas, nomeadamente para o modo como andam, para o calçado, para o modo como põem o chapéu, sendo assim capazes de descobrir o seu carácter, o que fazem, a que classe social pertencem, etc.. Devem os escuteiros treinar a sua atenção para repararem em tudo o que acontece à sua volta, como na história de Kim ou no detective Sherlock Holmes. Por exemplo, no campo, é importante prestar atenção às pegadas. A palestra termina dando alguns exemplos de jogos que ajudam a treinar o espírito de observação do escuteiro.

A palestra bivaque n.º 12, é dedicada ao pormenor de seguir o rasto.

Para Baden-Powell, as pegadas são tão importantes que lhes dedica uma inteira palestra. Recorda ele, sobretudo, o exemplo dos pisteiros dos peles vermelhas, exímios em interpretar os sinais das pegadas, pormenor deveras importante para o Explorador, para o caçador e, portanto, para o escuteiro. A palestra apresenta um verdadeiro tratado sobre as pegadas humanas e dos animais, que permite chegar a calcular o andamento do autor das pegadas e o tempo em que foram deixadas, a partir da observação do estado do terreno e de outros indícios.

A palestra termina com algumas sugestões para atividades em patrulha, destinadas ao treino dos escuteiros na observação e interpretação de pegadas.

⁴⁷ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 164.

⁴⁸ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 164.

A *palestra bivaque n.º 13*, terceira e última do capítulo quarto, é dedicada à *interpretação de sinais* ou *dedução*.

Começa Baden-Powell por afirmar que «depois de aprender a notar sinais, o escuteiro precisa de aprender a combinar as observações e interpretar o que viu. É o que se chama dedução»⁴⁹. Com o recurso a diversas histórias, da polícia, do exército, da sua experiência em África, na guerra dos Matabeles e da literatura policial, como em Sherlock Holmes, Baden-Powell chama a atenção para a necessidade de o escuteiro se treinar em relacionar os sinais uns com os outros e, portanto, a deduzir deles o conhecimento que procura. Um dos exercícios propostos para treinar a capacidade de dedução nas patrulhas é estar atento às histórias de Sherlock Holmes e procurar descobrir os sinais que o levaram às suas conclusões.

Capítulo quinto: história natural

Segue o capítulo quinto com as palestras bivaque 14, 15 e 16, que falam respetivamente da *aproximação*, dos *animais* e das *plantas*.

A *palestra bivaque n.º 14* trata da aproximação. Escreve Baden-Powell a propósito que «quando queremos observar animais selvagens, temos de nos aproximar deles rastejando, sem que eles nos vejam e pressintam»⁵⁰.

Para o efeito, dão-se algumas indicações preciosas: «Os exploradores militares e os caçadores que se aproximam da caça atendem sempre a dois factos importantes para não serem vistos. Um deles é que o terreno, as árvores e os edifícios que lhes ficam atrás sejam da mesma cor que o seu vestuário. E o outro é manterem-se perfeitamente invisíveis, se o inimigo ou um veado, os avista e não mudar de atitude enquanto eles não

⁴⁹ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 193.

⁵⁰ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 203.

se afastam. Desta maneira um escuteiro, embora em campo descoberto, evita muitas vezes ser notado»⁵¹.

Outros dois conselhos práticos são caminhar sempre em bicos de pés e contra o vento. Relativamente ao primeiro, diz Baden-Powell que:

«o escuteiro ou o caçador caminha sempre com leveza, em bicos de pés, e não sobre os tacões. Exercitai-vos a andar assim sempre que vos deslocais, de dia ou de noite, tanto em casa como fora, para criar o hábito de caminhardes tão leve e silenciosamente quanto possível. Vereis que, à medida que adquiris o hábito, a vossa capacidade de fazer grandes percursos vai aumentando e não vos cansais tão depressa, como se fôsseis a bater o passo pesadamente, como faz a maior parte da gente»⁵².

Relativamente ao segundo – caminhar contra o vento –, precaução aplicável quando se quer observar um animal ou um inimigo ou se é seguido por eles: «Lembraivos sempre de que, para observar um animal bravo ou um bom Explorador, precisais de vos manter a sotavento dele, mesmo que o vento não passe de um leve sopro. Portanto, antes de abalardes a observar um inimigo, deveis averiguar de que lado sopra o vento e caminhar sempre contra ele»⁵³.

A palestra conclui com a sugestão de exercícios de observação de animais em patrulha e de jogos de seguimento de animais.

A palestra seguinte – a *bivaque n.º 15* – é dedicada aos *animais*. Contém indicações preciosas sobre as vozes dos animais, que o escuteiro deve conhecer e imitar, como forma de se aproximar deles e de os observar calmamente; sobre a caça grossa e o que ela representa de aventura, sobre o estudo dos animais em casa e sobre o cão; sobre as aves, os peixes, sobre os répteis e os insetos.

⁵¹ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 203-204.

⁵² R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 205.

⁵³ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 205-206.

A respeito da caça, que Baden-Powell considera o mais emocionante dos desportos⁵⁴, diz duas coisas muito importantes. Uma delas é que o maior prazer da caça não está em matar o animal, mas sim em observá-lo:

«porque quanto melhor os conhecermos, mais gostamos deles e não tardamos a reconhecer que não temos gosto em matá-los pelo simples prazer de matar. Além disso, quanto mais os observamos, mais vemos neles a obra maravilhosa de Deus»⁵⁵.

Em relação com esta observação, segue a segunda:

«todo o prazer da caça está na vida aventureira da selva, no risco que em muitos casos se corre de ser caçado pelo animal, em vez de sermos nós a caçá-lo, o interesse que há em lhe seguir a pista, em nos aproximarmos furtivamente, em ver tudo quanto faz e conhecer-lhe os hábitos. A morte subsequente do animal é parte mínima da emoção experimentada»⁵⁶.

E Baden-Powell concluiu a palestra, afirmando que «um escuteiro não deve nunca matar um animal sem motivo razoável, e nesse caso deve fazê-lo prontamente, para lhe evitar o sofrimento»⁵⁷.

É interessante o que ele diz a propósito do *cão*:

«um bom cão é o melhor dos companheiros para o escuteiro, que não deve considerar-se pronto, enquanto não tiver ensinado um cachorro a fazer tudo quanto lhe mandam. Requer-se para isso grande paciência e bondade e verdadeira compreensão do cão. Utilizam-se os cães para encontrar gente perdida e para levar mensagens. O cão é o mais humano de todos os animais e portanto o melhor companheiro do homem. É sempre dedicado, está sempre pronto para brincar, bem disposto, é muito fiel e afeiçoado»⁵⁸.

⁵⁴ Cf. R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 215.

⁵⁵ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 215.

⁵⁶ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 215.

⁵⁷ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 215.

⁵⁸ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 218.

A terceira palestra bivaque deste capítulo – *palestra de bivaque n° 16* – é dedicada às plantas.

A conveniência e a necessidade de conhecer as plantas deve-se ao facto de que:

«um escuteiro tem, por vezes, de descrever a região que atravessou. Não basta referir que é ‘bem arborizada’, pois poderá interessar muito, a quem ler o relatório, saber de que árvores se compunham as florestas. [...] O escuteiro deve, por isso, empenhar-se em conhecer o nome e o aspecto das árvores da sua região»⁵⁹.

Além disso, é importante conhecer a utilidade e o perigo que as plantas têm em termos de alimentação. Daí que o escuteiro deva saber quais podem servir de alimento e quais são prejudiciais para a saúde. Em todo o caso – conclui Baden-Powell – «os escuteiros são protectores dos bosques. Nunca fazem mal a uma árvore»⁶⁰.

Capítulo Sexto: a resistência do escuteiro

As três palestras bivaque do sexto capítulo – 17, 18 e 19 – tratam de *como se consegue ser forte*, dos *hábitos saudáveis* e de *como se evitam as doenças*.

Não será necessário proceder à análise pormenorizada dos ensinamentos de Baden-Powell nestas três palestras, porque se referem à sugestão de exercícios físicos muito simples, destinados a fortalecer o coração e os músculos. Associados a uma alimentação saudável e à vida ao ar livre, são exercícios fundamentais para tornar alguém forte e sadio, como deve ser o escuteiro⁶¹. Além dos exercícios, dão-se indicações para os cuidados a ter com o nariz, os ouvidos, os olhos e até os dentes e as unhas. Este é o conteúdo da *palestra n° 17*.

Na seguinte – *palestra n° 18* – que trata dos *hábitos saudáveis*, dão-se conselhos úteis para se estar sempre limpo, não fumar nem beber; para se cultivar a continência, ser

⁵⁹ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 229.

⁶⁰ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 230.

⁶¹ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 235.

viril. Para isso muito contribuirá, além do sugerido na palestra anterior, seguir um ditado antigo, segundo o qual «deitar cedo e cedo erguer, dá saúde e faz crescer»⁶², e procurar sorrir sempre, porque «a ausência de riso indica falta de saúde»⁶³.

Finalmente, na terceira palestra bivaque deste capítulo – *palestra nº 19* –, Baden-Powell dá sugestões muito úteis sobre o modo de combater os micróbios, que na sua maior parte são transmitidos pelo ar e pela água. Sugere ele que se durma ao ar livre ou, pelo menos, com as janelas abertas, procurando respirar sempre pelo nariz e evitar respirar pela boca. Dão-se indicações sobre a alimentação, evitando o excesso em ambos os sentidos: nem de menos nem de mais. O comer muito provoca a obesidade e o sono; um copo de água fria pela manhã e meio litro de água quente ao deitar ajuda quem sofre de prisão de ventre, situação esta que provoca a muitas pessoas um grande mal-estar⁶⁴. Aconselha-se também a ter um cuidado especial com o calçado e o vestuário, para não prejudicar os pés e a pele.

Capítulo Sétimo: Fidalguia dos cavaleiros

O sétimo capítulo é dedicado à *fidalgua dos cavaleiros*, e está organizado também ele em três palestras, que tratam respectivamente do *cavalheirismo para com os outros*, da *autodisciplina* e do *aproveitamento pessoal*.

Na primeira dessas palestras – *palestra bivaque nº 20* –, dedicada ao cavalheirismo, Baden-Powell transmite aos escuteiros os grandes ideias da *cavalaria medieval*, que têm origem no rei Artur e nos «Cavaleiros da Távola redonda». Era seu padroeiro S. Jorge, cuja festa se comemora a 23 de abril. É por isso que esse Santo é também patrono do escuteiro, para que, como ele e sob a sua proteção, seja capaz de

⁶² R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 255.

⁶³ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 255.

⁶⁴ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 260.

«encarar as dificuldades ou perigos, por grandes ou terríveis que pareçam ou por mal equipado que esteja para a luta. Deve arrostá-los ousada e confiadamente, empenhando todas as forças para procurar vencê-los e é muito provável que o consiga»⁶⁵. Os cavaleiros regulavam a sua ação segundo um código de honra, que assim estabelecia:

«Estai sempre prontos e armados, excepto de noite, quando repousardes.

Em tudo o que fizerdes procurai alcançar honra e fama de honestidade.

Defendei os pobres e os fracos.

Auxiliai aqueles que se não podem defender.

Não façais nada que prejudique ou ofenda outrem.

Estai preparados para lutar em defesa da vossa Pátria.

Trabalhai mais por honra do que por lucro.

Nunca falteis à palavra dada.

Defendei a honra da Pátria com a vossa própria vida.

Preferi a morte honrosa a vida vergonhosa.

A cavalaria exige que os jovens aprendam a executar os serviços mais pesados e humildes com alegria e boa graça, e fazer bem aos outros»⁶⁶.

«Foi com estas regras», diz Baden-Powell, «que os antigos cavaleiros começaram e é delas que deriva a actual lei do escuteiro. Um cavaleiro (ou escuteiro) é sempre cavalheiro. Há quem suponha que, para ser cavalheiro, é preciso ter muito dinheiro. O dinheiro não faz o cavalheiro. Cavalheiro é todo aquele que observa os preceitos da antiga cavaleira»⁶⁷

A *palestra bivaque n.º 21* trata da *autodisciplina*, e nela se insiste sobre os valores da lealdade, da honestidade, do cumprimento do dever, da obediência e da disciplina, da humildade, do valor e da fortaleza, da jovialidade e da serenidade, valores ou virtudes que todo o escuteiro deve cultivar, e que devem ser o seu distintivo.

⁶⁵ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 269.

⁶⁶ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 270.

⁶⁷ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 270.

A *palestra bivaque n° 22* trata do *aproveitamento pessoal*, associando-o à *gratidão*, quer em relação a Deus quer em relação aos outros. A esse respeito, Baden-Powell afirma duas coisas muito importantes. A primeira é que «o homem pouco vale se não acreditar em Deus e obedecer às Suas leis. Por isso todo o escuteiro deve ter uma religião»⁶⁸. A segunda é que «um presente não é nosso, enquanto o não tivermos agradecido»⁶⁹.

Se, por um lado, o escuteiro nunca deve aceitar «gratificações», deve, por outro, esforçar-se por ter um trabalho, com que possa obter meios para sustentar a sua família. Sobre a escolha de uma carreira, Baden-Powell refere o que lhe disse outrora o seu chefe: «Disse-me um dia um patrão que nunca contratava um jovem que tivesse as pontas dos dedos amarelas (de fumar) ou que andasse de boca aberta (os rapazes que respiram pela boca têm um ar de imbecil)»⁷⁰.

Capítulo Oitavo: Salvamentos

As três palestras do oitavo capítulo tratam dos *salvamentos* e respetivamente do *estar preparados para desastres; os desastres e como se os trata, do auxílio ao próximo*.

A primeira – *palestra bivaque n° 23*, tem por tema «*Estai preparados para os desastres*»⁷¹. Baden-Powell afirma que, como os cavaleiros também se chamavam «hospitálarios», por servirem também de enfermeiros e médicos, como os *Cavaleiros de S. João de Jerusalém*, assim deverão ser os escuteiros, que têm por divisa ‘Estai preparados’; devem estar prontos para socorrer o seu semelhante em todas as circunstâncias em que corram perigo.

⁶⁸ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 287.

⁶⁹ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 288.

⁷⁰ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 294.

⁷¹ Cf. R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 295-298.

A palestra seguinte – *Palestra bivaque nº 24* – trata dos «desastres e como se os trata». Nesses desastres incluem-se as situações de pânico, de incêndio, de afogamento, de cavalo desbocado, e de muitas outras situações calamitosas a que o escuteiro deverá prestar socorro, para o que a palestra em questão dá algumas instruções.

Finalmente, a terceira palestra deste oitavo capítulo – a palestra bivaque nº 25⁷² – , dedicada ao *auxílio ao próximo*, contempla as situações de *estado de choque*, de *hemorragias*, de *respiração artificial* e de outros primeiros socorros, para as quais o escuteiro deve estar preparado.

Capítulo nono: Os nossos deveres de cidadãos

Finalmente, o nono capítulo, dedicado aos *deveres de cidadãos*, trata mais especificamente e numa única palestra – a *bivaque nº 26* – do *civismo*.

Este capítulo é um conjunto de conselhos que Baden-Powell dá ao escuteiro, para que este viva com entusiasmo a lei do escutismo que o preparará para ser um cidadão responsável. Que conselhos são esses? Podem formular-se assim, segundo as palavras de Baden-Powell:

1. Considerar todos os rapazes como amigos.
2. Aceitar a sorte que lhe tocou no mundo e aproveitá-la o melhor possível e colaborar com todos os que o cercam.
3. Não ter ambição demasiada em subir, pois não faltarão ilusões aos que começam por aí.
4. Preparar-se para o futuro entregando-se ao estudo das disciplinas que são ensinadas na escola.
5. Quando tiverem de intervir na política ou de votar, não se fiar nas ideias dum só homem ou dum só partido, mas considerá-las de todos os pontos de vista.

⁷² Cf. R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 307-318.

6. Lembrar-se que o escuteiro não é amigo apenas dos que o cercam, mas é amigo de todo o mundo.
7. O que mais contribui para as guerras é o facto de os povos não se conhecerem ou se conhecerem mal.
8. Ser escuteiro é fazer parte duma fraternidade universal; esta fraternidade universal assemelha-se a uma cruzada, pois os escuteiros de todo o mundo são embaixadores da amizade.

E retomando uma ideia que conforma tudo o que ao longo do livro Baden-Powell procurou transmitir, escreve como conclusão:

«o Escutismo é um belo jogo. Se o praticarmos com vontade e verdadeiro entusiasmo. Como acontece com outros jogos, verificaremos que, praticando-o, fortalecemos o corpo, o cérebro e o espírito. Mas lembrai-vos de que é jogo para o ar livre, por isso todas as vezes que puderdes, saí para o campo e boa sorte e boa caça!»⁷³.

2.2. A formação do carácter e a atenção aos outros como condição de alcançar a felicidade

Baden-Powell escreveu a obra “*A Caminho do Triunfo*” para servir de orientação no caminho dos jovens que têm sede de viver. Parte de sua própria experiência para aconselhar os trilhos, o caminho que é a vida, ciente de que esse caminho, apesar das dificuldades, leva ao triunfo, à vitória; ou melhor, com este livro pretende alertar os jovens para os perigos que podem encontrar, para não terem que passar por esses mesmos perigos, para poderem triunfar⁷⁴.

⁷³ R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 324.

⁷⁴ R. BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo. A Vida é um Jogo – Livro para Jovens*, Lisboa. CNE. 2018, 15

É numa viagem de canoa que ele encontra o reflexo perfeito da vida: uma jornada que começa nos riachos da infância, atravessa os rios da adolescência e o oceano da idade adulta rumo ao porto de destino⁷⁵.

Ao longo dessa jornada, encontramos vários obstáculos e tempestades, devendo sempre navegar de frente para eles, com os olhos atentos para poder identificá-los, contorná-los e, durante o processo, aprender com eles. Quando parece mais simples desistir, quando tudo parece impossível, há que continuar no esforço de superar a adversidade para alcançar a verdadeira felicidade⁷⁶.

Para chegar a essa felicidade, Baden Powell dá-nos duas chaves importantes:

1. "Não levar a vida muito a sério, mas aproveitar ao máximo o que se tiver, olhar a vida como um jogo, e o mundo como um campo de jogos"⁷⁷.
2. "Fazer com que as nossas acções e pensamentos sejam orientados pelo amor."

O amor não significa um caminho de paixão amorosa, mas a manifestação de um espírito amável na prestação de serviços aos outros, na bondade e compaixão, e na manifestação de gratidão por serviços prestados. Isso é que é a boa vontade, a vontade de Deus⁷⁸.

Em seguida, Baden-Powell enumera as tentações que um escuteiro, que é jovem, pode ter. Para ele, as mais importantes seriam cinco, a que dá o nome de *escolhos*:

⁷⁵ R.BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo*, 13-14

⁷⁶ R.BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo*, 17

⁷⁷ R.BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo*, 17

⁷⁸ R.BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo*, 18

Os *cavalos* são um escolho, porque podem promover a ociosidade e apostas nas corridas, o que acontece também com outros desportos, que são lucrativos sobretudo para os bancos. Não são os cavalos em si, como o próprio Baden-Powell pôde verificar com os cavalos que tinham ao seu serviço na vida militar, nomeadamente o seu cavalo Dick, que ele próprio domesticara e que foi muito importante para encontrar o cavalo A44 que se havia extraviado⁷⁹. Portanto, o que ele considera escolho, nas corridas de cavalos e noutros desportos, como o futebol, é a ganância que acaba por matar o verdadeiro desporto. O desporto que Baden-Powell entende é qualquer espécie de jogo ou actividade benéfica que cada um pratica em vez de observar apenas. Diz-lhes, a propósito, Baden-Powell: «O essencial é que por ti consideres e vejas qual o jogo que melhor satisfará as condições e o meio em que te encontras»⁸⁰. Por isso, ele aconselha a que cada um tenha o seu passatempo, pois está convencido de que «todo o rapaz tem a tendência natural para fazer as coisas por suas mãos»⁸¹. E já que a preocupação do rapaz é ganhar dinheiro, que o faça com uma profissão e aprenda a economizar, porque – acrescenta ele – «há uma coisa muito importante que muitos esquecem. Hão-de vir os filhos. E é pregar-lhes uma partida muito feia trazê-los ao mundo sem ter com que os criar»⁸². Aí está o sentido de responsabilidade quanto ao futuro que se deve preparar, pois esse é o caminho que se percorre rumo ao triunfo, e esse triunfo não é outra coisa senão a felicidade.

Termina esta capítulo fazendo um esquema de como viver a felicidade. Ela vive-se por *meio de ideias superiores*, isto é, pelo conhecimento da natureza, as suas maravilhas e as suas belezas, que levam à descoberta do Deus criador; e *por meio do*

⁷⁹ R.BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo*, 31-33.

⁸⁰ R.BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo*, 41.

⁸¹ R.BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo*, 44.

⁸² R.BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo*, 50.

serviço, ou seja, pela abnegação pelos outros, descobrindo o amor divino que temos dentro de nós⁸³.

Quanto ao modo de ganhar a vida, é fundamental a formação do *carácter* «tanto como a eficácia e a competência que te levará ao êxito na tua carreira. Mas eu queria chamar a tua atenção dum modo especial para a *energia* por um lado e para a *paciência*, por outro»⁸⁴. Segundo Baden-Powell:

«a energia depende em parte da robustez física, mas principalmente do interesse que se toma pelo trabalho... Os melhores trabalhadores, assim como os homens mais felizes, consideram o trabalho como uma espécie de jogo; com quanto maior ardor jogam, tanto mais o jogo lhes agrada»⁸⁵.

Escolho número dois: o vinho

Com este escolho, que inclui não só o vinho, mas todas as bebidas alcoólicas em geral, bem como o tabaco, o excesso do comer, do sono e o excesso da linguagem no sentido de praguejar, e até o excesso do trabalho, Baden-Powell quer chamar a atenção para o cultivo da *temperança* na formação do carácter: «para se formar uma nação forte, requerem-se homens de carácter»⁸⁶. O escolho do vinho:

«é realmente o da *cedência das paixões*; quero dizer, deixar que as inclinações nos arrastem quer para os excessos de bebida, de tabaco, de comida quer para qualquer outra fôrma de luxúria. A entrega de si próprio às paixões pode acarretar a ruína do indivíduo e prejuízo da comunidade. É, em grande parte, o efeito de te deixares levar na corrente, de costas para o perigo. Mas, olhando para a frente e impelindo a própria canoa com *domínio de si mesmo* podes tornear o rochedo com segurança e atingir o lado soalheiro, fortalecendo assim o carácter. Que te assegurará contra outras tentações de fraqueza. E serás assim auxiliado, a caminho da felicidade»⁸⁷.

⁸³ R.BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo*, 54.

⁸⁴ R.BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo*, 54.

⁸⁵ R.BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo*, 55.

⁸⁶ R.BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo*, 64.

⁸⁷ R.BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo*, 75.

Mas este caminho da felicidade passa pelo autodomínio, pela lealdade, pela veracidade, pelo respeito por si próprio: «O respeito de si próprio é elemento importante do carácter e o homem que não se respeita (e não há ébrio, vadio, mentiroso ou mendigo que possa fazê-lo) não pode contar com que outros o respeitem»⁸⁸.

Sobre a lealdade, diz Baden-Powell: «O chefe precisa da lealdade dos seus homens, mas tem de lhes ser leal também, e esse ponto é sublinhado na Lei do escuta, que diz: “o escuta é leal aos seus patrões e aos seus subordinados”»⁸⁹.

Sobre o domínio de si, que pode ter tanta força que leve à auto-cura, diz Baden-Powell:

«A cedência às paixões dá-se porque se concentra a atenção os nossos próprios desejos sensuais; a sua cura está em desviar o interesse de nós próprios para outras pessoas e coisas. Ocupemo-nos de passatempos. Entreguemo-nos à compreensão activa e ao serviço dos outros e incidentalmente alcançaremos novos valores na formação do carácter»⁹⁰.

Escolho número três: Mulheres

Este capítulo está em continuidade com a citação anterior com que termina o precedente capítulo relativo ao vinho. Considerando aqui as *mulheres* um escolho, Baden-Powell tem em vista a descoberta que o rapaz faz de si mesmo, quando entra na primavera da vida. Tal como acontece na natureza, com os animais e as plantas, o rapaz começa a notar as transformações que se dão nele e que lhe causam surpresa, mas também curiosidade, ansiedade e angústia. É uma fase, portanto, maravilhosa, mas também com grandes perigos, com escolhos próprios, que têm a ver com a descoberta do corpo,

⁸⁸ R.BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo*, 81.

⁸⁹ R.BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo*, 80.

⁹⁰ R.BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo*, 87.

sobretudo no que diz respeito à sua virilidade, e com o interesse que começa a ter pelas mulheres.

Sobre as descobertas que o rapaz faz do que acontece no seu corpo – mudança de voz, pelos que crescem onde antes não existiam, estímulos sexuais e poluções nocturnas – Baden-Powell tem o cuidado de dizer que são coisas naturais⁹¹. Mas também adverte para os perigos (escolhos) que essa novidade traz consigo, e que são as tentações de ver e experimentar. Daí o alerta para os perigos que vêm da promiscuidade e das experiências sexuais, donde o cuidado a ter, inclusive evitando a inconveniência de certas companhias.

Dois temas importantes são tratados neste capítulo: o da verdadeira virilidade e das virtudes que fazem o verdadeiro *gentleman*, respeitador dos outros e sobretudo das mulheres, segundo os ideais da antiga cavalaria, em que o escutismo se inspira, e o do casamento e dos filhos.

No que diz respeito à virilidade dá o seguinte conselho:

«Afasta-te dos companheiros livres, que sejam homens quer raparigas; entrega-te a várias ocupações e exercícios sãos, tais como o soco, a marcha, as excursões, futebol, remo, etc. Afasta de ti o pensamento da luxúria, entregando-te à prática de passatempos e a boas leituras nas horas livres; evita as bebidas e excessos no fumo, comer e dormir em cama muito macia ou quente, visto que tudo isto agrava a tentação»⁹².

Vale aqui a velha máxima latina: «Mens sana in corpore sano».

Sobre o casamento e a mulher que o rapaz irá escolher para sua esposa e mãe dos seus filhos, há que haver a capacidade de discernir entre *mulheres e bonecas*. Diz Baden-Powell que «um passo importante neste caso é escolher a rapariga que convém. Há mulheres e bonecas»⁹³. E continua: «a rapariga conveniente aparecerá mais cedo ou mais

⁹¹ R.BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo*, 93-99.

⁹² R.BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo*, 100.

⁹³ R.BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo*, 110.

tarde – se tiveres juízo»⁹⁴. Daí que seja fundamental que o rapaz cultive o seu carácter, que seja *homem*, pois a mulher civilizada sabe distinguir entre um homem de carácter, que lhe convém, e um que é destituído de coluna vertebral:

«A mulher civilizada sabe com maior razão avaliar o homem que é *homem* não só de corpo, mas também de espírito, forte e cavalheiresco. É o homem que lhe convém, e de nada lhe serve o molengão de espírito doentio e babado, de língua suja, destituído de coluna vertebral»⁹⁵.

O rapaz de carácter e cavalheiro terá a protecção de S. Jorge:

«São Jorge, a combater o dragão, estará contigo que combates o dragão da tentação e o derrubas para, afinal, te poderes apresentar como homem puro, forte e cavalheiresco à jovem a quem tu amas. Terás assim dado também um passo para a felicidade e ter-te-ás preparado fisicamente para o serviço de Deus, propagando a espécie nas melhores condições possíveis»⁹⁶.

E assim – conclui Baden-Powell – o jovem será mais feliz por contribuir para deixar o mundo melhor do que o encontrou: «serás mais feliz se procurares deixar o mundo um pouco melhor com a ação que nele exercestes»⁹⁷.

Escolho número quatro: Cucos e impostores

O quarto escolho, o dos cucos e impostores, consiste no perigo que o rapaz corre de ser enganado pelos cucos, impostores e extremistas, e também de ele mesmo se tornar um deles. Esse é o lado obscuro; o lado luminoso é que o rapaz se desenvolva pela auto-educação para se tornar útil no serviço à sociedade.

Baden-Powell serve-se do exemplo dos cucos – aves que colocam os seus ovos em ninhos alheios – para, com essa comparação, falar dos que na sociedade se comportam

⁹⁴ R.BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo*, 111.

⁹⁵ R.BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo*, 109.

⁹⁶ R.BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo*, 110.

⁹⁷ R.BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo*, 116.

como eles, dos pedantes ambiciosos que se servem das instituições, em vez de as servirem e serem úteis às instituições, à sociedade e à Pátria. Diz ele que «o cuco humano é em geral um tipo com ares de superioridade, que vê apenas o aspecto da questão que lhe interessa e nunca vê o interesse dos outros»⁹⁸. Tais pessoas são um duplo perigo para os jovens: «um é o de seres arrastado atrás deles; outro é transformares-te num deles também»⁹⁹. E cucos desses há muitos por toda a parte, donde a necessidade de o jovem ter os olhos e os ouvidos bem abertos e estar muito atento para não se deixar levar por eles: «há-os aos montes; andai, portanto, com um dos olhos bem abertos, e ambos os ouvidos e todas as vossas faculdades atentas»¹⁰⁰. Eles são muito ambiciosos, mas, lembra Baden-Powell, «a ambição de fazer bem é a única que vale a pena e que contribui para a felicidade»¹⁰¹.

O mal dos «cucos» é combatido pela auto-educação: «a educação é boa garantia. Por educação não quero dizer instrução escolar aprimorada, mas formação da alma e do espírito. Aquela permite-te passar pelo perigo; a educação eleva-te muito acima dele»¹⁰².

A auto-educação cultiva-se com as viagens, as leituras e o estudo da natureza¹⁰³, que prepararão o jovem para o serviço da cidadania. O cidadão no serviço que vai prestar à Pátria deverá ter as qualidades de um jogador de futebol; qualidades individuais, que para o cidadão serão sobretudo o carácter, a inteligência, a saúde e a robustez, e habilidade manual e geral; e qualidades coletivas, que, para o jogador será o jogo em equipa e não pessoal e, para o cidadão, o serviço para a comunidade¹⁰⁴. Estará assim habilitado a

⁹⁸ R.BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo*, 123.

⁹⁹ R.BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo*, 123.

¹⁰⁰ R.BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo*, 125.

¹⁰¹ R.BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo* 130.

¹⁰² R.BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo*, 134.

¹⁰³ Cf. R.BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo*, 135.

¹⁰⁴ R.BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo*, 142.

superar os obstáculos do egoísmo, das rivalidades raciais, das discórdias religiosas, do orgulho de classe e da grosseria¹⁰⁵. Então:

«se entrares na vida pública com o desejo humilde de servir a comunidade... a tua recompensa ...consistirá em veres subir os que te cercam para um melhor nível de vida, como resultado da tua ação. E este facto dar-te-á mais satisfação do que quaisquer condecorações ou recompensas com que possam cumular-te»¹⁰⁶.

Escolho número cinco: Irreligião

Com o escolho da irreligião, Baden-Powell visa chamar a atenção dos rapazes, concretamente dos Caminheiros, para os perigos do ateísmo, que é o lado escuro do escolho em questão, mas também para o lado luminoso, que é uma boa compreensão de Deus e o bom serviço ao próximo, sendo o estudo da natureza o passo imediato para esse fim¹⁰⁷: «Se estás realmente empenhado em abrir caminho para o êxito – ou seja, a felicidade – não só precisas de fugir a deixar-te iludir pelos impostores da irreligião, mas precisas de assentar a tua vida em bases religiosas»¹⁰⁸. E como meios para alcançar esses objetivos propõe dois: a leitura da Bíblia e a do livro da natureza.

Relacionando as duas leituras, recomenda:

«que observes e estudes o melhor que possas as maravilhas e as belezas que esta [a natureza] nos apresenta para nosso deleite. E depois considera como poderás servir a Deus da melhor maneira enquanto dispões daquela vida que Ele te concedeu por empréstimo»¹⁰⁹.

O livro da natureza deve ser lido com humildade e reverência: «Um dos antídotos contra a presunção do ateísmo é a humildade acompanhada da reverência – coisa tão

¹⁰⁵ Cf. R.BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo*, 143.

¹⁰⁶ R.BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo*, 149.

¹⁰⁷ R.BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo*, 156.

¹⁰⁸ R.BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo*, 158.

¹⁰⁹ R.BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo*, 158.

difícil de aprender como de ensinar»¹¹⁰. Só assim é possível admirar as maravilhas da natureza, das montanhas, das cataratas – do Niágara no Canadá e de Vitória em África – bem como do corpo humano, no infinitamente pequeno e no infinitamente grande do mundo dos animais e, finalmente, da alma humana e das suas faculdades, de inteligência, liberdade e de amor, e, no fim, poder exclamar, cheio de admiração, «que atrás de tudo isto está uma grande inteligência mestra e criadora»¹¹¹. A consciência é «a voz de Deus dentro de ti»¹¹².

É pela consciência, sua voz, que Deus diz ao homem o que quer dele e, ao mesmo tempo, leva-o a aplicar-se (ou recusar-se) generosamente a fazer o bem. É isso que distingue o homem dos animais, que não são capazes de se elevarem, de serem generosos, caritativos, serviçais. Já os homens – acrescenta Baden Powell – «podem fazê-lo quando querem. É aí que o homem atinge o seu nível próprio, isto é, quando exerce, em benefício dos outros, o Amor Divino que tem dentro de si»¹¹³.

É daí, portanto, donde vem a maior motivação para alcançar o triunfo, a felicidade, que está em *servir*, e que é a divisa do Caminheiro. Servir é aliás o objetivo do livro “*A Caminho do Triunfo*”: «Servir é deixar o prazer ou comodidade para prestar auxílio a outros que precisam... Esse amor é a parcela de Deus que existe em todo o homem – a sua Alma»¹¹⁴.

Embora Baden-Powell não descure a importância da leitura da Bíblia e de recorrer a um sacerdote, nas dúvidas mais profundas que possam assaltar os jovens na idade da transição para a vida adulta – a partir dos 16 anos, que é a altura de poderem ingressar no

¹¹⁰ R.BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo*, 160.

¹¹¹ R.BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo*, 172.

¹¹² R.BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo*, 174.

¹¹³ R.BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo*, 174.

¹¹⁴ R.BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo*, 174-175.

Caminheiros –, a sua proposta vai no sentido do já referido ditado «mens sana incorpore sano» e de ser-se capazes de se emocionar perante a beleza da criação e transformar essa emoção em caminho que conduz a Deus.

Conclusão

O livro “*A Caminho do Triunfo*” termina com um capítulo sobre o «caminheirismo», como etapa final de ajudar os rapazes dos 16 anos em diante, a educarem o seu carácter e a se prepararem para a vida adulta, assumindo responsabilidades como cidadãos e como chefes de família. As diversas atividades que Baden-Powell propõe têm apenas uma finalidade, a de fazer com que o escuteiro esteja preparado para a idade adulta, e seja um bom cidadão: «mau cidadão é aquele que apenas cuida do seu interesse; o bom cidadão é o que está sempre pronto para servir a comunidade»¹¹⁵. Ser *Caminheiro* é servir: «servir é o fim prático do Caminheirismo»¹¹⁶.

Os livros “*Escutismo para Rapazes*” e “*A Caminho do Triunfo*” são uma ajuda para o rapaz se preparar, pela auto-educação do carácter, para servir. Este é o sentido do Alerta, que quer dizer «estar preparado» para servir, estar preparado para a idade adulta¹¹⁷.

2.3. Formar o homem do futuro – a fraternidade escutista

O livro de Baden-Powell que passamos a estudar, o “*Auxiliar do Chefe Escuta*”, teve um primeiro esboço em 1919, sofreu uma revisão em 1929 e, finalmente, teve a redacção definitiva em 1944. O seu objetivo é dar algumas orientações aos guias sobre o modo de se relacionarem com os jovens que ingressam no escutismo¹¹⁸; daí a sua modesta

¹¹⁵ R.BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo*, 191.

¹¹⁶ R.BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo*, 199.

¹¹⁷ R.BADEN-POWELL, *A Caminho do Triunfo*, 191.

¹¹⁸ R. BADEN-POWELL, *Auxiliar do chefe escuta*, Lisboa, CNE, 2018.

dimensão. Consta de duas partes, tendo por títulos: a primeira «Como treinar o jovem», e a segunda «De escuteiro a cidadão».

A primeira parte é estruturada em três capítulos: o primeiro trata do *chefe*, o segundo do *jovem* e o terceiro do *escutismo*. A segunda parte, por sua vez, tem quatro capítulos, dedicados respetivamente ao *carácter*, à *saúde e vigor*, à *habilidade*, e ao *serviço ao próximo*.

Tendo como pressuposto quanto foi dito nas duas obras anteriormente analisadas, Baden-Powell diz, relativamente ao chefe, que para sê-lo não se exige que seja professor ou saiba tudo. Há, porém, duas coisas que são indispensáveis: seja apto para gozar a vida ao ar livre e seja capaz de fazer sair de cada rapaz ou rapariga o que têm dentro de si, pois «há sempre cinco por cento de bom, mesmo no pior carácter»¹¹⁹.

No exercício das suas funções, é fundamental que o chefe dê o exemplo e que seja fiel ao escutismo, cujo objetivo é «transformar os jovens em bons cidadãos»¹²⁰, ensinando-lhes a abnegação e a autodisciplina.

O êxito na educação dos jovens «está em saber algo a respeito dos jovens e depois a respeito de cada rapaz ou rapariga em particular»¹²¹, o que será possível para o chefe se ele se recordar que também já foi rapaz, tornando-se assim apto para compreender melhor os sentimentos e aspirações deste¹²². Escreve Baden-Powell: «O que o chefe faz, farão também os seus jovens. Os escuteiros reflectem-se no seu chefe. Da abnegação e patriotismo do chefe, os escuteiros herdaram a prática da abnegação e do serviço patriótico»¹²³.

¹¹⁹ R. BADEN-POWELL, *Auxiliar do chefe escuta*, 16.

¹²⁰ R. BADEN-POWELL, *Auxiliar do chefe escuta*, 17.

¹²¹ R. BADEN-POWELL, *Auxiliar do chefe escuta*, 21.

¹²² R. BADEN-POWELL, *Auxiliar do chefe escuta*, 21.

¹²³ R. BADEN-POWELL, *Auxiliar do chefe escuta*, 28.

Sobre o «espírito escutista», Baden-Powell insiste que «a característica fundamental é o espírito do movimento, e a chave que lhe abre a porta a este espírito é o romantismo misterioso da vida nos bosques e da história natural»¹²⁴.

Pode dizer-se que é aí onde está o alimento para os jovens, a sua alma:

«A prática do Escutismo é um meio, pelo qual se podem despertar no mais achado dos rufiões pensamentos elevados e elementos iniciais da crença em Deus; e, conjugada com a obrigação que o Escuteiro tem de praticar a Boa Ação, constitui a base dos deveres para com Deus e para com o próximo, sobre a qual os pais, ou o sacerdote, poderão erguer, com maior facilidade, e elevar a forma de crença que se deseje»¹²⁵.

Na segunda parte do livro – *De escuteiro a cidadão* – insiste-se na formação do carácter do escuteiro, herdeiro dos antigos ideais da cavalaria. O escuteiro será sempre um cavalheiro, um ‘gentleman’: «O romantismo dos cavaleiros alicia todos os jovens e faz-lhes apelo ao seu sentido moral. O ‘Código’ de Cavalaria’ incluía a Honra, a Autodisciplina, a Cortesia, a Coragem, o Sentido Abnegado do Serviço e do Dever e a Orientação na Religião»¹²⁶.

Também nesta segunda parte se aborda o tema da religião – a irreligião é um dos escolhos que atrapalha no caminho rumo à felicidade – sob a designação da «piedade», que permite alargar os horizontes no caminho do escutismo: «o respeito para com Deus, o respeito pelo próximo e o respeito por nós próprios como servos de Deus está na base de todas as formas de religião»¹²⁷. E Baden-Powell continua, dizendo: «Espera-se que cada escuteiro pertença a uma confissão religiosa e tome parte nos actos do seu culto; que o chefe assegure as práticas e instruções religiosas que ele, de acordo com o assistente ou outra autoridade religiosa, considere as melhores»¹²⁸. E, se houver escuteiros de várias

¹²⁴ R. BADEN-POWELL, *Auxiliar do chefe escuta*, 38.

¹²⁵ R. BADEN-POWELL, *Auxiliar do chefe escuta*, 40-41.

¹²⁶ R. BADEN-POWELL, *Auxiliar do chefe escuta*, 51.

¹²⁷ R. BADEN-POWELL, *Auxiliar do chefe escuta*, 60.

¹²⁸ R. BADEN-POWELL, *Auxiliar do chefe escuta*, 61.

religiões, deve-se providenciar a participação nos respectivos actos da religião a que pertencem, inclusive nos acampamentos.

No capítulo sobre «saúde e vigor», além dos jogos e dos exercícios físicos, Baden-Powell dá especial atenção à higiene, devendo o chefe estar particularmente atento a ela, à temperança como elemento determinante na formação do carácter, e que ajudará a cultivar a continência e a pureza, no que diz respeito ao autodomínio em tudo o que diz respeito à sexualidade, tão importante nesta fase de crescimento e de transição para a vida adulta: «de todos os elementos da educação de um jovem, o mais difícil e um dos mais importantes é o da higiene sexual. O corpo, o entendimento, a alma, a saúde, a moralidade e o carácter, todos estão implicados nesse problema»¹²⁹.

O último capítulo desta segunda parte é dedicado ao «serviço do próximo». Retomando, em síntese o que foi transmitido nos dois livros precedentes, “*Escutismo para Rapazes*” e “*A Caminho do Triunfo*”, Baden-Powell insiste aqui na «prática da boa ação» para eliminar o egoísmo e textualmente observa que «as pequenas boas ações, que fazem parte da promessa do escuteiro, são em si mesmas o primeiro passo»¹³⁰ no a “*A Caminho do Triunfo*”. E, a propósito, acrescenta:

«Partindo destas pequeninas Boas Acções, ele passa a aprender a prestar os primeiros socorros e a auxiliar os sinistrados e, como sequência natural do aprender a salvar vidas em caso de acidentes, desperta nele o sentimento do dever para com os outros e a prontidão para se sacrificar em caso de perigo. Daqui se segue também a ideia do sacrifício pelos outros, pela família e pela Pátria, que conduzem ao patriotismo e à lealdade, de tipo superior à de mero agitar mecânico de uma bandeira»¹³¹.

¹²⁹ R. BADEN-POWELL, *Auxiliar do chefe escuta*, 80.

¹³⁰ R. BADEN-POWELL, *Auxiliar do chefe escuta*, 98.

¹³¹ R. BADEN-POWELL, *Auxiliar do chefe escuta*, 98.

O efeito final de tudo isto é a repressão sobre o egoísmo, e então o problema que se levanta já não é o que posso alcançar, o que posso lucrar, mas sim o que posso eu dar na vida:

«a repressão do ‘ego’ (egoísmo) e a expansão daquele amor e serviço do próximo, que revela Deus dentro de nós, produzem, em cada um, total mudança de sentimento e com esta o vislumbre do verdadeiro céu. Faz de cada indivíduo um ser diferente. O problema que agora se lhe põe não é: ‘que posso eu alcançar’, mas: ‘que posso eu dar na vida?’»¹³².

Conclusão

Ao terminar este primeiro capítulo, em que explorámos o «trilho deixado pelo rasto do Fundador», e a partir da leitura das principais obras de Baden-Powell, podemos chegar às seguintes conclusões, sobre a natureza do escutismo, tal como o seu fundador o pensou.

Na obra “*Escutismo para Rapazes*”, temos a preocupação de formar o carácter dos rapazes, alimentando neles o gosto por viver ao ar livre, em contacto com a natureza e encarando a vida como um jogo; fazer com que os rapazes sejam capazes de ser autónomos, vivendo com o mínimo indispensável e capazes de se desenrascarem em situações difíceis. Combinando as virtudes militares com os ideais da cavalaria medieval, levar os jovens a cultivarem as virtudes morais que fazem dele um cavalheiro, capaz de atitudes nobres de ajuda e defesa de quem quer que seja se encontra em dificuldade. O escuteiro é um «gentleman», um cavalheiro.

Na obra, “*A Caminho do Triunfo*”, Baden Powell transmite os valores morais, ajudando o jovem a evitar os vícios e a cultivar as virtudes que fazem dele verdadeiramente

¹³² R. BADEN-POWELL, *Auxiliar do chefe escuta*, 100.

um homem. Será nesta base «natural» que vai construir-se a obra de arte que será o escutismo católico, com que nos vamos ocupar no próximo capítulo.

CAP. II - O PERFIL DO ESCUTISMO CATÓLICO

Este capítulo está organizado em três pontos. No primeiro, vamos ver como o gosto de viver ao ar livre prepara o escuta católico para ver na natureza um livro aberto que fala de Deus e a entender a preocupação do Papa Francisco pela ecologia integral. No segundo, vamos ver como a «fraternidade escutista» prepara o escuta católico a entender e a viver um tema muito importante do catolicismo, que é todos se sentirem membros uns dos outros, no mistério da Igreja Corpo de Cristo. E no terceiro ponto, vamos percorrer o Magistério da Igreja – o ensino dos Papas e da Conferência Episcopal Portuguesa -, na leitura que faz das potencialidades pastorais da pedagogia do escutismo.

1. O gosto por viver a vida como um jogo ao ar livre: a formação do carácter do homem cristão

1.1. O gosto do contacto com a natureza: o jogo ao ar livre

Tal como foi pensado e realizado por Baden-Powell, o escutismo pode ser praticado por qualquer rapaz, independentemente da sua fé ou pertença religiosa. O que Baden-Powell considerava importante, como vimos, era que cada escuteiro tivesse uma religião e que a praticasse. Mas, como jogo ao ar livre, como pedagogia de formação do carácter e de cidadão responsável, podia (e pode) ser praticado por quem quer que seja que tenha gosto de viver ao ar livre e em contacto com a natureza. Aliás, foi este o conteúdo da declaração da Conferência Internacional Escutista bienal reunida em Copenhaga em Agosto de 1924: que o escutismo é *nacional*, isto é, visa adoptar cada nação de cidadãos úteis e válidos; é *internacional*, porque não conhece fronteiras às boas

relações entre os escuteiros; e *universal*, porque procura incutir o sentimento de fraternidade universal¹³³.

O baptismo *católico* do escutismo foi feito em França, por volta de 1920. Aí a *lei do escuta* foi enriquecida pela espiritualidade católica, de que possuímos um excelente comentário na obra de Jean-Pierre Normand¹³⁴:

«O Escutismo católico francês, com uma originalidade tão vigorosa, pediu emprestado o essencial a Baden-Powell: o método escutista, com as suas intuições libertadoras, o seu empirismo fecundo, o seu sentido da realidade e o seu optimismo. O Cónego Cornette marcá-lo-á com o gosto da simplicidade evangélica e do ideal da cavalaria. Mas será o Pe. Sevin o verdadeiro mestre do pensamento da primeira geração: Aprofundou as ideias de Baden-Powell, nomeadamente a de uma pedagogia activa no seio da natureza»¹³⁵.

Então, porque o essencial do escutismo em termos de técnica se manteve segundo a herança do seu fundador, importa ver em que foi que a *Lei do escuta* foi enriquecida pelo baptismo recebido pelo catolicismo. Segundo J.-P. Normand, a Lei do Escuta foi especialmente enriquecida por dois factos: em primeiro lugar, pela introdução dos três princípios¹³⁶; em segundo lugar, por uma referência explícita que se pode estabelecer entre alguns artigos e as maiores exigências evangélicas¹³⁷. Por outras palavras, o jogo que caracteriza o escutismo foi enriquecido por uma especial referência à *graça*.

Os três princípios: 1º O Escuta orgulha-se da sua Fé e por ela orienta toda a sua vida; 2º O Escuta é filho de Portugal e bom cidadão; 3º O dever do Escuta começa em casa¹³⁸.

¹³³ Cf. R. BADEN-POWELL, *Escutismo para rapazes*, 4.

¹³⁴ Cf. J.-P. NORMAND, *A Lei do Escuta – uma fonte viva*, Lisboa, CNE, 2011.

¹³⁵ J.-P. NORMAND, *A Lei do Escuta – uma fonte viva*, 16.

¹³⁶ J.-P. NORMAND, *A Lei do Escuta – uma fonte viva*, 17.

¹³⁷ J.-P. NORMAND, *A Lei do Escuta – uma fonte viva*, 75.

¹³⁸ Cf. ANEXO 1, 102.

No entender dos fundadores do escutismo católico, estes três princípios funcionam como um prefácio, que serviu também para acalmar os que eram reticentes a respeito do escutismo:

«Não se pode negar que também funcionou como uma acção de circunstância para acalmar diversas instituições que se sentiam muito inquietas pelo carácter inovador do Escutismo. Assim, tranquilizou-se a Igreja afirmando que, antes de mais, o ‘Escuta orgulha-se da sua fé e por ela orienta toda a sua vida’, o Estado declarando que ‘o Escuta é filho de França e bom cidadão’ e a Família sublinhando que ‘o dever do Escuta começa em casa’»¹³⁹.

Quanto ao segundo facto, a leitura católica dos últimos artigos da lei do escuta, permite, através deles, especialmente o sétimo, o nono e o décimo¹⁴⁰, entrar «no coração das maiores exigências evangélicas»¹⁴¹. De facto:

«as três virtudes que estes artigos pedem ao Escuteiro são a obediência, a pobreza e a castidade. São estas virtudes também que a Igreja, num outro nível de exigência, propõe aos religiosos, e às quais eles se comprometem, por um voto solene, a respeitar toda a vida. Quer isto dizer que o Escutismo não é uma diversão pueril»¹⁴².

Uma particular menção merece o 3º artigo da Lei do Escuta que diz: «O Escuta é útil e pratica diariamente uma boa acção». Segundo J.P. Normand, este artigo:

«não é somente um programa de vida, é uma definição. Os outros artigos da Lei descrevem o Escuteiro enumerando as qualidades que o devem caracterizar. O 3º artigo indica a própria vocação do Escuteiro, à qual ele é chamado: o Escuteiro é *feito para o serviço*. Só assim se torna verdadeiramente Escuteiro e, desde a sua Promessa, se compromete a *auxiliar o seu semelhante em todas as circunstâncias*»¹⁴³.

¹³⁹ J.-P. NORMAND, *A Lei do Escuta – uma fonte viva*, 17.

¹⁴⁰ 7º art. O escuta é obediente; 9º O escuta é sóbrio, económico e respeitador do bem alheio; 10º O Escuta é puro nos pensamentos, nas palavras e nas acções.

¹⁴¹ J.-P. NORMAND, *A Lei do Escuta – uma fonte viva*, 75.

¹⁴² J.-P. NORMAND, *A Lei do Escuta – uma fonte viva*, 75.

¹⁴³ J.-P. NORMAND, *A Lei do Escuta – uma fonte viva*, 45.

Podemos assim concluir que o Escutismo na sua versão católica é uma verdadeira escola de formação do carácter do rapaz para se tornar um cidadão honrado e leal, como pensou Baden-Powell, e ao mesmo tempo um católico. Escreve, de facto, J.P. Normand, na obra citada, que «Baden-Powell desejava fazer do Escutismo uma nova nobreza, aberta a todos, na qual o Escuta, fosse qual fosse a sua origem, se pudesse tornar num ‘fidalgo de Deus»¹⁴⁴. A delicadeza do escuta, como diz o art. 5 – O escuta é delicado e respeitador – à luz da visão cristã do homem receberá uma mais profunda motivação, porque verá no seu semelhante não só uma criatura de Deus, mas também uma habitação da Trindade. Diz J.P. Normand, «aquando das celebrações mais solenes, incem-se os fiéis a fim de os lembrar desta presença de Deus em nós, o que lhes confere uma eminente dignidade. A nossa delicadeza poderá e deverá ter o mesmo significado»¹⁴⁵.

1.2. Em sintonia com a *Laudato si'* (2015)

O *gosto de viver ao ar livre* em contacto com a natureza e descobrindo os seus segredos, tanto das plantas como dos animais, faz com que o escutismo corresponda a uma preocupação actual tanto da sociedade como da Igreja sobretudo pelo impulso dado pelo Papa Francisco, na sua encíclica *Laudato si'*, que defende a urgência de uma *ecologia integral*:

«Dado que tudo está intimamente relacionado e que os problemas actuais requerem um olhar que tenha em conta todos os aspectos da crise mundial, proponho que nos detenhamos agora a reflectir sobre os diferentes elementos duma *ecologia integral*, que inclua claramente as dimensões humanas e sociais»¹⁴⁶.

¹⁴⁴ J.-P. NORMAND, *A Lei do Escuta – uma fonte viva*, 55.

¹⁴⁵ J.-P. NORMAND, *A Lei do Escuta – uma fonte viva*, 61.

¹⁴⁶ PAPA FRANCISCO, *Louvado sejas. Carta encíclica Laudato si'*, Braga, *Apostolado da Oração*, 2015, § 137.

Mais do que ninguém, os escuteiros têm esta sensibilidade ecológica, o que já se sentia, com certeza, no tempo do seu fundador, Baden-Powell, mas que hoje se reveste de uma grande urgência, tendo em conta o que se passa com a degradação do ambiente.

O Papa Francisco não se limita a descrever as causas deste fenómeno que ameaça a harmonia da nossa casa comum¹⁴⁷, nem tão só a apresentar soluções através duma economia que seja sustentável e amiga do ambiente¹⁴⁸, mas vai muito mais além propondo uma *espiritualidade ecológica*, que exige uma:

«conversão ecológica que comporta deixar emergir, nas relações com o mundo que nos rodeia, todas as consequências do encontro com Jesus. Viver a vocação de guardiães da obra de Deus não é algo de opcional nem um aspecto secundário da existência cristã, mas parte essencial de uma existência virtuosa»¹⁴⁹.

Este programa duma «espiritualidade ecológica» encontra um modelo em S. Francisco de Assis, como afirma o Papa na introdução da encíclica:

«Acho que Francisco é o exemplo por excelência do cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral, vivida com alegria e autenticidade. É o santo padroeiro de todos os que estudam e trabalham no campo da ecologia, amado também por muitos que não são cristãos. Manifestou uma atenção particular pela criação de Deus e pelos mais pobres e abandonados. Amava e era amado pela sua alegria, a sua dedicação generosa, o seu coração universal. Era um místico e um peregrino que vivia com simplicidade e numa maravilhosa harmonia com Deus, com os outros, com a natureza e consigo mesmo. Nele se nota até que ponto são inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o empenhamento na sociedade e a paz interior»¹⁵⁰.

E ainda, no final da encíclica, recorda de novo o exemplo de S. Francisco:

«recordemos o modelo de São Francisco de Assis, para propor uma sã relação com a criação como dimensão da conversão integral da pessoa.

¹⁴⁷ Cf. LS 101-136.

¹⁴⁸ Cf. LS 163-201.

¹⁴⁹ PAPA FRANCISCO, *Laudato si'*, § 217.

¹⁵⁰ PAPA FRANCISCO, *Laudato si'*, § 10.

Isto exige também reconhecer os próprios erros, pecados, vícios ou negligências, e arrepende-se de coração, mudar a partir de dentro»¹⁵¹.

Há na criação, nos diversos graus de ser que a constitui, uma profunda interligação, pois tudo está ligado com tudo:

«Não pode ser autêntico um sentimento de união íntima com os outros seres da natureza, se ao mesmo tempo não houver no coração ternura, compaixão e preocupação pelos seres humanos. É evidente a incoerência de quem luta contra o tráfico de animais em risco de extinção, mas fica completamente indiferente perante o tráfico de pessoas, desinteressa-se dos pobres ou procura destruir outro ser humano de que não gosta. Isto compromete o sentido da luta pelo meio ambiente. Não é por acaso que São Francisco, no cântico onde louva a Deus pelas criaturas, acrescenta o seguinte: «Louvado sejas, meu Senhor, por aqueles que perdoam por teu amor». Tudo está interligado. Por isso, exige-se uma preocupação pelo meio ambiente, unida ao amor sincero pelos seres humanos e a um compromisso constante com os problemas da sociedade»¹⁵².

Esta preocupação por uma ecologia integral é reafirmada na exortação apostólica pós-sinodal «Querida Amazônia», no capítulo terceiro, onde desenvolve o tema «Um sonho Ecológico», no qual, referindo-se à herança de Bento XVI, sublinha a ligação estreita entre «a ecologia natural, ou seja, o respeito pela natureza, e a ecologia humana»¹⁵³.

O Papa Francisco não esquece a diferença qualitativa que se dá entre o homem e os outros seres, por mais perfeitos que sejam, pois só o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus; não esquece, também, que tudo foi criado para servir o homem, como o homem foi criado para ser de Deus, segundo aquela afirmação de S. Paulo: «tudo é vosso, vós sois de Cristo e Cristo é de Deus» (1Cor 3,23).

¹⁵¹ PAPA FRANCISCO, *Laudato si'*, § 218.

¹⁵² PAPA FRANCISCO, *Laudato si'*, § 91.

¹⁵³ PAPA FRANCISCO, *Exortação Apostólica pós-sinodal 'Querida Amazônia'*, in *Lumen* ano 81-Série III – nº 1 (2020), § 41.

Mas precisamente por causa desta orientação de tudo para o homem e do homem para Deus é que o homem tem a missão de se servir de todas as coisas como sendo um dom de Deus. No fundo, todas as medidas que se tomem para conservar em bom estado a nossa casa comum só será verdadeiramente ecológicas se respeitarem esta ordem, isto é, segundo a citação de S. Paulo acima referida, tudo está orientado para o homem e o homem está orientado para Deus. Nenhuma ecologia que não respeite esta ordem será digna deste nome. Por isso é que o Papa Francisco insiste na ecologia integral, suportada no que ele chama «desenvolvimento sustentável»:

«O urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar. O Criador não nos abandona, nunca recua no seu projecto de amor, nem Se arrepende de nos ter criado. A humanidade possui ainda a capacidade de colaborar na construção da nossa casa comum»¹⁵⁴.

Ele está consciente, como estavam os seus antecessores, que mais do que salvar o planeta, ou a mãe terra, o que importa é *salvar o homem*, e é este que está em perigo, se a sua casa estiver a tremer ou a arder ou em desordem. Para isso, Francisco quer «propor uma ecologia que, nas suas várias dimensões, integre o lugar específico que o ser humano ocupa neste mundo e as suas relações com a realidade que o rodeia»¹⁵⁵.

Tendo em conta a sua vocação e missão, o escutismo católico poderá ser um agente fundamental desta *ecologia integral* que está na sua alma, deste o princípio, a partir da razão principal pela qual um jovem, rapaz ou rapariga, pode fazer parte do escutismo: *o gosto de brincar ao ar livre, entendendo a vida como um jogo*.

¹⁵⁴ PAPA FRANCISCO, *Laudato si'*, § 13.

¹⁵⁵ PAPA FRANCISCO, *Laudato si'*, § 15.

2. A fraternidade escutista e a pertença à Igreja como corpo de

Cristo

Levar os jovens a tomar consciência de que faziam parte dum grupo mais vasto que a sua patrulha, tal era a preocupação de Baden-Powell desde o princípio e que o levou a tomar a iniciativa de organizar encontros internacionais a que deu o nome de *Jamboree*. Isto era muito importante nos tempos agitados pelos grandes conflitos internacionais que marcaram a primeira metade do séc. XX, nas grandes guerras mundiais. Os *jamborees* serviram desde o princípio como fermento duma nova humanidade mais humana e mais fraterna.

Este tema pode ser visto como uma boa preparação para o escuteiro católico entender e viver um tema fundamental da eclesiologia que é ver o mistério da Igreja como Corpo de Cristo.

O concílio Vaticano II considera que o *corpo de Cristo* é muito mais do que uma imagem da Igreja. É o seu mistério mais profundo:

«O filho de Deus, vencendo, na natureza humana a Si unida, a morte, com a Sua morte e ressurreição, remiu o homem e transformou-o em nova criatura (cfr. Gál. 6,15; 2 Cor. 5,17). Pois, comunicando o Seu Espírito, fez misteriosamente de todos os Seus irmãos, chamados de entre todos os povos, como que o Seu Corpo. É nesse corpo que a vida de Cristo se difunde nos que crêem, unidos de modo misterioso e real, por meio dos sacramentos, a Cristo padecente e glorioso» (LG 7).

A origem deste tema encontra-se em S. Paulo, mas já está presente, em preparação, nos evangelhos. Nos sinópticos este tema é traduzido pelo *discipulado*. Jesus convida as pessoas a seguirem-no. Entre tantas passagens, podemos citar duas: «se alguém quiser vir após Mim, renegue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me» (Mt 16,24). E ao homem rico que Lhe perguntou o que devia fazer para alcançar a vida eterna, depois de o fixar nos olhos e ter por ele uma profunda afeição, Jesus diz-lhe: «falta-te apenas uma coisa:

vai, vende tudo o que tens, dá o dinheiro aos pobres e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-Me» (Mc 10,21; cf. Mt 19,21).

Sabemos, pelo seguimento da narrativa, que o homem não foi capaz de corresponder, e foi-se embora «triste, porque tinha muitos bens» (Mt 19,22). Mas o que importa aqui evidenciar é que ser discípulo de Jesus significa deixar tudo para *estar com Ele, sempre*. É isto que vemos na vocação dos doze apóstolos. Diz o evangelho: «Escolheu os que quis e fez deles doze para estarem sempre com Ele e os enviar em missão» (Mc 3,14).

No evangelho de S. João encontramos um aprofundamento desta relação. Já não é só seguir Jesus e estar com Ele; mas é mais do que isso. Na alegoria da videira diz-se que o discípulo deve *permanecer n'Ele*, como os ramos dum videira, porque sem Ele nada pode fazer: «Sem mim não podeis fazer nada» (Jo 15,5).

Ora, o que os evangelhos dizem dos discípulos, S. Paulo vai dizer da Igreja. Nas cartas aos Romanos e aos Coríntios, S. Paulo serve-se da metáfora do corpo para falar da unidade que devem existir entre todos, como os membros dum corpo, pois todos são membros uns dos outros: «Pois como em um só corpo temos muitos membros e nem todos os membros têm a mesma função, assim nós, que somos muitos, constituímos um só corpo em Cristo, sendo individualmente membros uns dos outros» (Rom 12,4-5).

S. Paulo estava a tentar resolver as tensões que já existiam na comunidade de Corinto. A metáfora do corpo servia para ilustrar esta ideia da unidade que deve reinar entre todos os que se dizem cristãos.

Nas cartas aos Efésios e aos Colossenses, S. Paulo vai mais longe e fala da Igreja na sua universalidade, e não apenas das comunidades locais, como corpo de Cristo. Na carta aos Efésios serve-se da realidade humana do matrimónio, em que o homem e a

mulher, no casamento, segundo a vontade do Criador, formam uma só carne, para ir mais longe dizendo que se trata dum grande mistério, mas já não apenas da relação conjugal do homem e da mulher, mas sim de Cristo e da Igreja, esposo e esposa:

«Submetei-vos uns aos outros, no respeito que tendes a Cristo: as mulheres, aos seus maridos como ao Senhor, porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da Igreja - Ele, o salvador do Corpo. Ora, como a Igreja se submete a Cristo, assim as mulheres, aos maridos, em tudo. Maridos, amai as vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela, para a santificar, purificando-a, no banho da água, pela palavra. Ele quis apresentá-la esplêndida, como Igreja sem mancha nem ruga, nem coisa alguma semelhante, mas santa e imaculada. Assim devem também os maridos amar as suas mulheres, como o seu próprio corpo. Quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo. De facto, ninguém jamais odiou o seu próprio corpo; pelo contrário, alimenta-o e cuida dele, como Cristo faz à Igreja; porque nós somos membros do seu Corpo. *Por isso, o homem deixará o pai e a mãe, unir-se-á à sua mulher e serão os dois uma só carne.* Grande é este mistério; mas eu interpreto-o em relação a Cristo e à Igreja» (Ef 5,21-32).

Esta doutrina paulina, que se tornou património da eclesiologia ao longo dos tempos, especialmente desenvolvida por Santo Agostinho e por S. Tomás de Aquino, foi no século XX retomada e proposta solenemente pelo Papa Pio XII na sua encíclica *Mystici Corporis*.

Esta encíclica, publicada em 1943, em plena guerra mundial, chamava a atenção dos católicos, que estavam dos dois lados do conflito, para a sua missão de serem semente de paz, no meio do inferno da guerra. Tal como no sistema de vasos comunicantes, se um sobe o outro sobe, se um desce, o outro desce, assim no mistério da Igreja corpo místico de Cristo:

«Tremendo mistério, e nunca assaz meditado: Que a salvação de muitos depende das orações e dos sacrifícios voluntários, feitos com esta intenção, pelos membros do corpo místico de Jesus Cristo, e da colaboração que pastores e féis, sobretudo os pais e mães de família, devem prestar ao divino Salvador»¹⁵⁶.

¹⁵⁶ PIO XII, *Carta encíclica «Mystici Corporis Christi*, Petrópolis, Vozes, 1960, § 44, p. 23.

O escutismo católico tem hoje, neste sentido, uma grande missão, porque acredita que não faz parte apenas duma fraternidade universal, o escutismo católico, que celebra esta sua universalidade nos grandes encontros internacionais, os Jamborees; mas faz parte dum corpo ainda maior, a Igreja Católica, que se estende não só no espaço e no tempo, mas também na eternidade. É o mistério da Igreja povo de Deus presente no meio de todas as nações.

O escuteiro católico, que levar a sério a sua fé e a sua pertença prática à Igreja, será um fermento activo no meio da interligação de que fala o Papa Francisco – tudo está ligado com tudo – e será essa fraternidade e essa comunhão no corpo de Cristo que sustentará e salvará a casa comum.

3. O escutismo católico segundo o Magistério

Neste parágrafo vamos ocupar-nos com as intervenções do Magistério da Igreja que reconhecem no *escutismo* uma pedagogia que ajuda os jovens não só na formação do seu carácter, mas também nas virtudes cívicas de serviço ao próximo e de amor à pátria, segundo os ideais da antiga cavalaria medieval, mas também a formar cristãos.

De entre os Papas que se pronunciaram sobre o *escutismo*, merece especial destaque Pio XI. Antes dele, foi importante Bento XV que permitiu que fosse concedido um assistente eclesiástico ao nascente movimento do escutismo católico em Itália. Depois temos uma intervenção de Pio XII e de S. João Paulo II. Em Portugal, temos uma nota pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa, em 1995. No ano internacional do voluntariado (2001), foram muitas as intervenções do Magistério, incentivando a juventude para cultivar o serviço voluntário na sociedade. No escutismo, o serviço faz parte da mística dos *Caminheiros*, cujo lema é «servir». Neste sentido, podíamos

considerar o escutismo deste ponto de vista, mas só indirectamente e, por isso, não incluímos no nosso estudo este tema.

3.1. Bento XV

Com data de 15 de Junho de 1916, o Secretário de Estado de Bento XV, o cardeal Gasparri, comunica ao Conde Mario di Carpegna, comissário central da Associação Escoteira Católica Italiana que o Papa Bento XV «benignamente se dignou de conceder à novel Associação Escoteira Católica Italiana o alto favor de um Assistente Eclesiástico»¹⁵⁷.

3.2. Pio XI

Com data de 30 de Março de 1922, o Secretário de Estado, o cardeal Gasparri, respondendo à homenagem da Federação Nacional dos Escoteiros de França exprime o pensamento do Papa Pio XI segundo o qual o fim da Associação é:

«ajudar as almas a tornar-se, sob o influxo da graça divina, almas compenetradas dos ensinamentos da fé e da doutrina católica, almas fiéis à prática constante de uma vida religiosa exemplar, almas filialmente submissas à direcção dos seus pastores e do Sumo Pontífice, e ao mesmo tempo almas corajosas, generosas e cavalleirescas»¹⁵⁸.

No discurso aos escoteiros Romanos da festa de S. Jorge, a 23 de Abril de 1922, o Papa Pio XI faz uma síntese sobre o essencial do Escutismo *católico*. Começa por dizer que está ao corrente do que os escoteiros «têm feito no interesse da vida cristã, da restauração do pensamento e do sentimento cristão em todas as manifestações da vida privada e pública»¹⁵⁹, e depois enuncia o que espera que os escuteiros sejam:

«sede aqueles que o vosso nome diz que sois, sede-o na vida privada, na vida de família, na vida do País [...] Que significa Escoteiro? É um

¹⁵⁷ *Carta do Cardeal Secretário de Estado pela nomeação do primeiro assistente eclesiástico Central da A.E.C.I.*, in BENTO XV, PIO XI, PIO XII, *Sobre o Escotismo. Documentos Pontifícios* 108, Rio de Janeiro - S. Paulo, Vozes, Petrópolis, 1955,3.

¹⁵⁸ *Carta de resposta à homenagem da federação nacional dos Escoteiros da França*, 4.

¹⁵⁹ PIO XI, *Discurso aos Escoteiros romanos na festa de São Jorge*, 5.

nome de organização, e supõe alguma outra coisa que ele anuncia e precede. Escoteiro, ou explorador, quer dizer reconhecer, ir buscar uma primeira notícia do país. Não há corpo de tropas, mesmo modesto, que não tenha os seus exploradores encarregados dos primeiros reconhecimentos. Também Moisés, quando guiava o seu povo rumo à Terra Prometida, enviava na frente os Escoteiros ou exploradores, primeiros de todos. Fala-se de corpos de assalto e de vanguardas; porém mesmo estas unidades devem ter sido precedidas pelos exploradores [...]. O vosso lugar é, pois, o primeiro entre os primeiros: primeiros na profissão da fé cristã, primeiros na santidade, primeiros na dignidade, primeiros na pureza, primeiros em todas as manifestações da vida cristã»¹⁶⁰.

Na homilia da missa celebrada no dia 10 de Junho de 1923, para 2000 escuteiros de Roma, Pio XI centra-se em duas características do escutismo, e como elas devem ser vividas pelo escutismo católico:

«Sabeis o que quer dizer ser Escoteiros Católicos [...] Escoteiros Católicos, isto é, exploradores que tragam, neste serviço de exploração, neste escotismo, os característicos, os belos e sublimes característicos da profissão e da vida católica. Destarte, daquilo que pode ser um exercício puramente material, e, na melhor das hipóteses, puramente humano, vós fazeis um exercício da vida cristã; de uma coisa tão bela, mas que diria respeito só à terra, fazeis uma coisa que diz respeito ao céu»¹⁶¹.

Estas duas características são a prudência e a coragem:

«A prudência industriosa, vigilante, hábil, indagadora, investigadora, observadora. A coragem, isto é, a disposição de ânimo que nada teme afora Deus e o mal. Deus e aquilo que pode ofender a Deus e conjuntamente ofuscar a beleza e a dignidade do homem. Pois bem, a prudência e a coragem, estas duas qualidades deveis trazê-las na vida e na profissão católica, e sereis católicos escoteiros depois de serdes escoteiros católicos»¹⁶².

O escuteiro católico prudente é aquele que:

«quando o cumprimento do dever o impõe, quando a edificação do próximo o exigem então ele sabe tudo o que é, sabe professar tudo o

¹⁶⁰ PIO XI, *Discurso aos Escoteiros Romanos na Festa de São Jorge* (23 de Abril de 1922), 6.

¹⁶¹ PIO XI, *Discurso do Santo Padre (Pio XI) na Santa Missa por ele celebrada em intenção de 2.000 Escoteiros de Roma. 10 de Junho de 1923*, 7.

¹⁶² PIO XI, *Discurso do Santo Padre (Pio XI) na Santa Missa*, 8.

que professa, sem temor algum, sem nenhuma vileza de subentendidos»¹⁶³.

Mas, continua Pio XI, «além da prudência da fé há a prudência da vida, aquela prudência que Jesus Cristo indicava e recomendava com uma só palavra: Vigiai, palavra que é justamente a palavra dos escoteiros, dos exploradores»¹⁶⁴.

Esta vigilância, insiste Pio XI¹⁶⁵, deve ser particularmente cultivada pelos escuteiros, pelos *Exploradores*, porque muitas vezes são abandonados a si mesmos, como prova de confiança e como exercício de confiança que lhes é dada, e por isso estão, porque sozinhos, mais expostos às tentações e seduções do mundo, que vêm pelos maus exemplos e pelas más leituras; do mesmo modo devem estar vigilantes contra a vaidade do mundo: «vigiai, pois, para não cairdes em tentação»¹⁶⁶.

E à prudência, diz Pio XI, devem juntar a coragem:

«E, juntamente com a prudência, tenda a coragem. Coragem porque Deus está convosco e vós estais com Deus. Vós vos guiais segundo a luz que desce do alto, a luz imortal da fé; estais com a Igreja, estais com o Vigário de Jesus Cristo, estais com o próprio Jesus Cristo. Coragem! Com estas vizinhanças, com estas amizades, nada deveis temer. A pureza e a dignidade da vossa vida serão protegidas pela dignidade da vossa profissão cristã, e sereis sem mancha e sem medo, sem nenhuma vileza e sem nenhuma impureza»¹⁶⁷.

No dia 6 de Setembro de 1925, no discurso à peregrinação internacional escuteira no Ano Santo, Pio XI voltou a insistir em algumas características do escutismo católico, recordando que «escoteiros católicos não quer dizer pouco para quem considere bem e saiba apreciar o conteúdo destas palavras»¹⁶⁸. De facto, «para um Escoteiro mister se faz

¹⁶³ PIO XI, Discurso do Santo Padre (Pio XI) na Santa Missa, 8.

¹⁶⁴ PIO XI, Discurso do Santo Padre (Pio XI) na Santa Missa, 8.

¹⁶⁵ Cf. PIO XI, Discurso do Santo Padre (Pio XI) na Santa Missa, 8-9.

¹⁶⁶ PIO XI, Discurso do Santo Padre (Pio XI) na Santa Missa, 9.

¹⁶⁷ PIO XI, *Discurso do Santo Padre (Pio XI) na Santa Missa*, 9.

¹⁶⁸ PIO XI, *Discurso à peregrinação internacional escuteira no Ano Santo*, 12.

uma constante disposição para a força e para a coragem, para a calma e para a reflexão».

«Porém, a força e a coragem não podem bastar ao Escoteiro católico»¹⁶⁹, pois, não basta a natureza, é preciso o espírito:

«Força e coragem são a glória da vossa vida. Força e coragem não somente para explorar os caminhos da terra e achar as árduas sendas, porém ainda mais para educar a vontade, para manter a carne nas direcções do espírito, nos caminhos do dever, mesmo quando o dever seja difícil e, ou por circunstâncias adversas ou por dificuldades intrínsecas, imponha sacrifícios. O escoteiro católico forte e corajoso sabe que caminho deve tomar, sabe qual é a senda traçada pelo dever»¹⁷⁰.

Além da força e da coragem, é preciso calma e reflexão:

«a calma e a reflexão são, por isto, dotes preciosos que põem o homem no seu lugar, no lugar que a ordem de Deus lhe designou entre as magnificências da criação. É preciso saber remontar a Deus, ó dilectos filhos, e não é concebível um escoteiro católico sem este pensamento que o ilumine e o acompanhe. Verdadeiramente é este um pensamento que deveria acompanhar qualquer homem e guiá-lo pela trilha que de Deus vem e a Deus conduz. Mas um escoteiro católico, que sabe que acima deste mundo visível há outro mundo invisível, no qual o que se vê é mero e pálido reflexo de uma beleza superior, não pode achar difícil remontar a Deus, trazer em toda parte esse grande pensamento que ilumina a vida toda de uma luz maravilhosa»¹⁷¹.

Um testemunho indirecto do pensamento de Pio XI sobre o escutismo é o relato que Baden-Powell faz da audiência que o Papa lhe concedeu, a 3 de Março de 1933¹⁷², em que Baden-Powell agradece a bênção concedida ao Movimento por ocasião depois da peregrinação a Roma de 10.000 escuteiros. Nessa audiência Pio XI ter-lhe-á perguntado como iam os escuteiros progredindo em Portugal. Nessa audiência Baden-Powell terá explicado a Pio XI que no movimento escutista não eram os jovens treinados para fins

¹⁶⁹ PIO XI, *Discurso à peregrinação internacional escoteira no Ano Santo*, 14.

¹⁷⁰ PIO XI, *Discurso à peregrinação internacional escoteira no Ano Santo*, 15.

¹⁷¹ PIO XI, *Discurso à peregrinação internacional escoteira no Ano Santo*, 15.

¹⁷² *Audiência concedida pelo Santo Padre Pio XI a Lord Robert Baden Powell*, 27-28.

militares, como com os Balilla, promovidos pelo governo italiano, e que no final Pio XI terá segurado na sua mão, o que ele interpretou como sinal de simpatia.

No dia 5 de Abril de 1934, Pio XI fez um discurso aos escuteiros e ‘guides’ franceses por ocasião da sua peregrinação do Ano Santo da Redenção. Nesse discurso, o Sumo Pontífice manifestou a sua alegria pela presença dos escuteiros e das ‘guides’ e pelo testemunho da:

«vida cristã vivida como merece ser vivida, não somente com integridade, mas com ufania, vivida com esse espírito de apostolado, sobretudo de apostolado do exemplo, que sem palavra, sem nada estadear e sem nada ocultar, diz a todos tudo o que é preciso fazer, como se deve fazê-lo, como se deve viver a vida cristã»¹⁷³.

Todo o Explorador e toda a guia devem ser:

«almas cristãs na plena posse da sua fé, fortes na sua fé, corajosas na profissão da sua fé, generosas na prática e na aplicação da sua fé, em todas as situações da vida, em todos os deveres da vida, mas prontos e prontas, tantas vezes o temos visto, prontos e prontas a dar a vida, a morrer, se for preciso, pela sua fé»¹⁷⁴.

3.3. Pio XII

No discurso dirigido aos escuteiros católicos italianos em Castelgandolfo no dia 10 de Setembro de 1946, o Papa Pio XII enuncia as três razões que explicam a rápida difusão do escutismo no mundo.

Em primeiro lugar:

«o Escotismo desperta no jovem e põe em acção tudo o que é naturalmente nobre, bom, sadio; simplicidade de vida, amor da natureza e da Pátria, sentimento de honra, autodisciplina, obediência, dedicação ao serviço dos outros, em espírito de fraternidade e de cavalaria»¹⁷⁵.

¹⁷³ PIO XI, *Discurso aos Escoteiros e ‘Guides’ da França por ocasião da sua peregrinação do Ano Santo*, 28.

¹⁷⁴ PIO XI, *Discurso aos Escoteiros e ‘Guides’ da França por ocasião da sua peregrinação do Ano Santo*, 31.

¹⁷⁵ PIO XII, *Discurso do Santo Padre aos Escoteiros Católicos italiano em Castelgandolfo (10 de Setembro de 1946)*, 43.

Em segundo lugar:

«O Escotismo quer levar ordem e reta medida à vida humana. Amor da natureza, sim, mas isento de fantasmagorias e de sentimentos malsãos. Também o divertimento, a excursão, os jogos impõem aos Escoteiros de por si particulares deveres e responsabilidades, e devem ser apenas o cumprimento de uma forte e voluntariosa actividade na escola, na oficina, na profissão. As próprias férias são o mero prémio de um ano de sério e regular trabalho»¹⁷⁶.

Finalmente:

«O Escotismo dá ao culto e ao serviço de Deus o lugar sobreeminente que lhe é devido na vida do homem, e, com isto mesmo, dispõe o jovem a divisar em cada objecto, em cada ordem, em cada virtude, em cada beleza criada, o seu verdadeiro valor, o seu verdadeiro esplendor à luz do sol divino»¹⁷⁷.

E Pio XII acrescenta, a modo de síntese, o que deve constituir o fundo da vida dos escuteiros: «procurar, achar, apreciar, magnificar a Deus nas suas obras, ver toda a criação na luz que a ilumina, eis o que deve constituir o fundo da vossa vida de Escoteiros»¹⁷⁸.

Neste discurso, Pio XII faz ainda referência à divisa dos escuteiros, «estai preparados», que já vinha do «*be prepared*», como sugeria o nome do seu fundador, Baden-Powell (BP = be prepared):

«A vossa Associação tem por lema ‘Estote Parati’; vale dizer que deveis estar sempre prontos a cumprir o vosso ‘Dever’. Quiséramos dar a essas palavras um significado ainda mais amplo e profundo: estais prontos sobretudo para o momento, só de Deus conhecido, em que o Senhor vos chamar a prestar contas dos talentos a vós confiados, quer dizer assim das graças e dos dons sobrenaturais como dos dotes naturais de alma e de corpo, de que Ele vos cumulou para que os usásseis para a sua glória e para bem vosso e dos vossos semelhantes»¹⁷⁹.

¹⁷⁶ PIO XII, *Discurso do Santo Padre aos Escoteiros Católicos italiano em Castelgandolfo (10 de Setembro de 1946)*, 43.

¹⁷⁷ PIO XII, *Discurso do Santo Padre aos Escoteiros Católicos italiano em Castelgandolfo (10 de Setembro de 1946)*, 43.

¹⁷⁸ PIO XII, *Discurso do Santo Padre aos Escoteiros Católicos italiano em Castelgandolfo (10 de Setembro de 1946)*, 43.

¹⁷⁹ PIO XII, *Discurso do Santo Padre aos Escoteiros Católicos italiano em Castelgandolfo (10 de Setembro de 1946)*, 44.

3.4. João Paulo II

Por altura das celebrações do quinquagésimo aniversário da fundação da Conferência Internacional Católica do Escutismo, com data de 13 de Setembro de 1998, S. João Paulo II dirigiu uma mensagem aos responsáveis da conferência, na qual encorajava «vivamente o movimento a prosseguir e intensificar o serviço que presta à juventude do mundo, propondo-lhe um ideal e, neste, apresentando Cristo como modelo de vida humana»¹⁸⁰.

Nesta breve mensagem S. João Paulo II menciona os traços essenciais do Escutismo católico, referindo, em primeiro lugar, que, para os jovens que nele participam, se trata de «uma exigente formação espiritual e humana, e que ajuda na sua existência quotidiana»¹⁸¹. Refere, depois, a *lei Escutista*, que constitui os princípios fundamentais para uma educação para a virtude e para a rectidão moral:

«A lei Escutista, atraindo os jovens para a via das virtudes, convida-os à rectidão moral e ao espírito de ascese, e assim orienta-os para Deus e chama-os a servir os seus irmãos; ao empenharem-se em fazer o bem, eles tornam-se homens e mulheres capazes de assumir responsabilidades na Igreja e na sociedade»¹⁸².

S. João Paulo II reconhece que o escutismo católico permite ao jovem não só descobrir Deus, mas também a oração e a experiência da vida eclesial, e, vivendo em grupos, isso constitui uma aprendizagem a viver em sociedade no respeito de cada um:

«No seio duma patrulha, nos campos e noutras circunstâncias, os escuteiros descobrem o Senhor através das maravilhas da criação, a cujo respeito são chamados. Deste modo, fazem uma experiência preciosa da vida eclesial, encontrando-se com Cristo na oração pessoal, com a qual se podem familiarizar, e na celebração eucarística. Além disso, a

¹⁸⁰ JOÃO PAULO II, *Mensagem do papa João Paulo II ao Escutismo Católico*, in J. VAZ DOS REIS, *Coro Nacional de Escutas. Uma história de factos (subsídios)*, Lisboa: CNN 2007, 527.

¹⁸¹ JOÃO PAULO II, *Mensagem do papa João Paulo II ao Escutismo Católico*, 526.

¹⁸² JOÃO PAULO II, *Mensagem do papa João Paulo II ao Escutismo Católico*, 526.

unidade escutista oferece aos jovens a ocasião para fazerem a aprendizagem da vida em sociedade, no respeito de cada um»¹⁸³.

Finalmente, S. João Paulo II refere na sua breve mensagem, a importância da «fraternidade escutista» que abre os jovens para a universalidade e para a pluralidade das culturas:

«a fraternidade escutista internacional cria vínculos entre pessoas de culturas, línguas ou confissões diferentes e constitui uma possibilidade de diálogo entre elas». «Trata-se de uma verdadeira dimensão fraterna, que contribui para a evangelização de pessoas com frequência muito afastadas de Cristo e da Igreja, e para o desenvolvimento da paz e da colaboração entre os homens e os povos»¹⁸⁴.

Esta universalidade pode também contribuir para cultivar o «espírito ecuménico»: «louvo a actividade dos responsáveis e dos jovens do movimento que favorecem os encontros com membros de outras comunidades eclesiais, num espírito ecuménico, educando assim para o diálogo e o respeito pelo outro»¹⁸⁵.

3.5. Nota Pastoral da Conferência Episcopal

Para comemorar o centenário do nascimento do Dr. Avelino Gonçalves (01.03.1895) a Conferência Episcopal Portuguesa publicou uma exortação pastoral sobre a natureza do Escutismo Católico e o seu valor para a formação integral dos jovens cristãos, para o bem da Igreja e da sociedade em Portugal¹⁸⁶. Embora dirigida a todos os que integram o CNE, a exortação pastoral tem como destinatários principais os «dirigentes» e os «assistentes». Sobre os dirigentes, dizem os bispos: «a capacidade de

¹⁸³ JOÃO PAULO II, *Mensagem do papa João Paulo II ao Escutismo Católico*, 526.

¹⁸⁴ JOÃO PAULO II, *Mensagem do papa João Paulo II ao Escutismo Católico*, 526.

¹⁸⁵ JOÃO PAULO II, *Mensagem do papa João Paulo II ao Escutismo Católico*, 526.

¹⁸⁶ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Exortação Pastoral «O escutismo, Escola de Educação»*, Secretariado Geral da Conferência Episcopal, Lisboa, 1995.

formação e de evangelização do CNE depende, de maneira preponderante dos dirigentes ou animadores do movimento»¹⁸⁷. E sobre os assistentes reconhecem os bispos que:

«neste momento, os assistentes são chamados a prestar especial atenção ao crescimento da dimensão espiritual, à educação para os valores humanos e cristãos, à renovação e actualização dos rituais para os momentos celebrativos, e a velar, sobretudo, por formação dos dirigentes actualizando e acompanhando os cursos destinados a este fim»¹⁸⁸.

Esta observação a respeito quer assistentes e sobretudo aos dirigentes parte da convicção dos bispos que o escutismo católico pela sua pedagogia e, sobretudo, pelo teor da sua «lei» e dos seus «princípios», tem enormes potencialidades para a nova evangelização dos jovens e «pode tornar-se uma resposta oportuna aos desafios da era do vazio e do secularismo empobrecedor»¹⁸⁹.

A exortação pastoral está organizada em três partes. A primeira parte tem como título: «O escutismo, método actual de educação». Num primeiro momento expõe os desafios que se colocam à educação dos jovens, que sintetizam nestes termos:

«de muitos lados se faz ouvir o alerta sobre a crise de valores, muita gente se preocupa seriamente com o vazio de ideais e de projectos na vida das pessoas, designadamente dos jovens e as consequências negativas que brotam deste vazio»¹⁹⁰.

Então, neste contexto, reconhecem os bispos, «as grandes intuições educativas do Escutismo são proposta adequada às preocupações da nossa época neste âmbito crítico da educação», pois:

«na verdade, este movimento apresenta-se, antes de mais, como um projecto de educação integral, capaz de promover o desenvolvimento equilibrado e harmónico da pessoa na totalidade das duas dimensões. Enquanto sujeito de relação consigo própria; enquanto sujeito de

¹⁸⁷ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Exortação Pastoral*, 16.

¹⁸⁸ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Exortação Pastoral*, 17.

¹⁸⁹ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Exortação Pastoral*, 15.

¹⁹⁰ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Exortação Pastoral*, 5.

relação com o meio; enquanto sujeito de relação com os outros e com o próprio Deus»¹⁹¹.

E os bispos referem explicitamente a pedagogia activa que no escutismo se pratica e que leva os participantes a se tornarem protagonistas do próprio crescimento; a solidariedade da ‘boa acção’ diária e do serviço gratuito; a vida em comunidade no ‘bando’, na ‘patrulha’, na ‘equipa’ ou na ‘tribo’; o ideal escutista expresso na Lei, nos princípios e na promessa. Tudo isto torna a pedagogia escutista uma verdadeira escola de cidadania e que promove a «consciência ecológica»¹⁹².

A segunda parte da exortação ocupa-se com a nota «católica» do escutismo: «O escutismo católico na educação da fé».

Esta relação entre o escutismo e a educação da fé está na sua «matriz espiritual» que é o cristianismo:

«o projecto escutista é portador de um ideal que o torna capaz de oferecer uma mundividência caracterizada por valores humanos que dialogam com os valores da fé».

E, continuam os bispos:

«Baden-Powell era, ele próprio, um cristão convicto e, por isso, é natural a convergência entre o ideal que propõe aos escuteiros e a revelação cristã. O cristianismo, matriz espiritual do escutismo, defende não somente a fidelidade a Deus, como também orienta na fidelidade ao homem»¹⁹³.

No que diz respeito ao contributo do escutismo para a pedagogia da fé, escrevem os bispos: «desde o início, a Igreja reconheceu no Escutismo um instrumento válido para a educação da fé e o crescimento na vida cristã»¹⁹⁴, e citam concretamente a ‘boa acção’

¹⁹¹ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Exortação Pastoral*, 6.

¹⁹² Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Exortação Pastoral*, 6-7.

¹⁹³ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Exortação Pastoral*, 7.

¹⁹⁴ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Exortação Pastoral*, 8.

para ilustrar o aspecto muito concreto desta pedagogia da fé: «A ‘Boa-acção’ típica do Escutismo torna-se educação para a caridade gratuita e para a imitação de Jesus Cristo, o Servo»¹⁹⁵. Portanto, concluem os bispos: «O Escutismo contém, pois, no método educativo, virtualidades evangelizadoras de indiscutível oportunidade pastoral»¹⁹⁶.

Na terceira parte, a exortação pastoral reflecte sobre o lugar do CNE numa pastoral renovada: «O CNE numa pastoral renovada».

Os bispos reconhecem que a pedagogia do escutismo contém um dinamismo evangelizador que pode ser valorizado, e indicam algumas direcções. Na personalização e fundamentação da fé; na nova evangelização, em que «o escutismo poderá desempenhar um papel de primeira instância, educando para os valores evangélicos»¹⁹⁷; na evangelização dos mais afastados, onde o escutismo pode tornar-se «um movimento de fronteira entre a Igreja e o mundo e um meio para a nova evangelização»¹⁹⁸; na participação activa de todos na nova evangelização, para a qual, pela sua pedagogia, pode despertar e educar para a participação activo dos leigos nessa tarefa: «o escutismo, pela participação activa que propõe, pela responsabilidade que desperta, educa para a participação laical, incentiva e prepara os leigos para serem obreiros de evangelização»¹⁹⁹. No que diz respeito à pastoral juvenil, reconhecem os bispos que o escutismo «pode tornar-se uma resposta oportuna aos desafios da era do vazio e do secularismo empobrecedor»²⁰⁰.

¹⁹⁵ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Exortação Pastoral*, 9.

¹⁹⁶ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Exortação Pastoral*, 9.

¹⁹⁷ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Exortação Pastoral*, 14.

¹⁹⁸ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Exortação Pastoral*, 14.

¹⁹⁹ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Exortação Pastoral*, 14.

²⁰⁰ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Exortação Pastoral*, 15.

Mas, para levar a efeito tal tarefa, não só da evangelização, mas também da formação dos jovens que participam no escutismo, são necessários dirigentes e assistentes competentes e bem formados, para que formem estes jovens que, no escutismo apontam para o futuro: «o CNE é um movimento que aponta para o futuro. Transmite, na verdade, às novas gerações um ideal humano e cristão que promete uma sociedade mais fraterna e uma Igreja mais activa»²⁰¹.

Conclusão

Neste segundo capítulo, vimos como a Igreja, aproveitando as potencialidades do escutismo, procurou fazer da sua pedagogia um caminho para viver o cristianismo. Baden Powell tinha como preocupação formar jovens para serem amigos dos outros e bons cidadãos, de modo deixarem o mundo melhor do que o encontraram. O escutismo católico, partindo deste pressuposto e ideal – formar bons cidadãos que amem a sua Pátria -, procura que esses bons cidadãos sejam bons católicos, o que se consegue alargando o seu horizonte de pertença para a Igreja, que é mais do que a «fraternidade escutista», sobretudo vista, a Igreja, como «Povo de Deus» e como «Corpo místico de Cristo», em que todos se sentem irmanados numa comunidade em que todos são membros uns dos outros.

O magistério de Igreja, dos Papas e, entre nós, da Conferência Episcopal, foi determinante neste sentido, também pela «exploração» do conceito de «escutismo», na sua etimologia do «scouting» inglês, vendo o escutismo na linha dos «exploradores» da Terra Prometida, ao tempo de Josué, mas que permite uma actualização para o tempo actual, na medida em que o «alerta» dos «escuteiros» é expressão desta atenção aos sinais de Deus nos trilhos que, na história de cada um, cada escuteiro há-de «explorar».

²⁰¹ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Exortação Pastoral*, 16.

No próximo e último capítulo vamos «explorar» o trilho do escutismo em Portugal.

CAP. III - ESCUTISMO CATÓLICO EM PORTUGAL

Este terceiro capítulo está organizado em três pontos. No primeiro, vamos ver um pouco a história dos movimentos juvenis em Portugal no séc. XX. O segundo ponto é dedicado à origem do escutismo católico em Portugal, e, no terceiro, vamos ver um tema muito importante, que é a educação para a cidadania, que estava já presente nas preocupações de Baden Powell, que desejava formar bons cidadãos.

1. Os movimentos juvenis em Portugal no séc. XX

O historiador Paulo Fontes dedica a este tema dos movimentos juvenis em Portugal dois estudos muito importantes: um, mais de natureza teórica com base nas mutações sociais verificadas sobretudo nos finais do séc. XX, e outro mais de natureza histórica.

No primeiro estudo, intitulado «Jovens, menos jovens e a educação das novas gerações. Algumas notas sobre a condição juvenil»²⁰², Paulo Fontes faz uma introdução à problemática que enfrentam os estudos que se consagram à juventude, começando pela nomenclatura: regista uma evolução na linguagem que vai dos «mancebos», passando pelos «jovens» para se fixar na «juventude»: «na perspectiva da história social, a juventude tornou-se numa questão a partir da constatação que os mecanismos de iniciação e integração social tradicionais já não funcionam»...«Deixa-se, assim, de falar em ‘mocidade’ para preferir a ideia de ‘juventude’»²⁰³.

No que diz respeito à evolução recente da sociedade portuguesa, segundo Paulo Fontes, «a experimentação de novos modos de vida e a diversificação de estratégias

²⁰² Cf. P. FONTES, *Jovens, menos jovens e a educação das novas gerações. Algumas notas sobre a condição juvenil*, in *Communio*, XIII (1995/6), 503-514.

²⁰³ P. FONTES, *Jovens, menos jovens e a educação das novas gerações*, 507.

persoais de transição para a vida adulta, particularmente no seio das classes médias constituem hoje as características mais marcantes dos processos de adaptação e integração social dos jovens. Esta consideração obriga a repensar as questões ligadas à educação das novas gerações»²⁰⁴.

Então, segundo Paulo Fontes, a educação das novas gerações, nas condições actuais «é hoje um processo extraordinariamente complexo»²⁰⁵. Por isso, dado o «processo global de socialização», «na reflexão e formulação de propostas educativas» é necessário que «se considere já não apenas a escola e o espaço familiar, quanto aos meios de comunicação social, as formas de lazer, os diversos grupos de pertença ou a sua ausência, as formas de vida urbana e a sua difusão, ect.». «Em última análise», diz o historiador, «estão em causa, afinal, os próprios paradigmas de apresentação da realidade social»²⁰⁶.

No estudo sobre «as organizações de juventude e o movimento católico no século XX em Portugal»²⁰⁷, Paulo Fontes centra a sua atenção na origem e formação, considerando, por um lado, o contexto nacional e, por outro, o contexto eclesial neste período da história.

No que diz respeito ao contexto nacional, chama a atenção para o facto de que «o aparecimento, ainda no séc. XIX, de diversas organizações viradas para a juventude corresponde a uma transformação de fundo a nível dos processos de socialização e das formas de sociabilidade juvenil existente»²⁰⁸, em que uma das principais características

²⁰⁴ P. FONTES, *Jovens, menos jovens e a educação das novas gerações*, 513.

²⁰⁵ P. FONTES, *Jovens, menos jovens e a educação das novas gerações*, 513.

²⁰⁶ P. FONTES, *Jovens, menos jovens e a educação das novas gerações*, 514.

²⁰⁷ Cf. P. FONTES, *As organizações de juventude e o movimento católico no século XX em Portugal*, in *História*, Ano XIX (Nova Série), 1997, 16-29.

²⁰⁸ P. FONTES, *As organizações de juventude*, 16.

da sociedade moderna é a «ideia secularizada da promessa»: «a ideia secularizada da promessa, da conquista do futuro, conduzindo a uma redimensionação do tempo vivido»²⁰⁹. No que diz respeito à Igreja, é «a percepção de que a catequese, embora renovada, não é suficiente para garantir a formação dos jovens»²¹⁰. Além disso, chama ainda a atenção para o facto de a Igreja e o Estado não serem os únicos a reivindicar um poder cultural: «No entanto, é no processo de secularização das sociedades e no quadro da laicização das principais instituições que a concorrência entre o Estado e as Igrejas se acentua»²¹¹.

O estudo de Paulo Fontes ocupa-se de dois tópicos: o primeiro, trata das «organizações católicas de juventude: unidade e autonomia de acção; e, o segundo tópico, ocupa-se essencialmente com a Acção Católica.

1.1. *As organizações católicas de juventude*

O autor começa por apresentar a diversas etapas percorridas nas Organizações, desde os finais do séc. XIX até aos anos 70 e 80 do séc. XX²¹². E assinala seis fases:

A primeira fase «coincide com o agudizar das tensões sociopolíticas que se verificaram em Portugal desde a última década do século XIX e acompanha o agravamento da questão religiosa».

A segunda «acompanha as primeiras tentativas de reorganização do movimento católico que procura a sua unidade estratégica e organizativa, em resposta ao ‘apelo de

²⁰⁹ P. FONTES, *As organizações de juventude*, 17.

²¹⁰ P. FONTES, *As organizações de juventude*, 17.

²¹¹ P. FONTES, *As organizações de juventude*, 18.

²¹² P. FONTES, *As organizações de juventude*, 19-20.

Santarém' lançado pelos bispos portugueses a 10 de Julho de 1913, visando resistir e contrariar a política religiosa da República».

A terceira fase é marcada pela realização do Concílio Plenário Português, em 1926. Esta fase consiste na recomposição do movimento católico que conduziu à fundação da Acção Católica Portuguesa, em 1933.

A fase seguinte situa-se depois da II Guerra Mundial: caracteriza-se pelo crescimento e afirmação pública da vida das organizações católicas, que se prolonga até aos anos 50, quando se realizam grandes congressos.

A quinta fase corresponde à «emergência da problemática da liberdade política no interior do movimento social católico, a partir de 1956, e depois ao esforço de renovação provocado pelo Concílio Vaticano II (1962-65).

A partir de meados da década de sessenta, por causa da guerra colonial e das crises académicas, cresce a politização dos movimentos juvenis católicos, como a JEC, A JOC e a JUC, estruturados, a partir de então, como organizações únicas para os jovens de ambos os sexos.

A última fase é a que corresponde aos anos 70 e 80 e «corresponde à procura de novos projectos de evangelização e do reconhecimento do pluralismo crescente a nível de propostas pastorais e novas organizações católicas da juventude, que a Igreja procura congregar e potenciar no seio de uma especializada 'pastoral juvenil'»²¹³.

²¹³ P. FONTES, *As organizações de juventude*, 18.

Depois desta apresentação das grandes etapas ou fases do desenvolvimento das organizações católicas da juventude, Paulo Fontes ocupa-se sucessivamente com três tópicos:

- a) Das iniciativas locais ao projecto de união da mocidade católica portuguesa;
- b) Da federação das juventudes católicas portuguesas: entre a unidade e diversidade de iniciativas;
- c) A juventude católica feminina.

Do primeiro tópico, parece-nos de particular importância a fundação do CADC (*Centro Académico de Democracia Cristã*) em Coimbra (1901); do segundo tópico, parece-nos de grande importância a fundação da Federação da Juventude Católica, como resultado dum Congresso realizado em Coimbra a 24-25 de Abril de 1913, no qual se estabelecia como Regra: «a submissão disciplinada à autoridade da Igreja católica, a fiel obediência ao Soberano Pontífice e ao Episcopado, e a plena adesão a todos os Ensinamentos da Santa Sé Apostólica; como Meios a Piedade, o Estudo e a Acção»²¹⁴. É neste contexto que tem início em Portugal o escutismo e o guidismo católico, em 1923, que teve o primeiro núcleo em Braga por iniciativa de D. Manuel Vieira Matos, que o conheceu durante o Congresso Eucarístico Internacional realizado em Roma, em 1922. Quanto ao guidismo: «A Associação Guias de Portugal nasceu por iniciativa particular no Porto e na Madeira, sob a influência dos meios sociais britânicos, embora com uma perspectiva religiosa de formação dos seus membros»²¹⁵.

Quanto ao terceiro tópico, «A Juventude Católica Feminina», ela surgiu um pouco mais tarde que as organizações masculinas, em 1924, mas teve um rápido

²¹⁴ P. FONTES, *As organizações de juventude*, 20.

²¹⁵ P. FONTES, *As organizações de juventude*, 21.

desenvolvimento. Segundo Paulo Fontes, «o desenvolvimento e o peso crescente do associativismo católico feminino é um elemento estruturante do catolicismo português»²¹⁶.

1.2. A Acção Católica Portuguesa

Este é o segundo ponto do estudo de Paulo Fontes: «A institucionalização da Acção Católica Portuguesa (ACP) como uma única e centralizada organização de apostolado a nível nacional, em 1933, corresponde não apenas a uma fase mas a uma nova etapa na recomposição do movimento católico português, iniciada com a realização do Concílio Plenário Português (1926). Nele particular realce foi dado à necessidade de ‘educação cristã da mocidade’ e à ‘disciplina dos leigos’, a par da importância dada à ‘acção católica’»²¹⁷.

De acordo com a *magna charta* da Acção Católica, a carta *Ex officiosis litteris*, de Pio XI, dirigida ao cardeal patriarca de Lisboa, a 10 de Novembro de 1933, os seus associados deviam manter-se alheios à actividade política, e por isso a Acção Católica desenvolveu a sua actividade, segundo Paulo Fontes, a «dois níveis convergentes: a ‘formação integral’ dos seus associados no plano individual; e uma acção de incidência social, tanto no campo familiar quanto no da vida pública em geral»²¹⁸.

Na história dos organismos juvenis da Acção Católica, Paulo Fontes sublinha duas fases. Uma primeira, que se alarga de 1933 ao final da II Guerra Mundial, na qual se desenvolveu o projecto de «reconquista cristã da sociedade e o catolicismo social», sendo esta fase assinalada por importantes congressos nacionais, até ao último, realizado em

²¹⁶ P. FONTES, *As organizações de juventude*, 22.

²¹⁷ P. FONTES, *As organizações de juventude*, 22.

²¹⁸ P. FONTES, *As organizações de juventude*, 22.

1955, que foi marcado pela intervenção da censura do Estado Novo, que impediu a realização duma encenação e a publicação das conclusões e que mereceu uma intervenção veemente do Cardeal Cerejeira: «tocar em vós é feri-la (à Igreja) naquilo que tem de mais íntimo, no que ela tem de mais glorioso»²¹⁹.

A partir de meados dos anos 50 no interior do movimento católico emergem «duas questões centrais: a liberdade cívica e política e a problemática missionária»²²⁰. A primeira questão, segundo Paulo Fontes, foi acelerada por vários acontecimentos, tanto a nível nacional, o Estado autoritário e repressivo, e internacionais, como os acontecimentos de 1956 na Hungria, em que os jovens católicos participaram. A questão missionária ressurgiu nesse período em torno da situação ultramarina portuguesa.

Paulo Fontes assinala o início duma nova fase a meados da década de 60 com o processo de reestruturação da ACP, começado em 1965²²¹. A nível estrutural, são suprimidas as organizações gerais da ACP, dando-se a aproximação dos organismos masculinos e femininos. Esta nova orientação está marcada pelo processo de *aggiornamento* promovido pelo Concílio Vaticano II e também pela politização crescente dos movimentos estudantes à qual os movimentos católicos não podiam escapar²²². Nessa altura, refere Paulo Fontes, deixa-se de falar em «organismo juvenis» para se sublinhar a existência de «movimentos de juventude católica» de que a Acção Católica já não era nem a principal nem a única organização do laicado católico: «múltiplas iniciativas e dinâmicas a nível local e internacional tinham feito o seu desaparecimento, dando lugar ao ‘apostolado dos leigos’». E com ele a Igreja Católica reconhecia e afirmava a

²¹⁹ P. FONTES, *As organizações de juventude*, 26.

²²⁰ P. FONTES, *As organizações de juventude*, 26.

²²¹ P. FONTES, *As organizações de juventude*, 27-28.

²²² P. FONTES, *As organizações de juventude*, 28.

importância e valor da pluralidade no seu próprio seio»²²³. E conclui Paulo Fontes o seu estudo: «é significativo que progressiva e generalizadamente a Igreja Católica tenha sido das primeiras instituições a abandonar a ideia de mocidade para referir a ideia de juventude, procurando aí um dos primeiros campos de definição da sua acção pastoral especializada»²²⁴.

2. A origem e afirmação do escutismo católico: a preocupação da Igreja em que o *escutismo* não afaste dela os jovens

Para desenvolver este capítulo, vamos basear-nos em duas obras que abordam a origem do escutismo católico em Portugal: o estudo de Ana Cláudia Vicente²²⁵ e o estudo de João Vasco Reis²²⁶. O primeiro trata do escutismo no quadro da investigação história contemporânea sobre os movimentos e organizações juvenis em Portugal; o segundo, apresenta um estudo exaustivo do escutismo católico em Portugal desde a sua origem à actualidade. Para o nosso objectivo, vamos apresentar uma breve síntese, para nos dar a noção da importância do Escutismo, fazendo um percurso em três etapas: o escutismo católico para rapazes; a integração das raparigas, as guias e o guidismo; a pedagogia da coeducação e a integração das raparigas no escutismo.

2.1 O escutismo católico para rapazes

João Vasco Reis situa o surgimento do escutismo católico em Portugal no quadro da situação da Igreja durante a Primeira República²²⁷, e, concretamente, no seguimento

²²³ P. FONTES, *As organizações de juventude*, 28.

²²⁴ P. FONTES, *As organizações de juventude*, 28.

²²⁵ *A introdução do escutismo em Portugal*, in *Lusitania Sacra*, 2ª Série, 16 (2004), 203-245

²²⁶ *Corpo Nacional de Escutas – CNE. Uma história de factos*, Lisboa, CNE 2007

²²⁷ J. V. REIS, *Corpo Nacional de Escutas – CNE. Uma história de factos*, Lisboa, CNE 2007, 75-

da lei da separação que, sob a aparência de garantir a igualdade de direitos de todas as associações religiosas e culturais em Portugal, na verdade tinha como objectiva restringir o espaço da Igreja católica e outras confissões religiosas em Portugal.

Este clima de perseguição teve um período de contenção durante o consulado de Sidónio Pais, quando em 1918 a lei da separação foi alterada, e as relações diplomáticas com a Santa Sé foram reactivadas. É possível que esse abrandamento se tenha em parte devido às aparições de Nossa Senhora em Fátima, que corresponderam ao 3º período do governo de Afonso Costa, que ainda julgou poder encontrar na hierarquia um aliado, devido ao facto do seu inicial cepticismo aos que acontecia na Cova da Iria, o que só foi superado quando em 1930 o bispo de Leiria reconheceu a autenticidade da experiência dos pastorinhos.

Num clima ainda e sempre adverso, o Centro Católico foi a resposta dos católicos portugueses à Pastoral Colectiva do episcopado de 1917, tendo em conta as linhas pastorais do papa Bento XV. O Centro Católico tornou-se uma organização criada para disputar no terreno político a oposição às leis consideradas perniciosas para a Igreja católica; uma organização temida e respeitada pelo sistema político. Dessa organização foi membro, entre outros, Oliveira Salazar, que fez uma intervenção importante no 2º Congresso promovido pelo Centro Católico em Lisboa a 29 de Abril de 1922.

Foi nesse mesmo ano de 1922 que começou a desenvolver-se na Igreja em Portugal a ideia da criação dum movimento escutista de cariz católico, que, entretanto, já tinha surgido, em 1915, em Itália, com a bênção do Papa Bento XV; em 1917 em França, com o Padre Jacques Sevin, na Bélgica, com o Padre Jacobs e na Dinamarca, com o Padre Koche, que se afirmavam como fiéis intérpretes do escutismo.

Em 1922 o P. Avelino Gonçalves acompanhou D. Manuel Vieira Matos ao Congresso Eucarístico Internacional e ambos puderam apreciar o trabalho dos escuteiros

católicos italianos nesse Congresso, e ficaram vivamente impressionados e aí surgiu neles o desejo de trazer o escutismo católico para Portugal.

Mas em Portugal havia muitas reservas quanto ao escutismo. Baden-Powell, que era anglicano convicto, não tinha reservas quanto à aceitação do catolicismo: chamara o cardeal católico Bourne a colaborar com o escutismo inglês; tinha confiado à católica Vera Barclay a preparação do lobitismo; recomendava a leitura do padre Jacques Sevin, em cuja obra, *Le Scoutisme*, de 1922, adicionou ao método de Baden-Powell a doutrina social da Igreja e a espiritualidade do naturalismo de S. Tomas de Aquino, tendo a sua dedicação ao escutismo sido encorajada pelo Papa Bento XV.

Mas em Portugal havia sérias reservas de aceitar o escutismo, pela sua origem protestante e pelo facto o escutismo estar ligado além do protestantismo, à maçonaria, como a Associação de Escoteiros de Portugal (=AEP), ou ao judaísmo, como a União Aduaneira Portuguesa (=UAP).

Mas foi o exemplo dos escuteiros católicos italianos que impressionaram o arcebispo de Braga e era desses que ele desejava introduzir em Portugal. E foi assim que aconteceu.

Numa primeira reunião, que teve lugar a 24 de Maio de 1923, no nº 20 da Praça do Município da cidade de Braga, D. Manuel Vieira de Matos com 11 personalidades estudaram a possibilidade de criar uma associação independente das duas associações de escuteiros já existentes, a *Associação dos Escoteiros Portugueses* e a *União Aduaneira de Portugal*²²⁸. Foi aí escolhida a fórmula *Corpo de Scouts Católicos Portugueses* (CSCP) independente. Três dias depois, a existência dos *Scouts* católicos portugueses bem como os seus estatutos seriam aprovados pelo Governador Civil do distrito.

²²⁸ ANA CLÁUDIA VICENTE, *A introdução do escutismo em Portugal.*, 228-234.

Também o Ministério do Interior, pela portaria nº 3.824 de 26 de Novembro desse ano de 1923, apoia o novo movimento juvenil, manifestando explicitamente o desejo de que se expanda por todo o território nacional, uma vez aprovados oficialmente os seus estatutos. Esse apoio e desejo de expansão do escutismo católico haveriam, porém, de confrontar-se com a dura oposição dos meios políticos anticlericais. Apesar dessa oposição, a 26 de Maio de 1924 o mesmo Ministério, com o decreto 9.729, reconhece legalmente a existência do escutismo católico. A oposição não cede, conseguindo, pouco depois, a 12 de Junho de 1924, a anulação desse decreto com o 9.791. Finalmente, a 28 de Fevereiro de 1925, com o decreto 10.589, o escutismo volta a ser oficialmente reconhecido, mas com outra designação, a de *Corpo Nacional de Escutas* (CNE), onde lhe é retirada a nota confessional, com a eliminação da referência ao catolicismo.

No Verão de 1925 um grupo de quinze Scouts foi a Roma participar num encontro de *Scouts* católicos. A comitiva portuguesa foi recebida em audiência por Pio XI, cujas palavras de encorajamento ao escutismo católico dissiparam a resistência de alguns sectores do clero português, que tinham algumas reservas ao facto de ser assumido um método de raiz protestante.

No ano de 1927 foi criada em Itália a *Opera Nazionale Balilla* pelo governo totalitário de Mussolini que pretendia ter o domínio de todas as organizações juvenis. Uma das suas vítimas foi a *Associazione Scautistica Cattolica Italiana*, que, para evitar que caísse sob o domínio da *Balilla*, a associação dissolveu todos os seus grupos por decisão do Papa Pio XI. Os escuteiros portugueses, mesmo correndo o risco do que lhe podia acontecer perante o regime totalitário recém-criado, não hesitaram a solidarizar-se

com os escuteiros italianos, respeitando a decisão do papa e denunciando a política do ditador italiano²²⁹.

Em Março de 1928 o CNS acabou por firmar com a AEP um pacto com vista à constituição da Federação Escutista de Portugal (FEP), o que permitiu o reconhecimento do CNS pelo Bureau mundial do Escutismo. Em 21 de Setembro do mesmo ano a Santa Sé concedeu autorização aos padres para celebrarem missa em campo, quando acompanhavam os *Scouts* nas suas actividades; e para confessarem escuteiros de uma diocese que não a sua.

Em novembro de 1934 foi publicado o novo Regulamento Geral do CNS e foi então que o escutismo Portugal passou a chamar Corpo Nacional de Escutas (CNE). Deu-se assim uma *lusitanização* do termo²³⁰, que, de *Explorador*, que era o sentido do inglês *scout*, para *escuta*, o que veicula o sentido de *alerta*, de *estar atento*.

O período que vai de 1936 a 1942 foi marcado por uma grande pressão do novo regime político português no sentido da dissolução das organizações juvenis e do CNS em particular²³¹. O Estado Novo reivindicava para si o monopólio da formação e da educação da juventude, através da Mocidade Portuguesa que nesta data se tornara obrigatória para todos os jovens em Portugal. O escutismo teve assim de conviver, por um lado, com associações escutas de inspiração não católica ou protestante, como foi o

²²⁹ Cf. J. V. REIS, *Corpo Nacional de Escutas*, 112. Em 1933 durante uma viagem a Itália, Baden-Powell foi recebido por Mussolini. O ditador italiano disse-lhe que os princípios da associação *Balilla eram inspirados no escutismo* e pediu-lhe que apresentasse algumas críticas, ao que Baden-Powell respondeu: o seu movimento era obrigatório, ao passo que o escutismo era voluntário; o seu visava o nacionalismo, ao passo que o escutismo visava criar uma compreensão internacional; o *Balilla* visava um treino puramente físico, ao passo que o escutismo desenvolvia o lado espiritual; aquele criava o espírito de massa; este visava forma o carácter individual. Para Baden-Powell, o escutismo é independente, quer a respeito da Estado quer a respeito da Igreja (Cf. R. BASTIN, *Baden Powell cidadão do mundo*, 236).

²³⁰ Cf. J. V. REIS, *Corpo Nacional de Escutas*, 176-177.

²³¹ Cf. A. C. VICENTE, *A introdução do escutismo em Portugal*, 231-234..

caso da Associação dos Escoteiros de Portugal (AEP) e outras, e, por outro, com a concorrência da Mocidade Portuguesa e, de certo modo, no interior da Igreja também da Acção Católica, que também arrogava o monopólio do apostolado dos jovens, que sempre se recusou em aceitar o Escutismo católico como um movimento que também podia ser integrado, com a sua mística e a sua pedagogia própria, na grande organização da Acção Católica.

Da parte do Estado Novo durante décadas o escutismo católico (conhecido como CNS) sofreu pressões e ameaças que punham em risco a sua sobrevivência, enquanto movimento católico empenhado na formação integral da juventude, para serem os «Homens do futuro», e, portanto, que procuravam conciliar em harmonia o ser católico e ser cidadão.

Esta pressão foi exercida concretamente sobre o cardeal patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira para que interviesse pessoalmente no sentido de fechar as portas dos Escutas, para salvaguardar o interesse do governo na educação controlada integralmente pelo Estado Novo. O Cardeal não se mostrou receptivo à ideia e defendeu o escutismo e a sua mais valia a respeito da Mocidade Portuguesa, que não lhe merecia a sua absoluta confiança.

Em 1938 Cerejeira enviou uma carta ao ministro da educação, Carneiro Pacheco, com data do dia em que se celebrava os 33 anos do CNS, em que recusava a participação numa concentração da Mocidade Portuguesa e manifestava o seu desagrado pelo convite aos dirigentes da *Hitlerjugend* para estarem presentes em Portugal. Noutra carta, o Cardeal louvava a obra de cristianização do ensino oficial português, mas recusava o pedido feito. Como consequência desta tomada de posição do Cardeal, o ministro Carneiro Pacheco comunicou a Salazar a inconveniência de ir para uma forma de

organização exclusiva e totalitária, sendo preferível uma fórmula de aceitação do escutismo embora sob independência vigiada²³².

D. Manuel Gonçalves Cerejeira ameaçou declarar guerra aberta ao Estado se ousasse dissolver o CNS em favor da Mocidade Portuguesa. Mas a pacificação só se tornou realidade a partir da Concordata entre a Santa Sé e o Estado Português, de 1940.

2.2. O Guidismo em Portugal

No final do seu estudo sobre o escutismo em Portugal, Ana Cláudia Vicente oferece uma breve notícia sobre a introdução do guidismo em Portugal, observando que, embora o método escutista tenha sido pensado para rapazes, na verdade as raparigas nunca estiveram de facto afastadas²³³. Em Portugal o primeiro grupo feminino a praticar escutismo foi o grupo nº 28 da AEP (= Associação de Escoteiros de Portugal), criado em Março de 1916. Este grupo durou pouco tempo, não mais de dois anos. A UAP (= União de Adueros de Portugal) teve, em 1922, o grupo 17 de Adueras. Outras referências a mulheres nesta associação datam de 1926, mas o seu papel era de beneméritas e angariadoras de fundos. Segundo Ana Cláudia Vicente, «a mais provável explicação da não legitimação destas realidades é também a mais simples: o modelo do escutismo no feminino foi no momento inicial da sua experimentação bastante polémico, mesmo no panorama inglês, socialmente mais dinâmico e economicamente mais favorável a actividades de lazer»²³⁴. Segundo João Vasco Reis, «as reticências à entrada de raparigas no movimento fundado por Baden-Powell não eram exclusivas de Portugal, muito pelo contrário; e tiveram necessariamente a ver com a leitura que à época (às épocas) foi feita

²³² J. V. REIS, *Corpo Nacional de Escutas*, 201-207.

²³³ Cf. A. C. VICENTE, *A introdução do escutismo em Portugal*, 234.

²³⁴ A. C. VICENTE, *A introdução do escutismo em Portugal*, 235.

do próprio modelo escutista, pensado inicialmente, pelo fundador, para rapazes e não para raparigas. Contudo elas aderiram ao movimento desde o início»²³⁵.

As primeiras «companhias» conhecidas surgiram em 1926, no Funchal, no Porto e em Carcavelos. A Associação de Guias de Portugal, foi oficializada em Abril de 1934. As primeiras notícias sobre as companhias, equiparadas aos grupos de escuteiros, data de Dezembro de 1935²³⁶. A partir de Setembro de 1936 fez-se silêncio sobre a AGP (Associação de Guias de Portugal): «este silêncio foi motivado por dois acontecimentos marcantes do segundo semestre de 1936: a criação das organizações estatais femininas e a extinção da OEP (= Organização Escotista de Portugal)»²³⁷.

Em 1934 foi publicado pelo CNS (=Corpo Nacional de Scouts) um primeiro conjunto de regras que permitiu a existências de mulheres nas chefias da I Secção. Segundo Ana Cláudia Vicente, «o papel feminino na Chefia de Alcateia foi desenvolvimento do anteriormente existente ‘Conselho Protector de Grupos’ composto por paroquianas que prestavam apoio catequético e financeiro às actividades de Lobitos e *scouts*»²³⁸.

O 1º Congresso Nacional de Dirigentes em Setembro de 1933 criou o modelo de Patrulha de Estudo do CNE. Estas integraram, na dinâmica geral de chefia, as jovens *Akelás*, mas a presença de mulheres dirigentes em Conselho Nacional só foi facto desde 1936²³⁹.

²³⁵ J. V. REIS, *Corpo Nacional de Escutas*, 168.

²³⁶ Cf. A. C. VICENTE, *A introdução do escutismo em Portugal*, 236.

²³⁷ A. C. VICENTE, *A introdução do escutismo em Portugal*, 236.

²³⁸ A. C. VICENTE, *A introdução do escutismo em Portugal*, 237-238.

²³⁹ A. C. VICENTE, *A introdução do escutismo em Portugal*, 238.

2.3. A pedagogia da coeducação²⁴⁰

Com as transformações da sociedade portuguesa, a partir de Revolução de Abril de 1974, também no CNE se operam transformações. Em Julho de 1974, a Junta Central considera-se demissionária e o Conselho Nacional nomeia uma Comissão Executiva que passa a gerir a Associação. Este processo conduz à aprovação dos novos Estatutos, em 9 de Março de 1975, em consequência dos quais é empossada a 1.ª Junta Central eleita por sufrágio directo, tendo como Chefe Nacional Manuel António Velez da Costa, qual viria a ser reconduzido no cargo em 1980, igualmente através de eleições nacionais.

Em 1976, uma conclusão do Conselho Nacional admite, com condições, a admissão de jovens de sexo feminino para as várias secções, altura que é considerada por alguns sectores da associação como o lançamento da coeducação no CNE. A porta fora aberta pelos novos estatutos de Março de 1975 que no seu artigo 1º «definiam concretamente o CNE como uma ‘Associação de juventude, destinada à formação integral dos jovens’, e não ‘dos rapazes’»²⁴¹. Mas, observa João Vasco Reis, «o bom-senso, a prudência e a competência requeriam que se iniciassem experiências de coeducação. Como tal, foi deliberado ‘a admissão de raparigas no CNE com mais de seis anos de idade para as secções correspondentes, mas, ainda assim, com várias reticências, a título experimental, cabendo às juntas regionais a decisão da coeducação em cada Região’»²⁴².

Em 1978 realiza-se o 15º Acampamento Nacional em Aveiro, já com um campo sénior, para a III secção, entretanto criada, para os jovens dos 14 aos 17 anos, com os Estatutos de 1975.

²⁴⁰<https://escutismo.pt/dirigentes/associacao/historia/historia-do-cne:98>

²⁴¹ J. V. REIS, *Corpo Nacional de Escutas*, 397.

²⁴² J V. REIS, *Corpo Nacional de Escutas*, 397.

Os estatutos foram entretanto sofrendo várias revisões, ditadas pela necessidade de os actualizar tendo em conta a doutrina da Igreja, nomeadamente o Concílio Vaticano II e outros documentos, como a exortação pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa, de 29 de Dezembro de 1995. O Regulamento Geral, ainda em vigor, foi aprovado no Conselho Nacional Plenário de 29 de Junho de 1997, e publicado na *Flor de Lis* de Setembro desse ano e entrou em vigor no mês seguinte²⁴³.

2.4. O Escutismo e a educação para a cidadania

Sob a coordenação dos historiadores António Matos Ferreira e João Miguel Almeida, do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica, foi publicada uma obra que reúne vários contributos, nacionais e estrangeiros, sobre o tema *Religião e Cidadania*²⁴⁴. Este tema interessa ao nosso estudo, uma vez que educar para a cidadania faz parte da pedagogia do escutismo, a partir de um dos seus princípios: «2. O Escuta é filho de Portugal e bom cidadão».

No entanto, esta obra não contém nenhum estudo dedicado ao contributo do escutismo. A terceira parte da obra é dedicada às «Organizações e Movimentos: dinâmicas de sociabilidade», na qual dois estudos abordam dois movimentos – a Acção Católica²⁴⁵ e o Apostolado da Oração²⁴⁶.

Estes movimentos têm, entre os seus objectivos, sensibilizar os seus membros para o empenhamento na sociedade. A Acção Católica, segundo L. Salgado Matos, está vocacionada «para a formação de uma elite católica nos diversos ramos da vida social

²⁴³ Cf. J. V. REIS, *Corpo Nacional de Escutas*, 399.

²⁴⁴ Cf. A. M. FERREIRA – J. M. ALMEIDA (Coordenação), *Religião e Cidadania Protagonistas, Motivações e Dinâmicas Sociais no Contexto Ibérico*, Lisboa, CEHR-UCP, 2011.

²⁴⁵ Cf. L. S. MATOS, *As associações voluntárias do Estado e da Igreja Católica no Portugal contemporâneo*, 429-454.

²⁴⁶ Cf. T. P. MARQUES, *O Apostolado da Oração e a socialização religiosa das camadas populares*, 455-468.

portuguesa»²⁴⁷. Sabemos que o seu método – ver, julgar, agir - , até pela insistência na militância, implica não só o testemunho de vida cristã e o cultivo da santidade nos diversos sectores da sociedade, mas também a sua responsabilidade cívica, portanto, a questão da cidadania está lá presente. O segundo, o Apostolado da Oração, é mais espiritual e intimista, visa a «ressacralização da sociedade»²⁴⁸ sobretudo através duma das suas devoções privilegiadas, as primeiras sextas feiras do mês, segundo a tradição da devoção ao Coração de Jesus, que remota, na sua origem, a Santa Margarida Maria Alaquoque [1647-1690].

Fazemos referência a estes estudos, porque eles situam o seu campo de investigação em movimentos e figuras que se situam no tempo em que também teve início o Escutismo; mas não vamos dedicar-nos à sua análise, porque isso sai fora do nosso âmbito de estudo e também porque pressupõe conhecimentos de história que não possuímos. Mas ajuda-nos a perceber o contexto no qual se desenvolveu o escutismo e como a sua pedagogia, expressamente orientada para a cidadania, se torna ainda mais interessante.

2.4.1. Na senda do Fundador

O fundador do Escutismo, R. Baden-Powell tinha em mente formar os jovens no seu carácter, de modo que se tornassem responsáveis por si próprios e úteis à sociedade. Na sua obra “*Escutismo para Rapazes*” leva os jovens a gostarem de viver ao ar livre, capazes de sobreviverem e de ajudarem os outros em situações de risco. Por isso, dá instruções úteis não para os jovens serem capazes de se orientarem no seguimento dos trilhos na sua natureza *exploradora*, mas também para conseguirem viver

²⁴⁷ L. S. MATOS, As associações voluntárias do Estado e da Igreja Católica no Portugal contemporâneo, 446.

²⁴⁸ T. P. MARQUES, O Apostolado da Oração e a socialização religiosa das camadas populares, 466.

autonomamente, resistindo às intempéries dos climas e das adversidades. É a formação de carácter que torna os rapazes verdadeiramente viris. O modelo da cavalaria medieval dá aos rapazes o sentido da honra e do dever, sobretudo de apoio aos mais desprotegidos, a assim o sentido do serviço gratuito e da boa acção. Na obra “*A Caminho do Triunfo*”, Baden-Powell dá indicações, sugestões para uma vida virtuosa verdadeiramente varonil, que procura evitar os excessos e ser participativa. Basta recordar a recomendação que praticam os rapazes despostos que eles mesmo inventam, para que a vida seja um jogo, e não se limitarem a verem os outros jogar.

Pode dizer-se que está aqui inscrita a pedagogia escutista que leva o rapaz a dedicar-se à sociedade, para que possa deixá-la e deixar o mundo melhor do que o terá encontrado. Isto aplicava-se, concretamente, nas instruções para que no final dos acampamentos tudo ficasse limpo, melhor até do que tivessem encontrado.

Esta vocação do escutismo para a cidadania está depois expressa na lei do escuta e nos princípios, no segundo que reza assim: «O Escuta é filho de Portugal e bom cidadão».

2.4.2. O reconhecimento do Magistério

Este contributo do escutismo para a educação para a cidadania é uma evidência, reconhecida por todos, nomeadamente pelo Magistério da Igreja, tanto os Papas, como dos bispos em Portugal, na sua exortação pastoral.

No discurso que dirigiu aos escuteiros romanos na festa de S. Jorge, no dia 23 de Abril de 1922, o Papa Pio XI faz referência a esta nota característica do escutismo, mesmo se não usa o termo: «sabemos o que os Escoteiros têm feito no interesse da vida cristã, da

restauração do pensamento e do sentimento cristão em todas as manifestações da vida privada e pública»²⁴⁹.

Pio XI recomenda que os escuteiros sejam aquilo que o seu nome significa, ou seja, «exploradores»: «Que significa Escoteiro? É um nome de organização, e supõe alguma outra coisa que ele anuncia e precede. Escoteiro, ou explorador, quer dizer reconhecer, ir buscar uma primeira notícia do país»²⁵⁰. Quer dizer que o escoteiro, segundo Pio XI, deve ser o primeiro entre os primeiros: «o vosso lugar é, pois, o primeiro entre os primeiros, e vós todos deveis estar entre os primeiros: primeiros na profissão da fé cristã, primeiros na santidade, primeiros na dignidade, primeiros na pureza, primeiros em todas as manifestações da vida cristã»²⁵¹.

O Papa Pio XII indica como uma das razões da rápida difusão do escutismo no mundo encontra-se também aqui, no amor à Pátria e na dedicação ao serviço dos outros:

«O Escotismo desperta no jovem e põe em ação tudo o que é naturalmente nobre, bom, sadio: simplicidade de vida, amor da natureza e da Pátria, sentimento de honra, autodisciplina, obediência, dedicação ao serviço dos outros, em espírito de fraternidade e de cavalaria»²⁵².

Na exortação pastoral, os bispos da conferência episcopal reconhecem que o escutismo se afirma «como escola de cidadania, pela educação para a participação, para o serviço e para a solidariedade, na correcta articulação entre liberdade e responsabilidade do indivíduo e do grupo que constitui uma experiência primária na prática escutista»²⁵³.

²⁴⁹ PIO XI, *Discurso aos Escoteiros romanos na festa de São Jorge* (23 de Abril de 1922), 5.

²⁵⁰ PIO XI, *Discurso aos Escoteiros romanos na festa de São Jorge* (23 de Abril de 1922), 6.

²⁵¹ PIO XI, *Discurso aos Escoteiros romanos na festa de São Jorge* (23 de Abril de 1922), 6.

²⁵² PIO XII, *Discurso do Santo Padre aos Escoteiros Católicos italianos em Castelgandolfo* (10 de Setembro de 1946), 43.

²⁵³ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Exortação pastoral*, 6-7.

3. A implantação do escutismo em Portugal

Os vários gráficos que apresento no final da dissertação permitem ver a evolução da implantação do escutismo em Portugal, na totalidade do território nacional e por dioceses.

Se considerarmos o Gráfico 1, verificamos que a implantação do escutismo foi progredindo de norte para sul, pois foi em Braga que começou, e em 1985 já cobria todo o território, se bem que a densidade de ocupação fosse variável, em 1984/85 manifestamente mais a sul.

O Gráfico 2 dá-nos uma ideia dos Membros do CNE nos anos entre 1995-98, verificando-se Braga com o maior número de Membros seguindo-se, de perto, Lisboa e em terceiro lugar o Porto. Se somarmos todos os membros de todos os distritos vemos que nos anos em observação, de 1995-1998, o CNE tinha em Portugal 64400 membros, o que é um número verdadeiramente notável.

Os gráficos seguintes – Gráfico 3 a 23 - traçam a evolução dos membros do CNE, por diocese, entre 1970 e 2006, incluindo também Macau, mas relativamente a esta diocese, os dados que tenho disponíveis são entre 2002 e 2006.

Finalmente, o último gráfico – Gráfico 24, apresenta os dados relativos ao número de membros do CNE relativos a 2006, mas discriminando-os por diocese e por sexo. Assim, nesse ano de 2006 havia no CNE em Portugal 36.664 rapazes e 31.267 raparigas, o que perfazia o total de 67.921.

Se compararmos estes dados com os referentes a 1998, temos que em 2006 o número de escuteiros no CNE tinha tido um aumento 3.521 membros. O mesmo gráfico mostra que Braga continuava em primeiro lugar no número de membros, seguida por Lisboa e o Porto. Se compararmos os sexos, veremos que em Braga a diferença era maior

entre o número de rapazes (8.847) em relação às raparigas (6.526), ao passo que em Lisboa e no Porto a diferença entre os rapazes e as raparigas é menor do que em Braga, embora o número de raparigas tenha a tendência para se aproximar do número dos rapazes. Mas há algumas dioceses em que o número de rapazes e raparigas se aproxima muito e até há uma, a dos Açores, na qual, em 2006, as raparigas superavam os rapazes no CNE.

Estes dados estatísticos mostram a grandeza da dimensão do CNE em Portugal e como representa um potencial muito importante para a Igreja, na realização da sua solicitude pastoral pela juventude, pois não há, julgo eu, outro movimento católico que congregue nas suas fileiras tantos jovens que, pelo menos à partida, se identifiquem com os princípios e a leis e a pedagogia que comporta em si uma possibilidade de «explorar» os trilhos que podem conduzir os jovens à plena maturidade humana e cristã, na dupla cidadania a que pertencem, a cidade de Deus e a cidade terrestre, como pensava Santo Agostinho ou, na linguagem do escutismo, cidadão que se honra da sua Pátria e da sua Fé.

Conclusão

Depois deste percurso feito é o momento de, numa síntese final, tentar verificar se e em que medida foi dada a resposta às três questões formuladas na introdução e que nortearam toda a nossa investigação.

1. No que diz respeito à primeira questão tornou-se bastante claro para mim o que é o escutismo na intenção do seu fundador. Ele pensou-o para rapazes, procurando fazer uma síntese do que há de melhor em três grandes instituições: na cavalaria medieval, com os seus ideais de honra, como forma de formar autênticos *gentlemen*; na vida militar, e os ideais do serviço, de coragem e de valentia; e no desporto e na caça, com os seus métodos de conhecer a natureza e de gostar de contactar com ela. Na caça, particularmente, dizia Baden Powell, o interesse não está em «matar o animal», mas conhecê-lo e lidar com ele, mesmo na sua bravura. Isto é transmitido nas obras principais que analisámos. No “*Escutismo para Rapazes*” procura o autor introduzir o rapaz no gosto por viver ao ar livre e por conhecer os sinais pelos quais pode orientar-se quando entregue a si próprio, como o autor mesmo viveu e como aprendeu duma tribo africana. No “*A Caminho do Triunfo*” Baden Powell transmite os princípios e os valores pelos quais o rapaz pode alcançar a felicidade, e assim deixar o mundo melhor do que o encontrou. Finalmente, na obra “*Auxiliar do Chefe Escuta*”, dá indicações preciosas aos guias para os ajudar na tarefa nobre de formar os homens do futuro, que é o objectivo do escutismo, na intenção do seu fundador, e que se encontram, esses critérios, nos «princípios» e nas «leis do escutismo». A minha primeira questão ficou assim bem respondida.

2. Encontrei também a resposta à segunda questão, sobre a nota de «católico» do escutismo, como foi recebido pela Igreja. E a resposta veio do Magistério da Igreja e

aqui são sobretudo relevantes os documentos do Papa Pio XI, o qual entendeu bem a metodologia e a pedagogia do escutismo, tal como Baden Powell as sonhou e concretizou, e relacionou esta pedagogia com a história da salvação. Isto aparece quando Pio XI, entre outros elementos, recorda os «Exploradores da terra prometida» no tempo de Josué. Assim serão os «escuteiros», verdadeiramente Exploradores da «terra prometida», o que pode ser uma metáfora para dizer todo o mistério que constitui a essência do ser cristão, porquanto exige, como aos Exploradores, na vida militar e não só, que fazem a Exploração do terreno, muito atenção e cuidado, todas as qualidades humanas, morais e espirituais de que fala Baden Powell tanto em “*Escutismo para Rapazes*” como “*A Caminho do Triunfo*” Pio XI é muito importante para a clarificação da identidade do Escutismo em geral e do Escutismo católico, em particular, porque marca a fronteira, define o seu perfil, tanto a respeito da Acção Católica, que surgiu no seu pontificado e com a sua bênção, mas também a respeito de movimentos que tinham um perfil claramente partidário e político, como, na Alemanha, a juventude hitleriana e na Itália, a juventude ligada a Mussolini, os Balilla, demarcação que o próprio Baden Powell fez num encontro com Mussolini. Os ideais do escutismo – em Baden Powell e no escutismo católico – não têm nada a ver com propostas partidárias e políticas.

3. Finalmente, a terceira questão, sobre o escutismo católico em Portugal, também teve o seu esclarecimento no percurso feito sobre a origem e desenvolvimento do escutismo em Portugal, desde a sua fundação em Braga, por iniciativa do então bispo primaz daquela arquidiocese, até ao seu pleno florescimento e clarificação, por acção do Cardeal Cerejeira, com a sua tomada de posição frente ao governo, a respeito da Mocidade Portuguesa. Pode assim também esclarecer-se o escutismo a respeito de outros movimentos juvenis que estão ligados à Igreja, como a Acção Católica e outros. O escutismo, de acordo com os seus princípios e as suas leis, faz com que o escuteiro sinta

honra na sua cidadania e na sua fé, porque todo o escuteiro é um bom cidadão e um católico consciente e praticante. O «escutismo católico» distingue-se de outros movimentos juvenis católicos por uma espiritualidade e uma mística próprias e por uma acção que o distingue dos outros, embora o que lhe é próprio não seja exclusivo, pois se encontra nos outros movimentos, embora em menor medida e com menos intensidade. Assim, por exemplo:

- a) O gosto de viver ao ar livre e em contacto com a natureza, vista mais claramente como um livro que fala de Deus e como uma «via», um «caminho» que pode conduzir até Ele, à maneira do que S. Tomás entendia, que o conhecimento das causas dos seres nos podia levar ao seu autor;
- b) Ver a vida como um «jogo», mas um jogo em que se treinam não só as capacidades naturais da pessoa, mas também as capacidades sobrenaturais das virtudes morais (prudência, justiça, fortaleza e temperança) e teologais (fé, esperança e caridade), que permitem ao escuteiro abrir-se à atenção e ao cuidado pelos outros, segundo o mandamento novo do amor, concretizado no gosto de bem-fazer, pela prática da boa acção diária e da disponibilidade para o serviço, que é a característica da IV Secção, os Caminheiros;
- c) Toda a técnica aprendida na escola de Baden Powell, em *“Escutismo para Rapazes”*, as sugestões para alcançar a felicidade, em *“A Caminho do Triunfo”* são postas ao serviço da formação moral e espiritual do escuteiro católico.

Podemos assim dizer que o escutismo católico, acolhendo o escutismo com a sua técnica e a sua pedagogia tal como o sonhou Baden Powell, coloca-as ao serviço da formação cristã dos jovens, para fazer deles bons cidadãos e bons católicos. Se tomado a sério, o escutismo tem uma pedagogia e uma espiritualidade muito fortes, nas quais se articula harmoniosamente a natureza e a graça, segundo um axioma clássico da

antropologia teológica: «a graça não destrui a natureza, mas leva-a à perfeição» («gratia non destruit naturam, sed perficit eam»). Pensado por Baden Poewll para rapazes, o fito do escutismo é ajudar na formação de homens do futuro, fortes, viris, que gostam de viver em contacto com a natureza, que praticam um estilo de vida austero, habituando-se a viver com o estritamente necessário, o que faz pensar nos conselhos evangélicos, da pobreza, pelo cultivo duma vida austera, da obediência, no respeito pelos princípios e as leis do escutismo, e da castidade, na boa educação segundo os ideais da antiga cavalaria, cultivando a delicadeza do coração e o respeito pelos outros na sua radical alteridade. No escutismo católico será mister completar o que Baden Powell propõe no seu livro “*A Caminho do Triunfo*” com a formação cristã do carácter pelo cultivo das virtudes morais e dos conselhos evangélicos.

O escutismo apresenta-se como uma escola de formação humana integral e de espiritualidade, onde os jovens, rapazes e raparigas, são treinados, através de jogos e de exercícios geralmente ao ar livre, em contacto com a natureza, respirando o ar puro e deixando-se banhar pelo sol, a desenrascarem-se, a serem autónomos e, ao mesmo tempo, a viverem em equipa, nos grupos que formam, na alcateia, na expedição, na comunidade ou no clã, por um lado, e, por outro, a trabalharem em equipa e a respeitarem os chefes, numa rigorosa e quase militar cadeia de comando. É isto, aliás, que o Papa Francisco diz, quando reconhece que os jovens de hoje (e de sempre) gostam de percorrer o próprio caminho, que precisam de «ser acompanhados e orientados, mas livres para encontrar caminhos sempre novos, com criatividade e ousadia»²⁵⁴. O escutismo é, de facto, uma escola de ousada criatividade. Aliás, o Papa Francisco menciona a relação sadia dos escuteiros com a natureza e propõe-nos como modelo para os outros:

²⁵⁴ PAPA FRANCISCO, *Cristo Vive. Exortação Apostólica pós-sinodal CHRISTUS VIVIT aos Jovens e a todo o Povo de Deus*, Prior Velho, Paulinas, 2013.

«Em muitos adolescentes e jovens, desperta especial atracção o contacto com a criação, sendo sensíveis à salvaguarda do meio ambiente, como no caso dos escuteiros e outros grupos que organizam dias de contacto com a natureza, acampamentos, caminhadas, expedições e campanhas ambientais. No espírito de São Francisco de Assis, são experiências que podem traçar um caminho para se introduzir na escola da fraternidade universal e na oração contemplativa»²⁵⁵.

4. Seguindo o exemplo de Baden Powell, os jovens escuteiros assumem como ideal pelo menos deixarem o mundo um pouco melhor do que o encontraram. Parece pouco ou minimalista, mas, na realidade, é muito, faz parte do sã realismo que o escuteiro é educado a cultivar na sua visão do mundo. O escuteiro católico sabe que o único Salvador é Jesus Cristo, como está escrito nos Actos dos Apóstolos: «Saiba toda a casa de Israel, com absoluta certeza, que Deus estabeleceu, como Senhor e Messias, a esse Jesus por vós crucificado» (Act 2,36); «E não á salvação em nenhum outro, pois não há debaixo do céu qualquer outro nome dado aos homens que nos possa salvar» (Act 4,12). Por isso, nesta base, o que o escuteiro católico pode (e deve, como missão) fazer, é colaborar com os outros e com Deus para deixar, ao partir, o mundo um pouco melhor do que o encontrou. A teologia, desde Santo Agostinho, ensina-nos esta relação de colaboração entre Deus e o homem, entre a graça e a natureza, entre a graça e a liberdade. Santo Agostinho dizia: «Deus, que nos criou sem nós, não quis salvar-nos sem nós»²⁵⁶. Esta doutrina foi assumida pelo Magistério da Igreja, dum modo solene no Decreto sobre a justificação do Concílio de Trento, quando, citando Santo Agostinho, diz que Deus premeia como nossos méritos o que são os seus dons²⁵⁷. É a esta colaboração a que no escutismo católico nos referimos quando dizemos que, no mínimo, o escuteiro deseja deixar o mundo um pouco melhor ou

²⁵⁵ PAPA FRANCISCO, *Cristo Vive*, 228.

²⁵⁶ SANTO AGOSTINHO, *Serm* 169,11,13: cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, § 1847.

²⁵⁷ «Deus cujus tanta est erga omnes homines bonitas ut eorum velit esse merita quae sunt ipsius dona» (c. 16 DS 810/1548 cf. AUGUSTINUS, *Epist.* 194, 19: PL 33, 880).

pelo menos não pior do que quando o encontrou. Portanto, o escuteiro não tem poder para salvar mundo; mas pode, com o auxílio da graça, fazer o que esteja ao seu alcance para que, pelo menos, o mundo não seja pior. Daqui se conclui que o escutismo católico deve promover uma autêntica vida cristã de prática sacramental de todos os seus membros. Sinceramente, não sei se este aspecto fundamental do escutismo católico está a ser devidamente tido em conta e praticado, pois há situações que deixam muito a desejar. Estamos ainda longe do ideal; há muitos trilhos ainda para explorar!

5. Uma questão que vejo com certa apreensão é a seguinte: a introdução da «pedagogia da coeducação» obrigou a ceder na pedagogia do escutismo, que promovia, na intenção e no projecto do seu fundador, princípios e leis que se destinavam a formar rapazes, e que, portanto, não podem sem mais ser aplicados no sistema da pedagogia da «coeducação». Foi bom para todos, para os rapazes e para as raparigas, a introdução da «coeducação» no escutismo? A introdução da coeducação no escutismo não terá como consequência «feminizar» os rapazes ou «masculinizar» as raparigas? Em que medida deu espaço para que uns e outros tenham protagonismo? Em que medida obrigou ou não a reformulações na pedagogia e na estrutura dos animadores? Em que medida facilitou ou não o relacionamento mais equilibrado entre rapazes e raparigas? Em que medida a coeducação pode ter consequências na definição de modelos de rapazes e raparigas?

6. Uma última questão a que esta investigação ajudou a dar uma resposta, é a seguinte: ao longo da sua história, o escutismo manteve-se sempre igual ou se sofreu alguma evolução? Na minha actual visão das coisas, penso que podem verificar-se três mudanças significativas ao longo da história do escutismo. Podemos dizer que o escutismo sofreu profundas alterações ao longo da sua história, embora se tenha mantido relativamente constante nas suas intuições fundamentais tal como foi pensado por Baden Powell. Refiro-me ao seu ideal de formar o carácter dos jovens pela vida ao ar livre, viver

a vida como um jogo, correr riscos e ser capaz de se desenrascar em situações difíceis em que é deixado ao cuidado de si mesmo. No modo como vejo agora as coisas, julgo que se podem identificar duas alterações na história do escutismo.

- a) Mas uma primeira mudança no seu percurso pode considerar-se o seu «baptismo católico», porque, ao ser assumido pela Igreja como um movimento juvenil, a sua técnica e a sua pedagogia foram postas ao serviço da formação cristã dos jovens, portanto, com uma espiritualidade própria, que foi particularmente proposta pelo Magistério da Igreja.
- b) E uma segunda evolução deve ser considerada a introdução da «coeducação», pela qual o escutismo deixou de ser exclusivamente para rapazes, para ser um movimento para jovens, rapazes e raparigas.

O futuro será, para que se mantenha, conseguido na continuidade com esta história e a esta evolução, mantendo-se fiel aos seus princípios e às suas leis, que esses devem manter-se inalteráveis.

Podemos então concluir dizendo que o escutismo procura despertar o talento de cada jovem, o seu caminho. Não é uma fábrica em que todos são formatados em série, mas uma escola em que cada um pode descobrir e encontrar o seu percurso. O escutismo proporciona experiências estimulantes, que levam os jovens a ganhar bagagem, para se tornarem autónomos, responsáveis, capazes de liderar e de serem liderados, de fazer projectos, de trabalhar em equipa... O nó, a tenda e as caminhadas ao ar livre são meios que ajudam a desenvolver a habilidade manual, a treinar a resistência, a educar para o trabalho em grupo.

Ser escuteiro é uma atitude, é uma maneira de estar, que mantém os jovens «alerta» para estarem preparados para serem cidadãos activos, sempre prontos a servir

não só em determinado dia ou hora, mas sempre. É, como escrevia Baden Powell, em “*A Caminho do Triunfo*”, para ser feliz e ajudar a inventar e tornar o mundo melhor.

Bibliografia

1. Fontes

BADEN-POWELL, R. *Escutismo para Rapazes*, Lisboa, CNE, 2018.

---, *Auxiliar do chefe escuta*, Lisboa,: CNE, 2018, sétima edição.

---, *A caminho do Triunfo*, Lisboa, CNE,2018.

BENTO XV, PIO XI, PIO XII, *Sobre o Escotismo*, Petrópolis, Vozes, 1955.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *O escutismo, escola de educação*, Lisboa, secretariado da Conferência Episcopal Portuguesa, 1995.

JOÃO PAULO II, *Mensagem João Paulo II aos voluntários* (CNC, 2001).

PAPA FRANCISCO, *Laudato si'* [2015], Prior Velho, Paulinas, 2015.

---, *Cristo vive. Exortação Apostólica pós-sinodal 'Christus vivit' aos Jovens e a todo o Povo de Deus* (25.03.2019), Prior Velho, Paulinas, 2019.

---, *Exortação apostólica pós-sinodal «Querida Amazônia»*, in *Lumen* ano 81-Série III – nº 1 (2020) 7-34.

PIO XII, *Carta encíclica «Mystici Corporis Christi*, Petrópolis, Vozes, 1960.

2. Estudos

BASADONNA, G., *Espiritualidade do caminho*, Lisboa, CNE, 1995.

BASTIN, R., *Baden-Powell. Cidadão do mundo*, Lisboa, CNE, 1980, segunda edição.

CORPO NACIONAL DE ESCUTAS, *Celebrações do CNE. Jesus Cristo... ontem, hoje e sempre*, Lisboa, CNE, 1998.

---, *Programa Educativo*, Lisboa, CNE, 2010.

---, *Baden-Powell Hoje*, Lisboa, CNE,2012.

---, *Mística e Simbologia do Corpo Nacional de Escutas*, Lisboa, CNE, 2014.

EQUIPA MEACE, *Livro do Visionário*, Maia 2003.

FERREIRA, A.M. –ALMEIDA, J. M., (Coordenação), *Religião e Cidadania Protagonistas, Motivações e Dinâmicas Sociais no Contexto Ibérico*, Lisboa, CEHR-UCP, 2011.

FONTES, P., *O Catolicismo português no séc. XX: da separação à democracia*, CARLOS MOREIRA AZEVEDO (Dir.), *História Religiosa de Portugal*, Vol. 3, Rio de Mouro, Circulo dos Leitores, 2002, 129-315.

---, *Jovens, menos jovens e a educação das novas gerações. Algumas notas sobre a condição juvenil*, in *Communio. Revista Internacional Católica*, Ano XI, nº 6, 1995, 503-514.

---, *As organizações de juventude e o movimento católico no século XX em Portugal*, in *História*, Ano XIX (Nova Série), 1997, 16-29.

FONTE, M. (recolha), *Mística e Simbologia do CNE*, Lisboa, CNE, 2001.

L.D., *Escutismo e acção católica*, in *Novellae Olivarum*, Ano 12, nº 116 (1954) 174-176.

MARQUES, T. P., O Apostolado da Oração e a socialização religiosa das camadas populares, in MATOS FERREIRA, A. –MIGUEL ALMEIDA, J. , (Coordenação), *Religião e Cidadania Protagonistas, Motivações e Dinâmicas Sociais no Contexto Ibérico*, Lisboa, CEHR-UCP, 2011 455-468.

MATOS, L. S., As associações voluntárias do Estado e da Igreja Católica no Portugal contemporâneo, in MATOS FERREIRA, A. –MIGUEL ALMEIDA, J. , (Coordenação), *Religião e Cidadania Protagonistas, Motivações e Dinâmicas Sociais no Contexto Ibérico*, Lisboa, CEHR-UCP, 2011, 429-454.

MÜLLER, A., *A pista do tesouro: Baden-Powel e o escutismo*, Porto, Liv. Tavares Martins, 1975.

NORMAND, J.-P., *A lei do escuta*, Lisboa, CNE, 2011.

REIS, J. V., *Corpo Nacional de Escutas. Uma história de Factos*, Lisboa, CNE, 2007.

RIBEIRO, A.A., *A Igreja fala-nos do escutismo*, in *Novellae Olivarum*, Ano 16, nº 148(1958), 9-16.

RODRIGUES, A. R., *O escutismo e a transmissão da fé*, Lisboa, 2011.

SALGADO, B., *Radiosa Floração*, Braga, CNE, 1948.

SEVIN, J., *Evangelho do Escuteiro*, Porto, Edições Salesianas, 1993.

SICA, M. (Org.), *Baden-Powell. O Rasto do Fundador*, Lisboa, CNE, 2013.

SILVA, R. (Org.), *Escutismo e desenvolvimento espiritual. Perspectiva do Corpo Nacional de Escutas*, Lisboa, CNE, 2008.

VICENTE, A.C., *A introdução do escutismo em Portugal*, in *Lusitania Sacra*, 2ª série, 16 (2004), 203-245.

3. Outra bibliografia

FERRARI, Rachele da Silva, *Voluntariado: uma dimensão ética* (São Paulo, 2008) (Dissertação de Mestrado em psicologia clínica).

GOMES, J.P., *D. Manuel Vieira de Matos, Bispo da Guarda (1903-1914)*. Um esboço cronológico para servir à sua biografia, in *Theologica*, 2ª série, 43,2 (2008) 451-468.

HÖPPEN, S. R., *O voluntariado e a fé cristã juvenil: observação sobre avanços e retrocessos a partir de casos pesquisados no colégio Frederico Jorge Logemann em Horizontina – RS* (São Leopoldo, 2007) (Dissertação de Mestrado em Teologia).

KIPLING, R., *O Livro da Selva*, Porto, Porto editora, 2016.

RITA, M. J., *Voluntariado e cidadania* (Ano internacional do voluntário, 2001).

S.A., *Voluntário sim, mas com responsabilidade* (maisumescoteiro (blogue) (agosto 22, 2011)

SERRANO, R., *12 Reflexões sobre o voluntariado* (2011, Ano europeu do voluntariado).

Anexos

1. Lei e princípios do escutismo

A Lei e a Promessa constituem o ideário fundacional e fundamental do Escutismo, agregando e apresentando os valores por este preconizados em toda a fraternidade mundial.

Lei

No Corpo Nacional de Escutas a Lei é:

1. A honra do Escuta inspira confiança.
2. O Escuta é leal.
3. O Escuta é útil e pratica diariamente uma boa acção.
4. O Escuta é amigo de todos e irmão de todos os outros Escutas.
5. O Escuta é delicado e respeitador.
6. O Escuta protege as plantas e os animais.
7. O Escuta é obediente.
8. O Escuta tem sempre boa disposição de espírito.
9. O Escuta é sóbrio, económico e respeitador do bem alheio.
10. O Escuta é puro nos pensamentos, nas palavras e nas acções.

Princípios

O Corpo Nacional de Escutas definiu ainda três Princípios:

1. O Escuta orgulha-se da sua Fé e por ela orienta toda a sua vida.
2. O Escuta é filho de Portugal e bom cidadão.
3. O dever do Escuta começa em casa.

Todos os membros do Corpo Nacional de Escutas, à luz dos princípios enunciados, aderem voluntariamente à Associação, no compromisso com a Lei, base de toda a acção escutista, pela Promessa, concebidas pelo Fundador do Movimento Escutista, nos termos seguintes:

Promessa

«Prometo, pela minha honra e com a graça de Deus, fazer todo o possível por:

- cumprir os meus deveres para com Deus, a Igreja e a Pátria;
- auxiliar o meu semelhante em todas as circunstâncias;
- obedecer à Lei do Escuta».

No caso da Alcateia, existem as seguintes especificidades:

Lei

1. O Lobito escuta «Àquêlà».
2. O Lobito não se escuta a si próprio.

Máximas

1. O Lobito pensa primeiro no seu semelhante.
2. O Lobito sabe ver e ouvir.
3. O Lobito é asseado.
4. O Lobito é verdadeiro.
5. O Lobito é alegre.

Promessa

Prometo, da melhor vontade:

- ser amigo de Jesus, amando os outros;
- respeitar a Lei da Alcateia;
- praticar diariamente uma boa-acção.

2. Carta Católica do Escutismo²⁵⁸

Versão escutista da Carta comum à Conferência Internacional Católica do Escutismo (CICE) e à Conferência Internacional Católica do Guidismo (CICG), adoptada em Julho de 1977 pelo Conselho Mundial da CICE reunido em Montreal e pelo Conselho Mundial da CICG reunido em Roma.

1. O Escutismo, na intenção do seu fundador Baden-Powell, conduz os jovens a fazerem-se artífices do seu próprio desenvolvimento, e o seu método estimula o crescimento da pessoa e das comunidades.

É por isso que os católicos reconhecem na educação fundamentalmente libertadora²⁵⁹ proposta pelo método escutista um acesso aos valores do Evangelho. Esta educação libertadora é capaz de conduzir à plena responsabilidade e ao desenvolvimento integral de cada pessoa.

2. A experiência vivida pelo grupo de escuteiros é um despertar da pessoa para si própria, para o mundo, e para as suas próprias dimensões espirituais. O Escutismo pode assim tomar-se o lugar de uma autêntica revelação de Jesus Cristo. Esta evangelização situa-se no próprio coração do Escutismo, o qual suscita a adesão pessoal e o testemunho de vida, através dos seus programas, das suas actividades, da sua pedagogia comunitária e activa.

Os animadores escutistas católicos vivem a sua busca e o seu compromisso de cristãos fazendo caminho com os seus escuteiros. Ao partilharem a sua história, oferecem-lhes as condições de fazer nascer uma comunidade onde a Palavra de Deus seja conhecida, acolhida, vivida e celebrada.

Esta tarefa é realizada em colaboração com sacerdotes que partilham do mesmo caminho, com a contribuição específica do seu ministério na Igreja. Esta tarefa é para animadores uma maneira concreta de viverem e de fazerem crescer a sua fé, de participarem na missão confiada por Jesus Cristo à sua Igreja.

É assim que eles se situam no apostolado dos leigos.

3. A unidade do Escutismo Mundial reveste-se de uma grande riqueza, pela sua diversidade.

A Organização Mundial do Movimento Escutista é um lugar privilegiado de encontro de todas as origens, de todas as raças, de todas as nações, e de todas as religiões ou espiritualidades. Tendo em vista a construção efectiva da unidade, os católicos, contribuem para o movimento do Escutismo Mundial com os valores que são próprios à sua vida comunitária de baptizados.

Para isso, têm necessidade de espaços e de tempos específicos onde possam definir os caminhos da revelação de Jesus Cristo na história, confrontar as buscas e as interrogações da sua Fé, e celebrar nos sacramentos o mistério de Cristo morto e ressuscitado.

E assim que eles corporizam a Igreja vivida em grupo, em comunhão com a Igreja universal.

4. Em cada país, as situações, as características da Organização Escutista Mundial, e as orientações pastorais da Igreja local, diferem das dos outros países. Compete então aos católicos que vivem o Escutismo, conscientes das dimensões comunitárias da sua Fé, e em diálogo com os seus bispos por um lado e com a sua associação por outro, estabelecer as condições mais favoráveis à sua educação tal como é definida no ponto 2 da presente Carta.

5. A CICE é um apelo da Igreja para viver a comunhão, aprofundar a Fé e partilhar a experiência cristã.

Assim, a CICE:

- permite uma tomada de consciência da Igreja no seio do Escutismo vivido pelos católicos;
- toma parte na vida da Igreja universal, nomeadamente como Organização Internacional Católica (OIC), contribuindo com a sua própria experiência e recebendo a dos outros;
- assegura uma presença do mundo dos jovens na Igreja;

²⁵⁸ Cf. J. V. REIS, *Corpo Nacional de Escutas*, 522.

²⁵⁹ Educação Libertadora", aqui entendida como a educação tal como é concebida no espírito de "*Gravissimum Educationis*" (Cone. Vat. II), "*Populorum Progressio*" (1967, n.º 15, 18-18), Documentos de Medellín (1969, Cap. IV), "*Evangelii Nuntiandi*" (915, 8.12.75).

- participa na evolução e no aprofundamento dos valores espirituais do Escutismo através do diálogo entre católicos e não-católicos, entre crentes e não-crentes.

**Anexo à Carta Católica do Escutismo:
Para um Diálogo entre o Escutismo e a Igreja Católica²⁶⁰**

Em cada país, as situações, as características de uma Associação Escutista Nacional e as orientações pastorais da Igreja local são diferentes.

Cabe, assim, aos católicos que vivem o Escutismo, conscientes das dimensões comunitárias da sua Fé, definir, em diálogo com os bispos, por um lado, e com a Associação, por outro, as condições mais favoráveis para a educação tal como está definido nos pontos 1 e 2 da Carta Católica do Escutismo.

Neste sentido, é importante realçar particularmente a realização concreta e explícita do seguinte:

a) Cada Associação católica, Conselho ou Comité católico das associações pluralistas vive em comunhão eclesial, enquanto iniciativas livremente promovidas pelos crentes e reconhecidas pelas autoridades competentes.

Os sinais explícitos desta fidelidade são expressos através de um diálogo constante com os pastores e por uma presença activa em todas as instâncias participativas abertas aos leigos nas Igrejas locais.

b) Cada Conferência Episcopal, como reconhecimento pleno da identidade específica da acção e da presença dos católicos no Escutismo, é convidada a dar a sua atenção e interesse na sua relação com a Associação, Conselho ou Comité católico escutista e a proporcionar-lhe uma pedagogia de desenvolvimento da fé.

Em particular, a Conferência Episcopal disponibiliza assistentes eclesiásticos que exercem a sua missão sacerdotal confiada pelo bispo, como presbíteros que participam no Escutismo integrados nas Associações, Conselhos ou Comités católicos.

c) Em cada país, cada expressão católica do Escutismo deve viver harmoniosamente a síntese entre a sua pertença à Organização Mundial do Movimento Escutista (OMME) e a comunhão com a Igreja local e universal.

Esta relação harmoniosa é de importância fundamental como sinal e testemunho educativo para os seus membros, assim como expressão manifesta da «*cooperação e intercâmbio para um maior fortalecimento e êxito do Movimento como experiência educativa válida*» (João Paulo II, audiência ao Secretário-Geral da OMME, de 20 de Setembro de 1990).

²⁶⁰ Documento aprovado pelo Comité Mundial do Escutismo em 25 de Abril de 1992, pela CICE na reunião do seu Comité Permanente, em 4 de Maio de 1992, e pelos órgãos competentes da Santa Sé, em Julho de 1992. O documento foi enviado pelo Conselho Pontifício para os Leigos a todas as Conferências Episcopais, pela OMME a todas as associações escutistas e pela CICE a todas as Associações, Conselhos e Comités membros, como gesto concreto de aceitação de responsabilidade.

3. Gráficos

Fontes:

Gráficos 1 e 2: Anuário Católico de Portugal, anos 1931-2001. Base de dados: Portal da História Religiosa, Projectos, Crença e Cidadania, B.D. Organizações.

Gráficos 3 a 24: cf. JOÃO VASCO REIS, *Corpo Nacional de Escutas. Uma história de Factos*. Lisboa, CNE, 2007, 451-480.491.

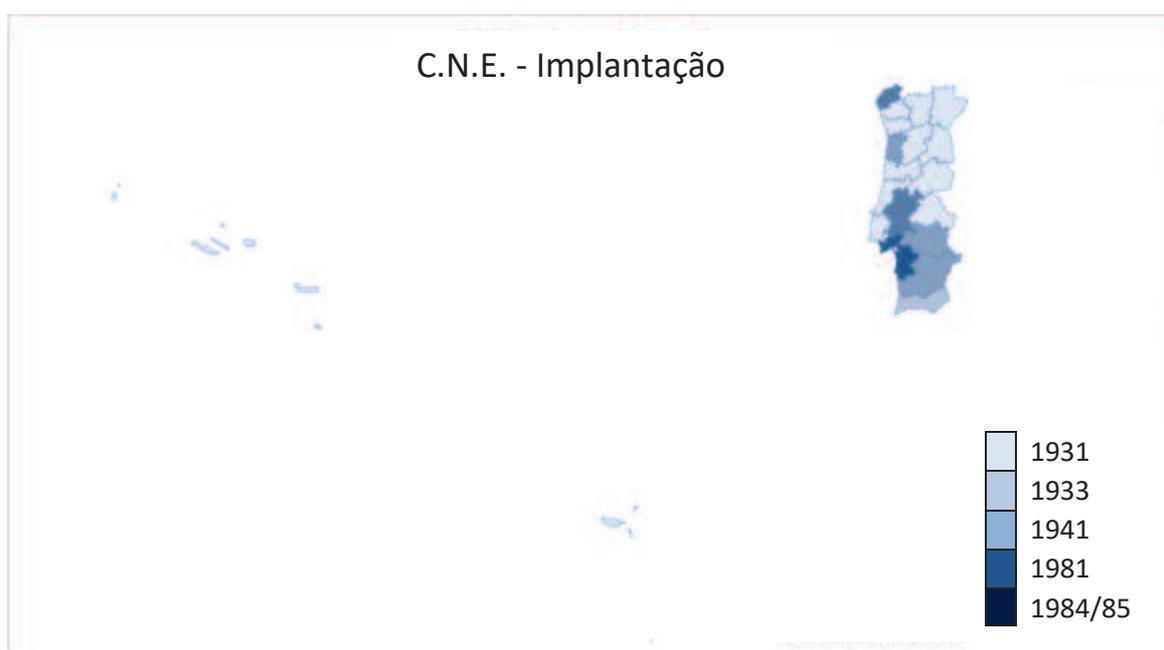


Gráfico 1 – Evolução da implantação do CNE em Portugal

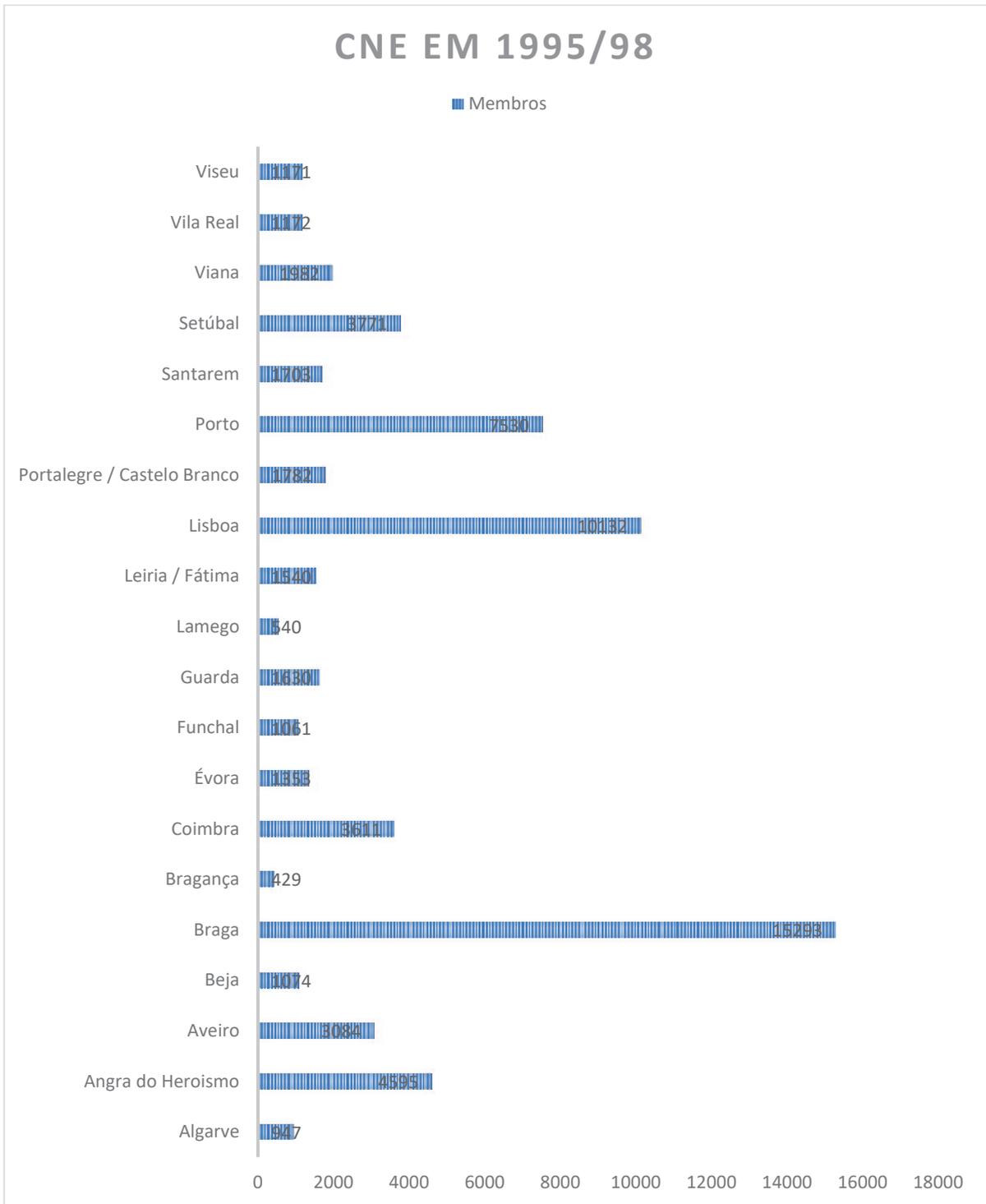


Gráfico 2 – Distribuição do número de efectivos do CNE em 95/98 pelas várias dioceses

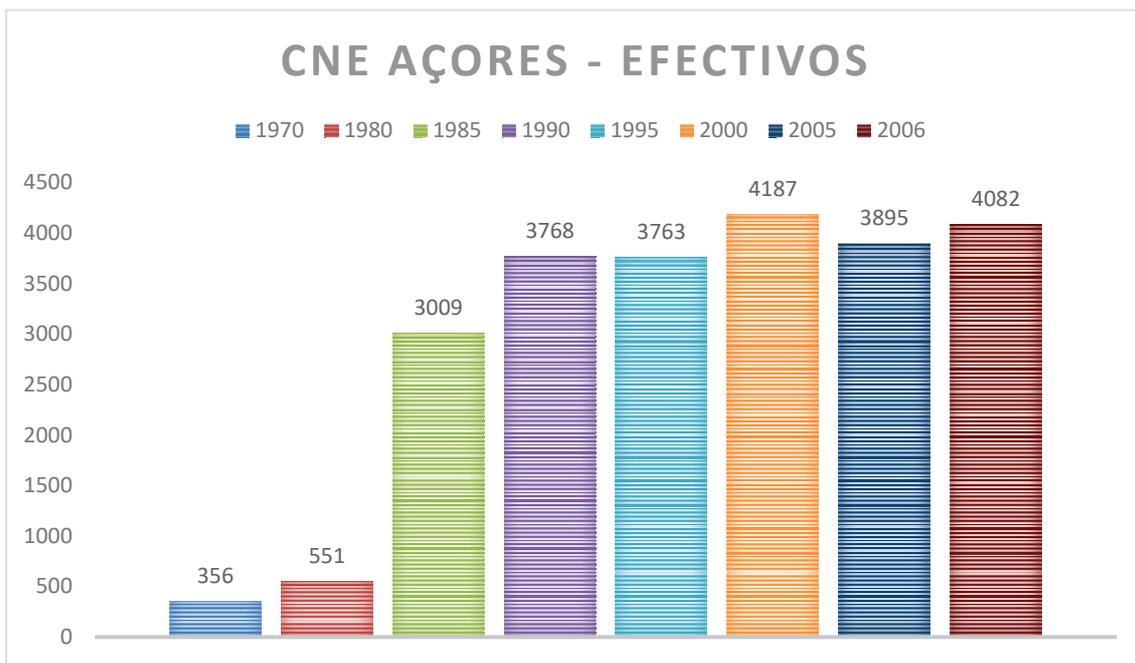


Gráfico 3 – Evolução do número de efectivos na diocese dos Açores de 1970 a 2006

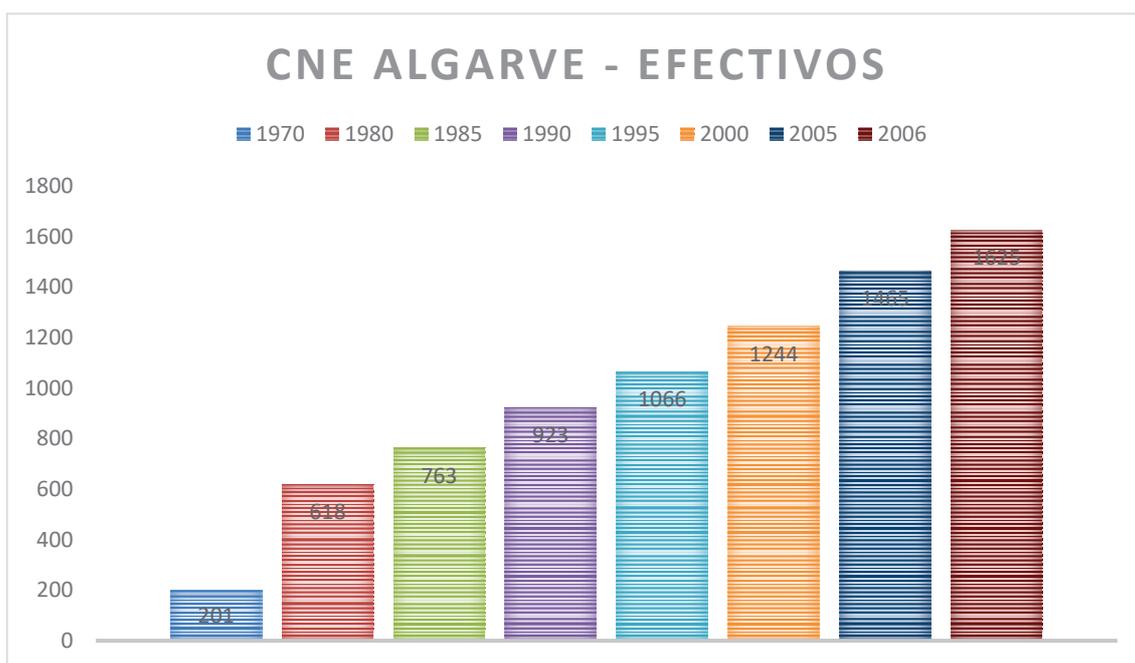


Gráfico 4 – Evolução do número de efectivos na diocese do Algarve de 1970 a 2006

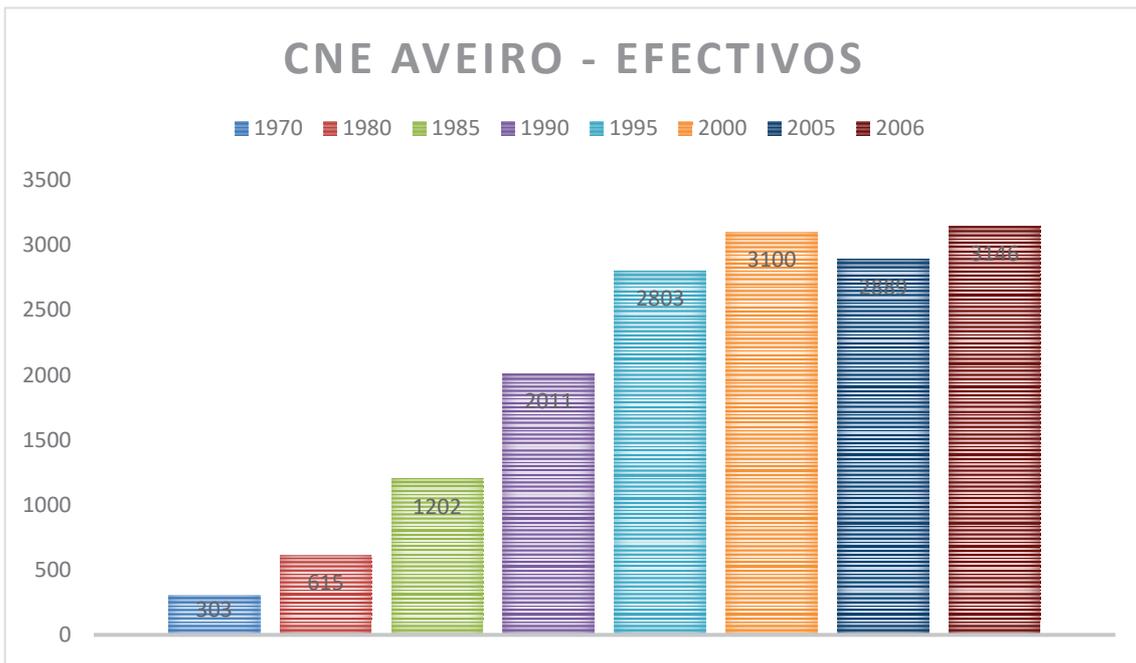


Gráfico 5 – Evolução do número de efectivos na diocese de Aveiro de 1970 a 2006

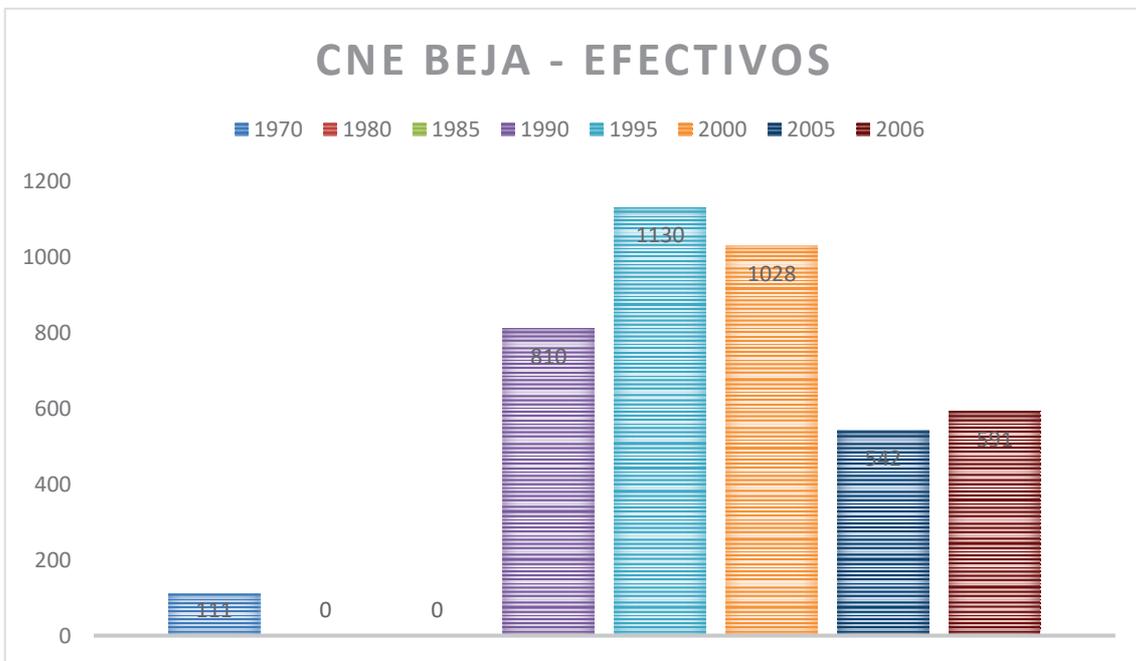


Gráfico 6 – Evolução do número de efectivos na diocese de Beja de 1970 a 2006

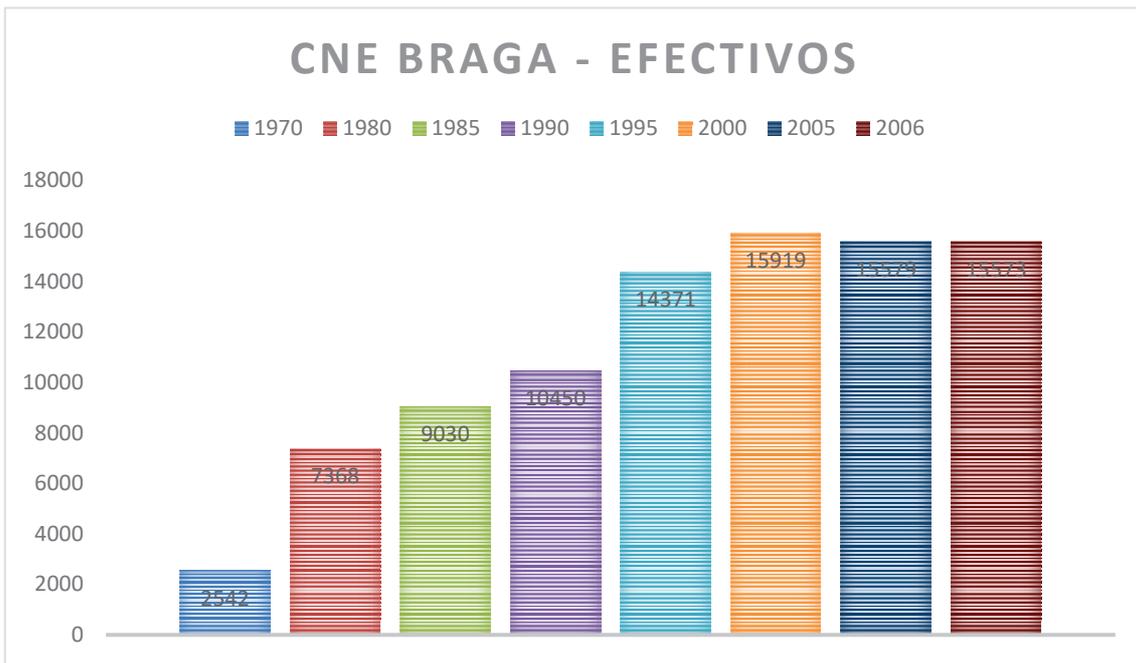


Gráfico 7 – Evolução do número de efectivos na diocese de Braga de 1970 a 2006

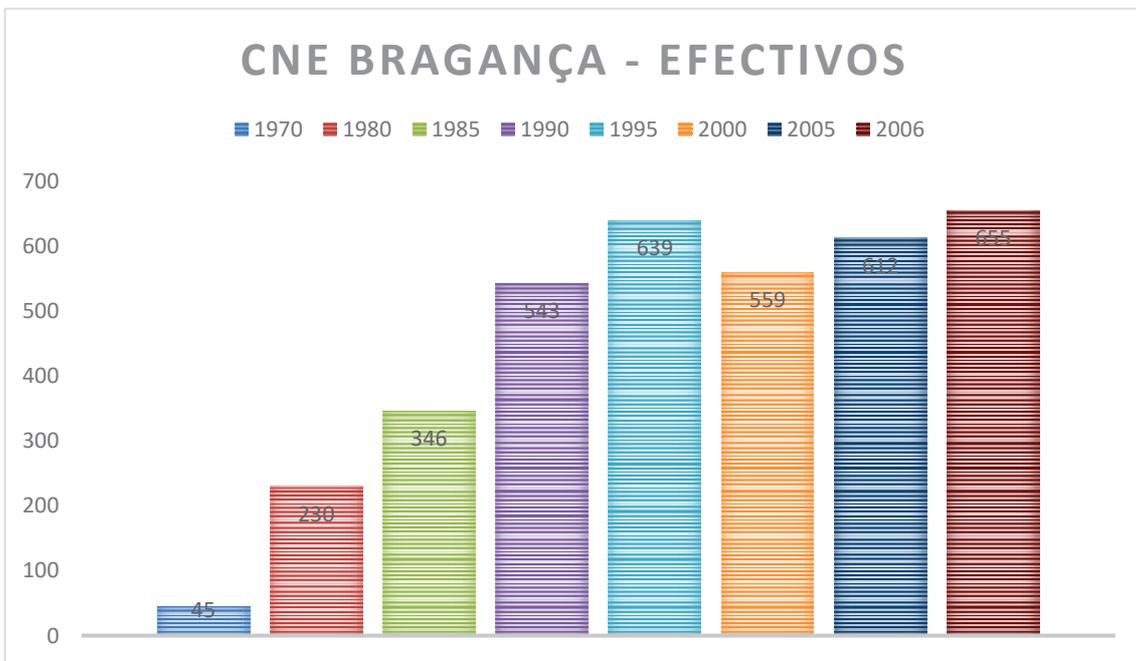


Gráfico 8 – Evolução do número de efectivos na diocese de Bragança de 1970 a 2006

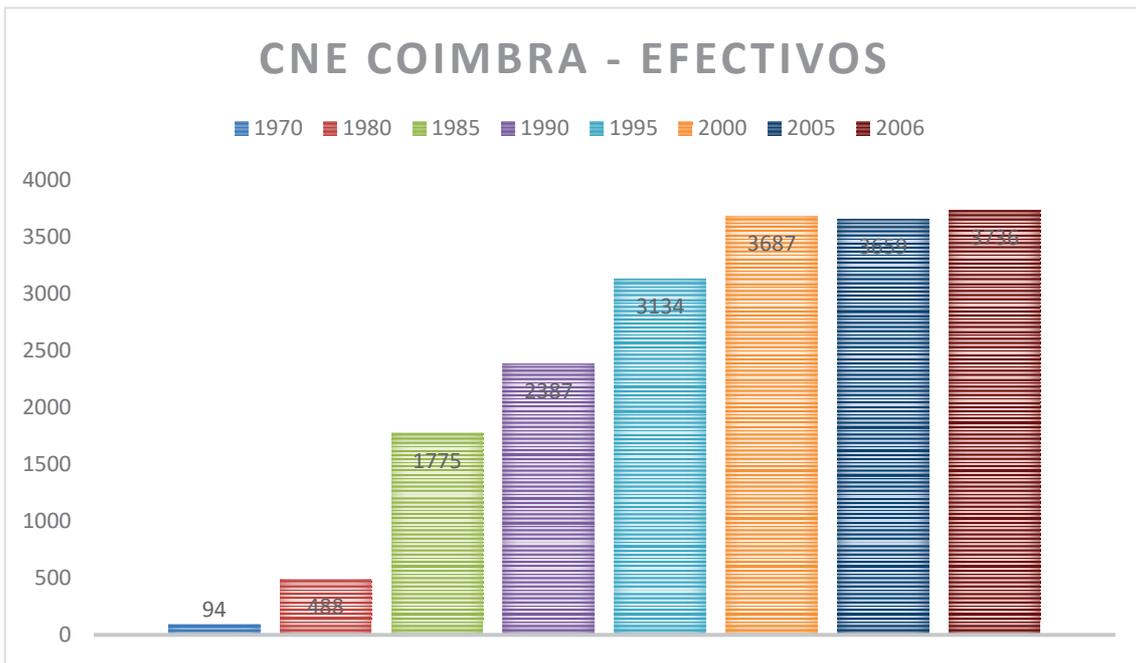


Gráfico 9 – Evolução do número de efectivos na diocese de Coimbra de 1970 a 2006

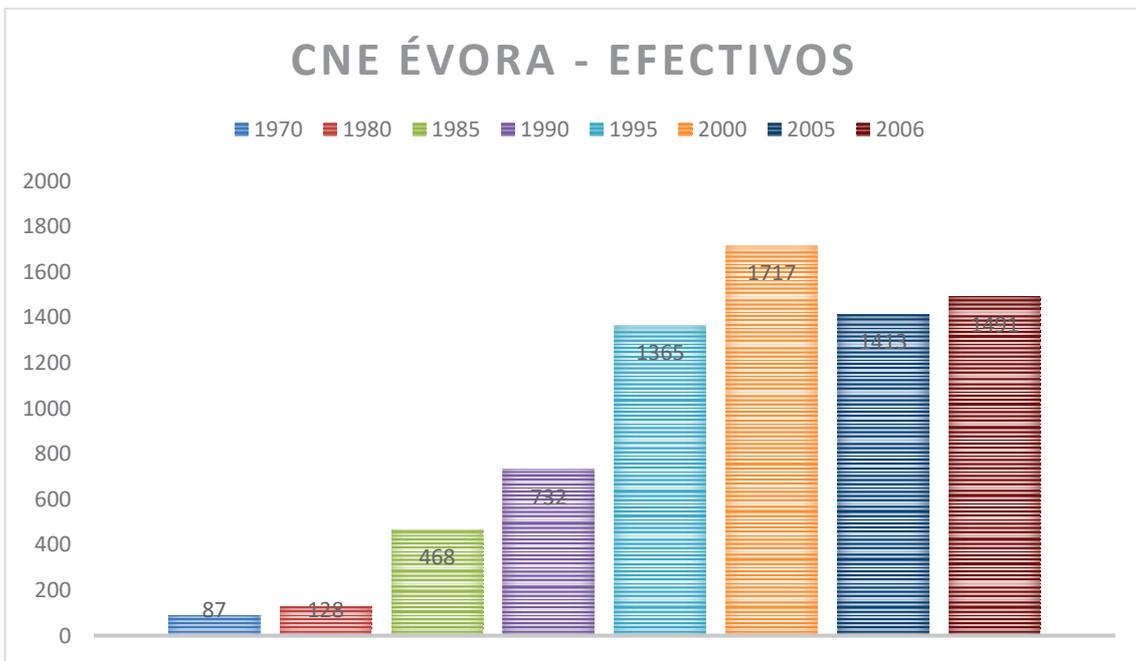


Gráfico 10 -- Evolução do número de efectivos na diocese de Évora de 1970 a 2006



Gráfico 11 – Evolução do número de efectivos na diocese de Guarda de 1970 a 2006

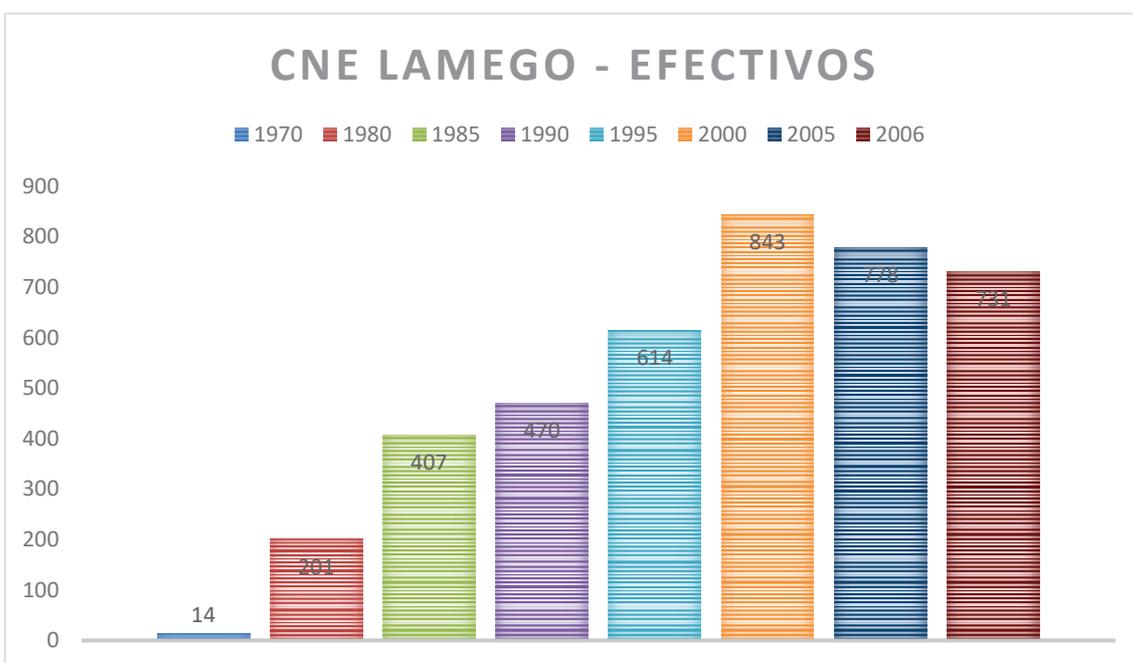


Gráfico 12 – Evolução do número de efectivos na diocese de Lamego de 1970 a 2006

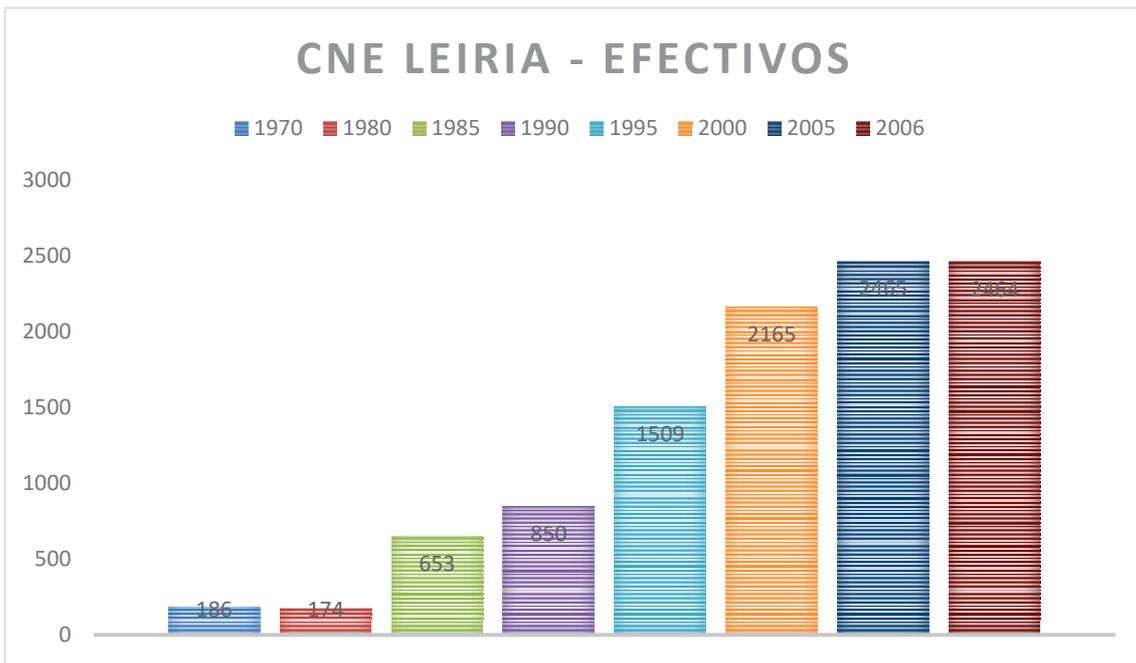


Gráfico 13 – Evolução do número de efectivos na diocese de Leiria de 1970 a 2006

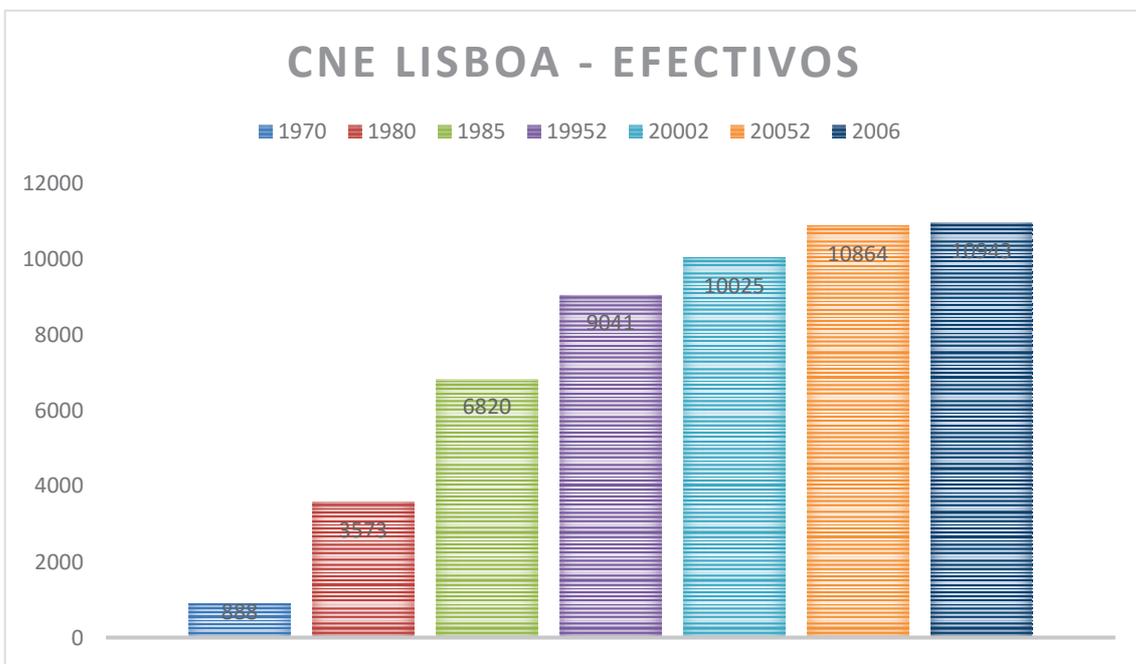


Gráfico 14 – Evolução do número de efectivos na diocese de Lisboa de 1970 a 2006

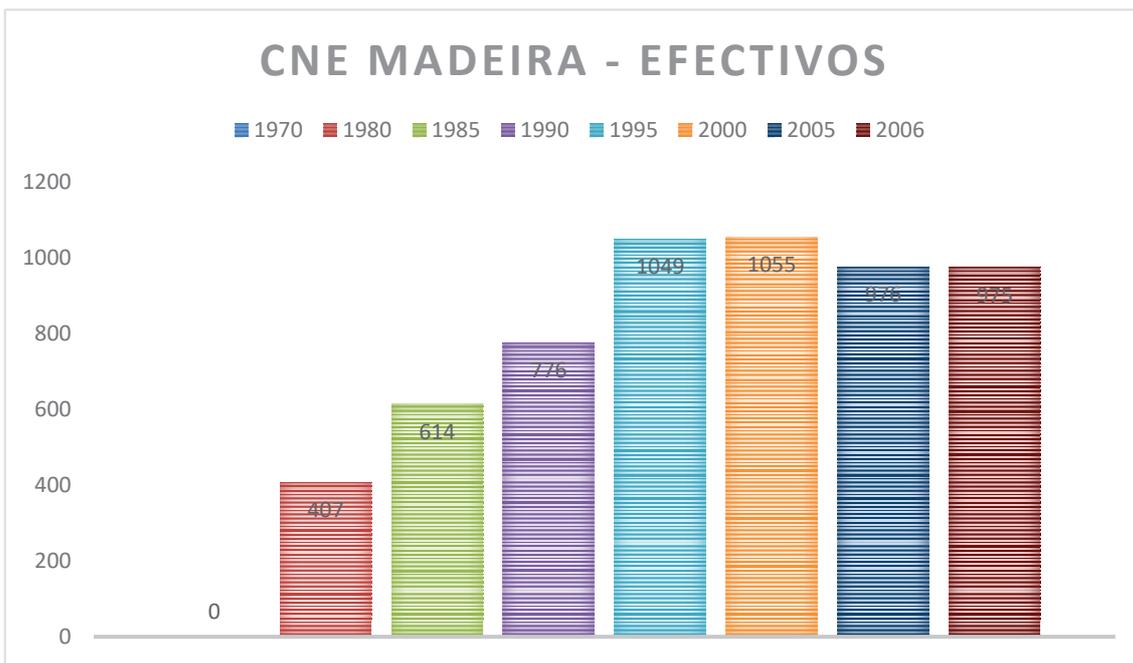


Gráfico 15 – Evolução do número de efectivos na diocese da Madeira de 1970 a 2006

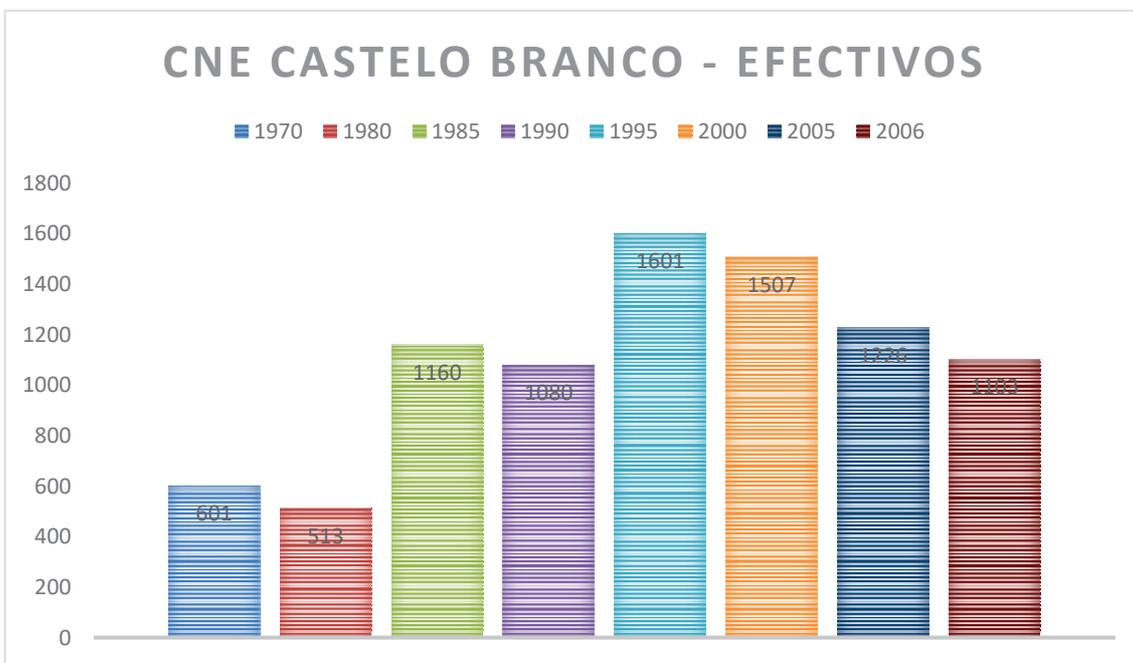


Gráfico 16 – Evolução do número de efectivos na diocese de Castelo Branco de 1970 a 2006

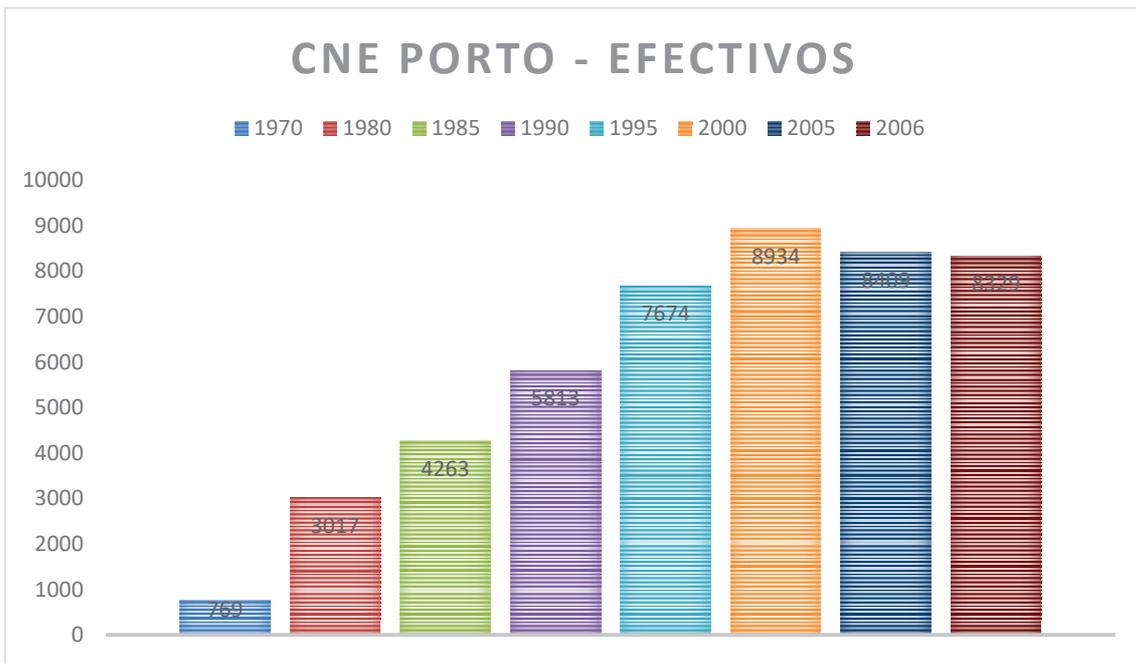


Gráfico 17 – Evolução do número de efectivos na diocese do Porto de 1970 a 2006

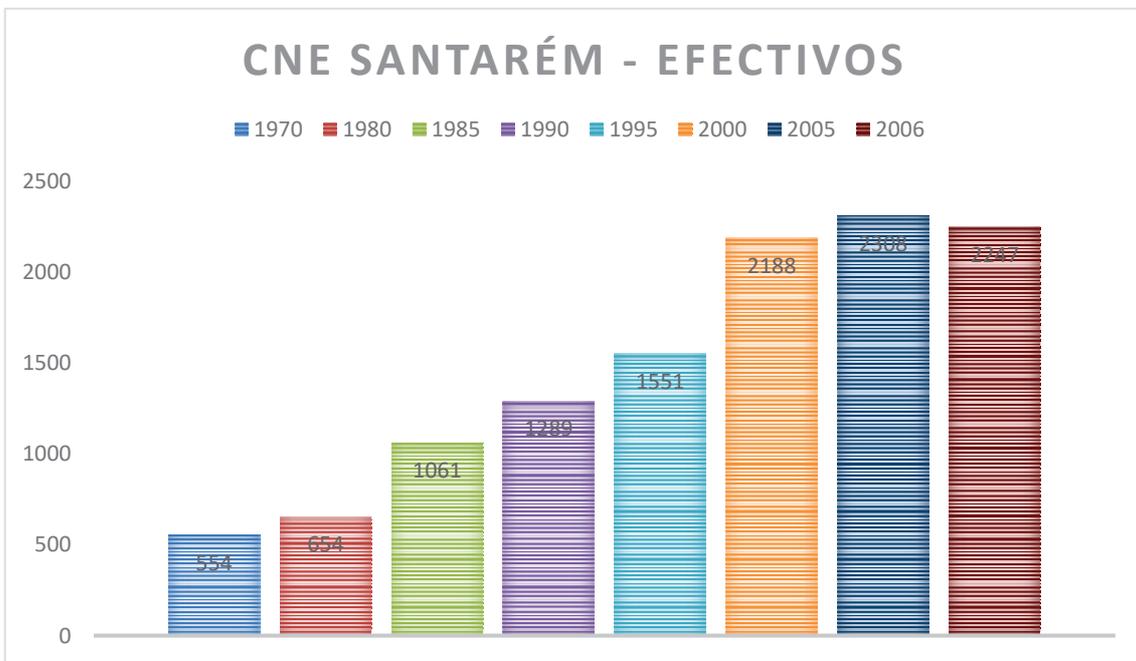


Gráfico 18 – Evolução do número de efectivos na diocese de Santarém de 1970 a 2006

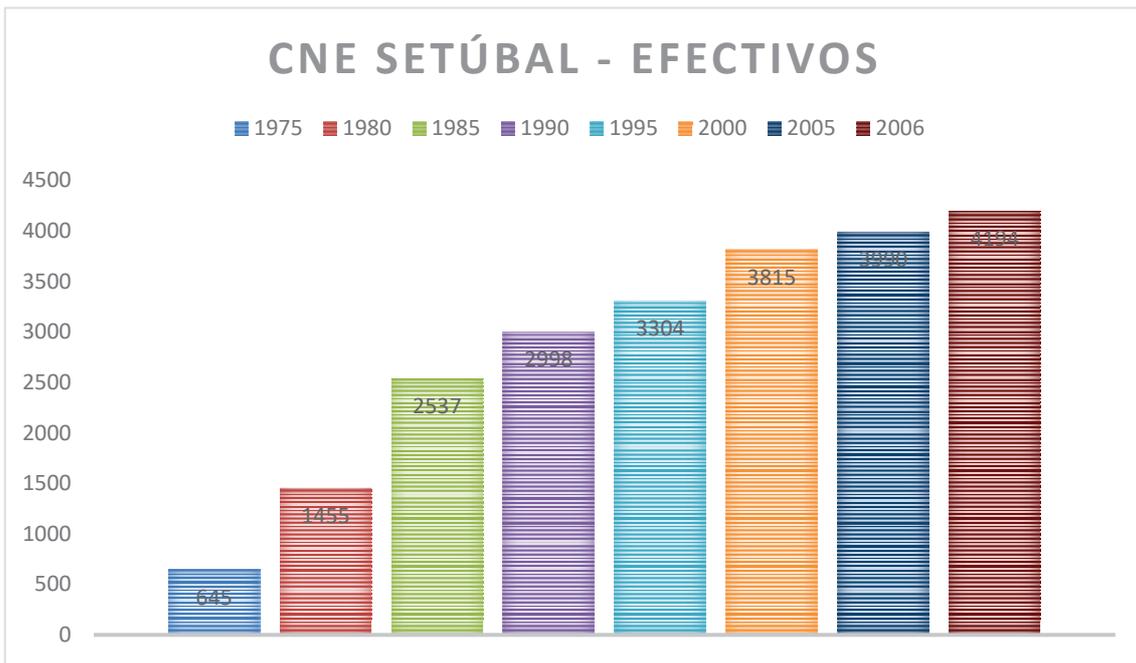


Gráfico 19 – Evolução do número de efectivos na diocese de Setúbal de 1975 a 2006

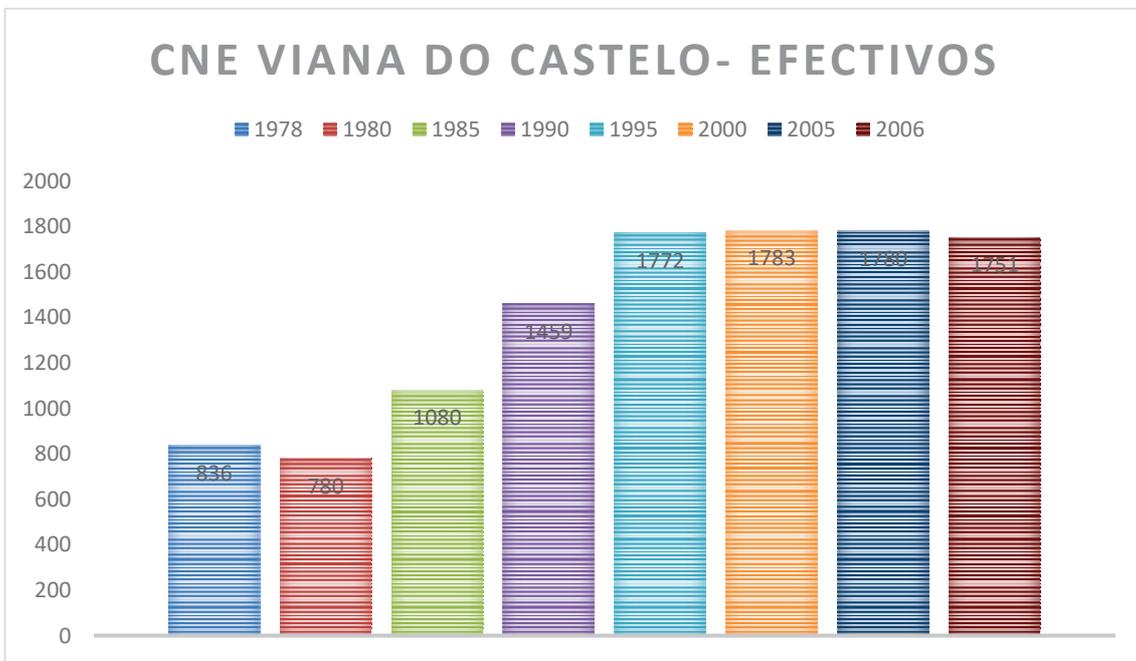


Gráfico 20 – Evolução do número de efectivos na diocese de Viana do Castelo de 1978 a 2006

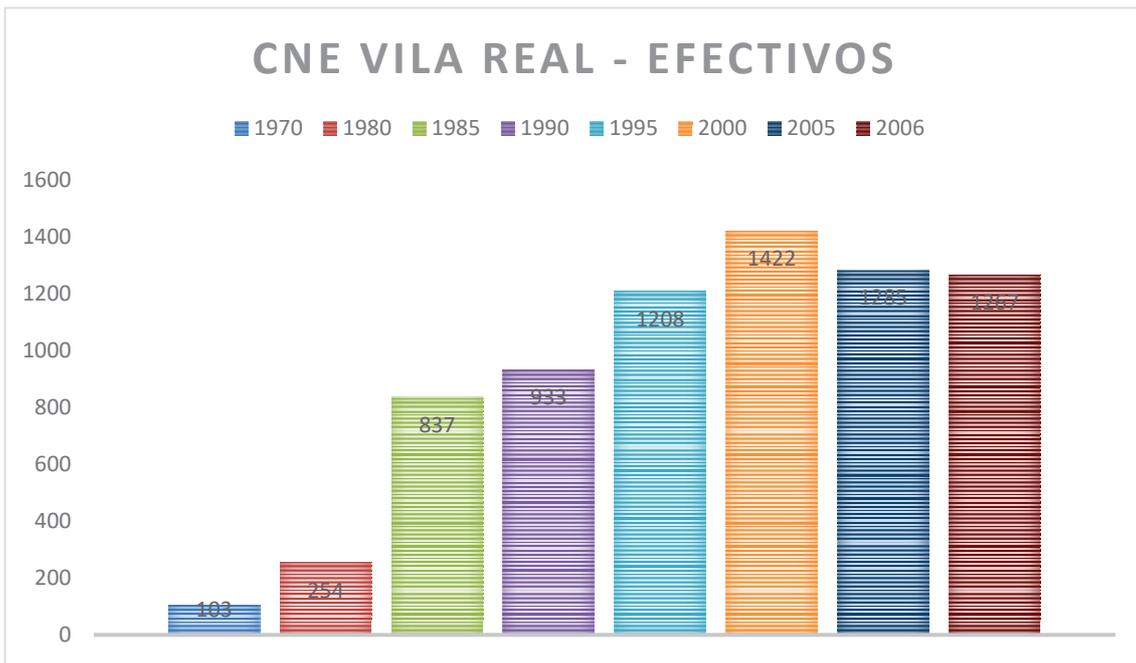


Gráfico 21 – Evolução do número de efectivos na diocese de Vila Real de 1970 a 2006

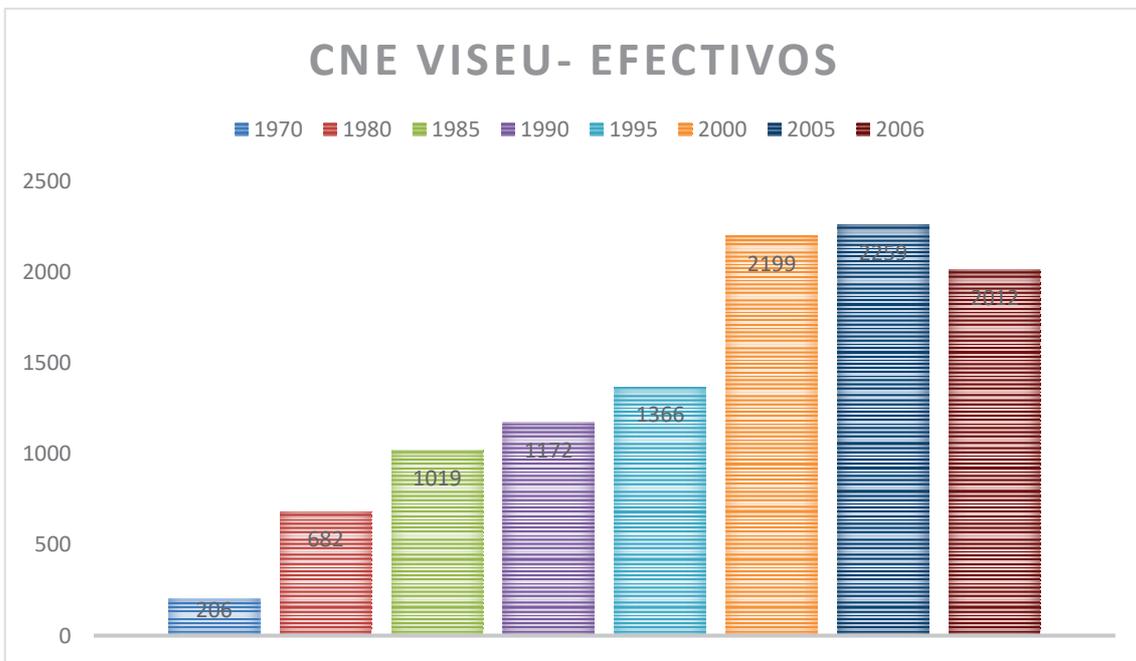


Gráfico 22 – Evolução do número de efectivos na diocese de Viseu de 1970 a 2006

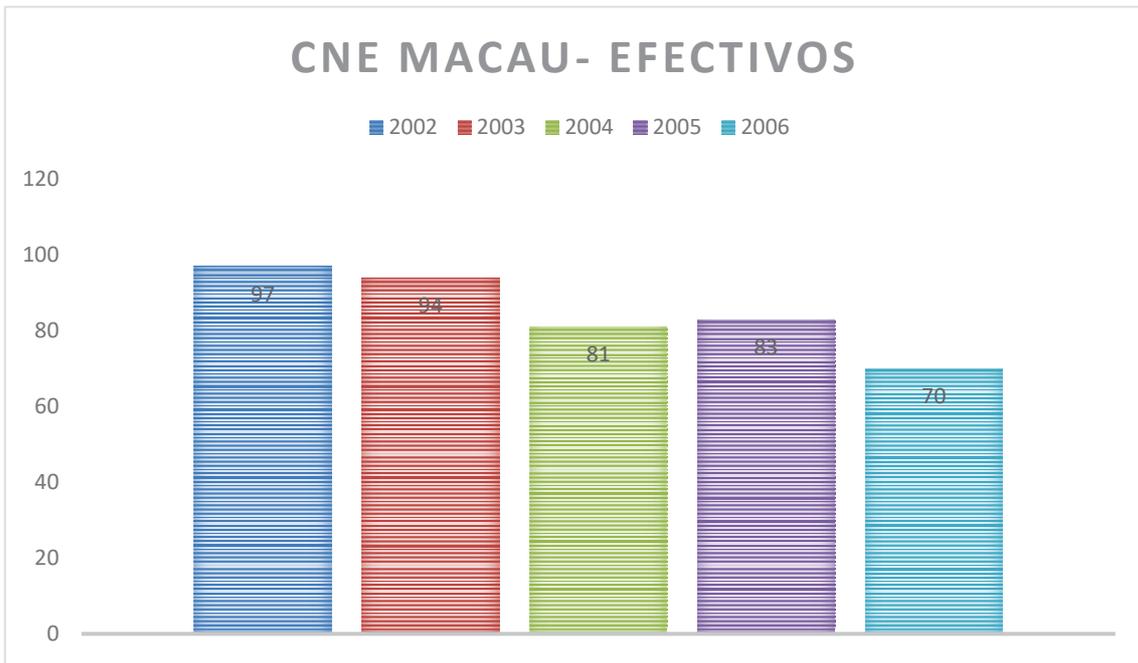


Gráfico 23 – Evolução do número de efectivos na diocese de Macau de 2002 a 2006

CNE EM 2006

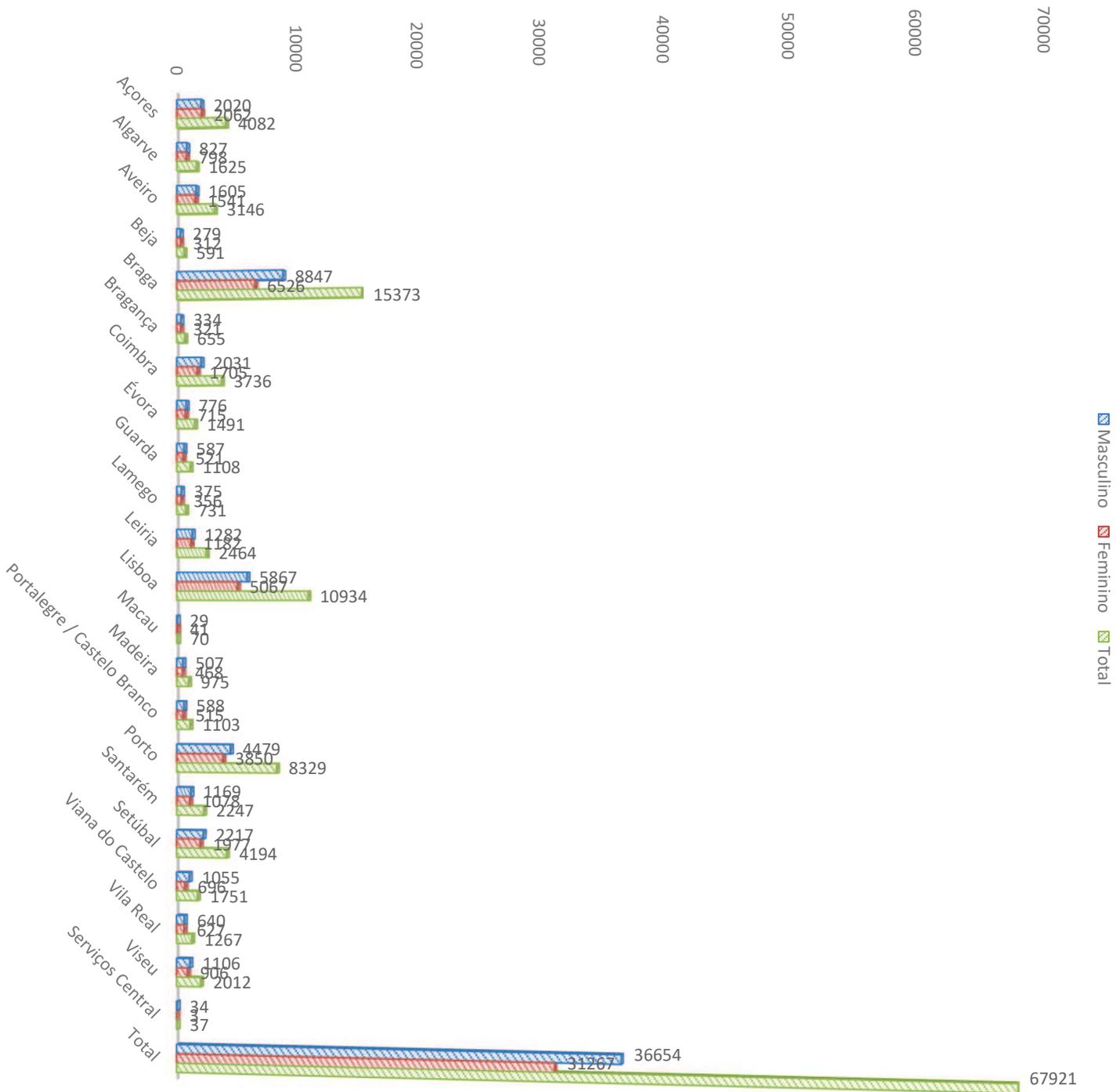


Gráfico 24 – Distribuição do número de efectivos do CNE em 2006 por sexo pelas várias dioceses

Índice

Introdução.....	2
CAP. I - NO RASTO DO FUNDADOR	5
1. Baden-Powell e o escutismo	5
2. O escutismo segundo R. Baden-Powell.....	11
2.1. O gosto de viver ao ar livre e a vida como um jogo	11
2.2. A formação do carácter e a atenção aos outros como condição de alcançar a felicidade	31
2.3. Formar o homem do futuro – a fraternidade escutista	41
CAP. II - O PERFIL DO ESCUTISMO CATÓLICO.....	47
1. O gosto por viver a vida como um jogo ao ar livre: a formação do carácter do homem cristão.....	47
1.1. O gosto do contacto com a natureza: o jogo ao ar livre	47
1.2. Em sintonia com a Laudato si' (2015)	50
2. A fraternidade escutista e a pertença à Igreja como corpo de Cristo.....	54
3. O escutismo católico segundo o Magistério	57
3.1. Bento XV.....	58
3.2. Pio XI.....	58
3.3. Pio XII.....	62
3.4. João Paulo II.....	64
3.5. Nota Pastoral da Conferência Episcopal	65
CAP. III - ESCUTISMO CATÓLICO EM PORTUGAL.....	71
1. Os movimentos juvenis em Portugal no séc. XX	71
1.1. As organizações católicas de juventude.....	73
1.2. A Acção Católica Portuguesa	76
2. A origem e afirmação do escutismo católico: a preocupação da Igreja em que o <i>escutismo</i> não afaste dela os jovens	78

2.1	O escutismo católico para rapazes.....	78
2.2.	O Guidismo em Portugal	84
2.3.	A pedagogia da coeducação.....	86
2.4.	O Escutismo e a educação para a cidadania	87
2.4.1.	Na senda do Fundador	88
2.4.2.	O reconhecimento do Magistério	89
3.	A implantação do escutismo em Portugal.....	91
	Conclusão	93
	Bibliografia	101
1.	Fontes.....	101
2.	Estudos	101
3.	Outra bibliografia	102
	Anexos.....	103
1.	Lei e princípios do escutismo	103
	Lei	103
	Princípios.....	103
	Promessa.....	104
	No caso da Alcateia, existem as seguintes especificidades:	104
2.	Carta Católica do Escutismo	105
3.	Gráficos	107